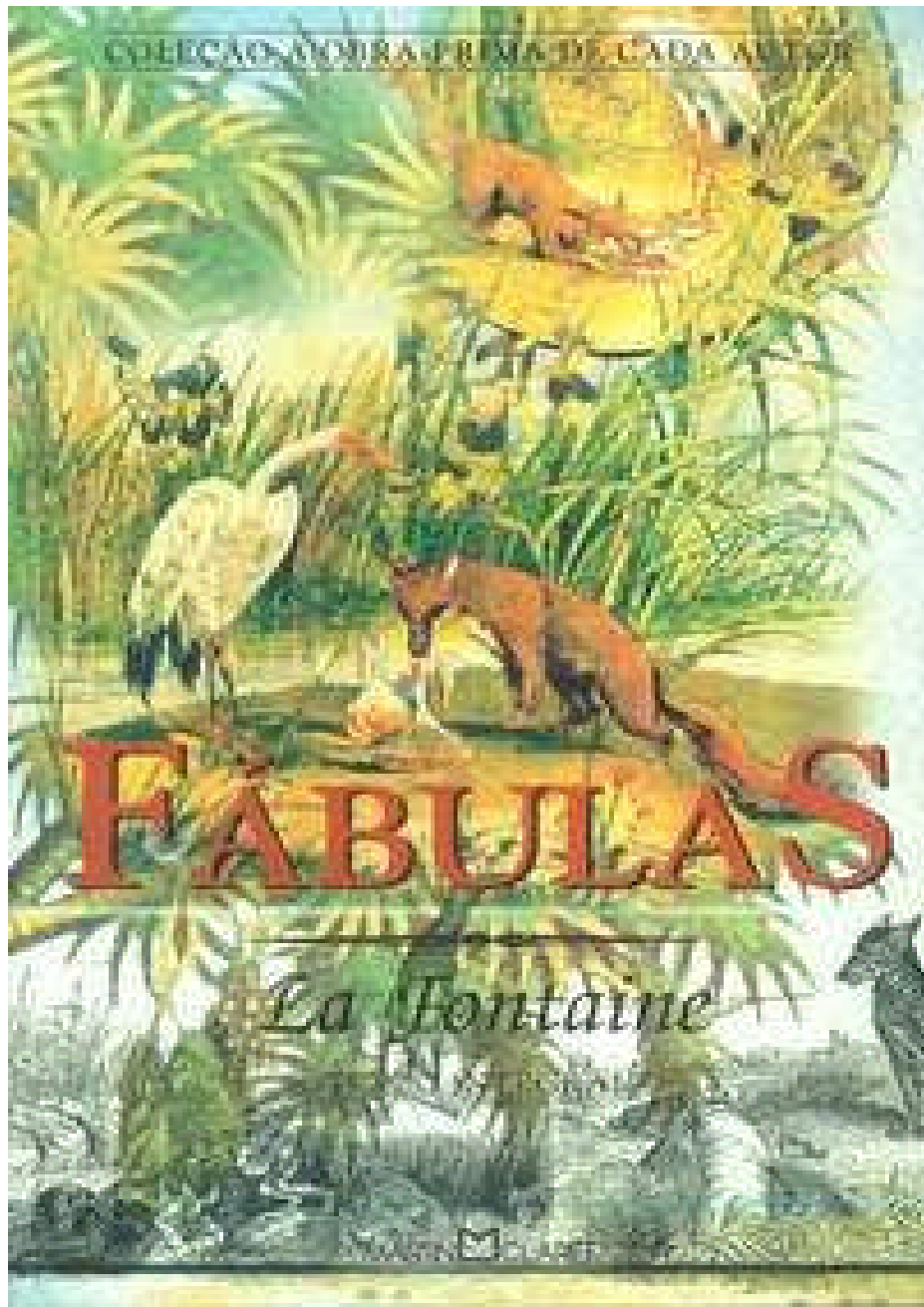


COLEÇÃO ADMIRA-PRIMA DE CADA AUTOR



# FABULAS

*La Fontaine*

# FÁBULAS



*La Fontaine*

Antologia

Tradução: Vários Tradutores

# C R É D I T O S

© *Copyright* desta tradução: Editora Martin Claret, 2005

Título original francês: *Fables*

## IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO

*Martin Ciarei*

## CAPA

Ilustração

*Marcellin Talbot*

## MIOLO

Revisão

*Marinice Argenta*

*M<sup>ra</sup> de Fátima C. A. Madeira*

Tradução

*Vários tradutores*

Projeto Gráfico

*José Duarte T. de Castro*

Direção de Arte

*José Duarte T. de Castro*

Digitação

*Graziella Gatti Leonardo*

Editoração Eletrônica

*Editora Martin Claret*

Fotolitos da Capa

*OESP*

Papel

*Off-Set, 70g/m<sup>2</sup>*

Impressão e Acabamento

*Paulus Gráfica*

**Editora Martin Claret Ltda** - Rua Alegrete, 62 - Bairro Sumaré

CEP: 01254-010 - São Paulo – SP

Tel.: (11) 3672-8144 - Fax: (11) 3673-7146

[www.martinclaret.com.br](http://www.martinclaret.com.br)

Agradecemos a todos os nossos amigos e colaboradores — pessoas físicas e jurídicas — que deram as condições para que fosse possível a publicação deste livro.

Este livro foi impresso na primavera de 2005.

# P R E F Á C I O

## A história do livro e a coleção "A Obra-Prima de Cada Autor"

MARTIN CLARET

Que é o livro? Para fins só estatísticos, na década de 1960, a UNESCO considerou o livro "uma publicação impressa, não periódica, que consta de no mínimo 49 páginas, sem contar as capas".

O livro é um produto industrial.

Mas também é mais do que um simples produto. O primeiro conceito que deveríamos reter é o de que o livro como objeto é o veículo, o suporte de uma informação. O livro é uma das mais revolucionárias invenções do homem.

A *Enciclopédia Abril* (1972), publicada pelo editor e empresário Victor Civita, no verbete "livro" traz concisas e importantes informações sobre a história do livro. A seguir, transcrevemos alguns tópicos desse estudo didático sobre o livro.

### O livro na Antiguidade

Antes mesmo que o homem pensasse em utilizar determinados materiais para escrever (como, por exemplo, fibras vegetais e tecidos), as bibliotecas da Antiguidade estavam repletas de textos gravados em tabuinhas de

barro cozido. Eram os primeiros "livros", depois progressivamente modificados até chegar a ser feitos — em grandes tiragens — em papel impresso mecanicamente, proporcionando facilidade de leitura e transporte. Com eles, tomou-se possível, em todas as épocas, transmitir fatos, acontecimentos históricos, descobertas, tratados, códigos ou apenas entretenimento.

Como sua fabricação, a função do livro sofreu enormes modificações dentro das mais diversas sociedades, a ponto de constituir uma mercadoria especial, com técnica, intenção e utilização determinadas. No moderno movimento editorial das chamadas sociedades de consumo, o livro pode ser considerado uma mercadoria cultural, com maior ou menor significado no contexto socioeconômico em que é publicado. Como mercadoria, pode ser comprado, vendido ou trocado. Isso não ocorre, porém, com sua função intrínseca, insubstituível: pode-se dizer que o livro é essencialmente um instrumento cultural de difusão de idéias, transmissão de conceitos, documentação (inclusive fotográfica e iconográfica), entretenimento ou ainda de condensação e acumulação do conhecimento. A palavra escrita venceu o tempo, e o livro conquistou o espaço. Teoricamente, toda a humanidade pode ser atingida por textos que difundem idéias que vão de Sócrates e Horácio a Sartre e McLuhan, de Adolf Hitler a Karl Marx.

### **Espelho da sociedade**

A história do livro confunde-se, em muitos aspectos, com a história da humanidade. Sempre que escolhem frases e temas, e transmitem idéias e conceitos, os escritores estão elegendo o que consideram significativo no momento histórico e cultural que vivem. E assim, fornecem dados para a

análise de sua sociedade. O conteúdo de um livro — aceito, discutido ou refutado socialmente — integra a estrutura intelectual dos grupos sociais.

Nos primeiros tempos, o escritor geralmente vivia em contato direto com seu público, que era formado por uns poucos letrados, já cientes das opiniões, idéias, imaginação e teses do autor, pela própria convivência que tinha com ele. Muitas vezes, mesmo antes de ser redigido o texto, as idéias nele contidas já haviam sido intensamente discutidas pelo escritor e parte de seus leitores. Nessa época, como em várias outras, não se pensava no enorme percentual de analfabetos. Até o século XV, o livro servia exclusivamente a uma pequena minoria de sábios e estudiosos que constituíam os círculos intelectuais (confinados aos mosteiros no início da Idade Média) e que tinham acesso às bibliotecas, cheias de manuscritos ricamente ilustrados.

Com o reflorescimento comercial europeu em fins do século XIV, burgueses e comerciantes passaram a integrar o mercado livreiro da época. A erudição laicizou-se, e o número de escritores aumentou, surgindo também as primeiras obras escritas em línguas que não o latim e o grego (reservadas aos textos clássicos e aos assuntos considerados dignos de atenção).

Nos séculos XVI e XVII, surgiram diversas literaturas nacionais, demonstrando, além do florescimento intelectual da época, que a população letrada dos países europeus estava mais capacitada a adquirir obras escritas.

## **Cultura e comércio**

Com o desenvolvimento do sistema de impressão de Gutenberg, a Europa conseguiu dinamizar a fabricação de livros, imprimindo, em cin-

qüenta anos, cerca de vinte milhões de exemplares para uma população de quase cem milhões de habitantes, a maioria analfabeta. Para a época, isso significou enorme revolução, demonstrando que a imprensa só se tornou uma realidade diante da necessidade social de ler mais.

Impressos em papel, feitos em cadernos costurados e posteriormente encapados, os livros tomaram-se empreendimento cultural e comercial: os editores passaram logo a se preocupar com melhor apresentação e redução de preços. Tudo isso levou à comercialização do livro. E os livreiros baseavam-se no gosto do público para imprimir, sobretudo, obras religiosas, novelas, coleções de anedotas, manuais técnicos e receitas.

O percentual de leitores não cresceu na mesma proporção que a expansão demográfica mundial. Somente com as modificações socioculturais e econômicas do século XIX — quando o livro começou a ser utilizado também como meio de divulgação dessas modificações, e o conhecimento passou a significar uma conquista para o homem, que, segundo se acreditava, poderia ascender socialmente se lesse — houve um relativo aumento no número de leitores, sobretudo na França e na Inglaterra, onde alguns editores passaram a produzir, a preços baixos, obras completas de autores famosos. O livro era então interpretado como símbolo de liberdade, conseguida por conquistas culturais. Entretanto, na maioria dos países, não houve nenhuma grande modificação nos índices percentuais até o fim da Primeira Guerra Mundial (1914/18), quando surgiram as primeiras grandes tiragens de livros, principalmente romances, novelas e textos didáticos. O número elevado de cópias, além de baratear o preço da unidade, difundiu ainda mais a literatura. Mesmo assim, a maior parte da população de muitos países continuou distanciada, em parte porque o livro, em si, tinha sido

durante muitos séculos considerado objeto raro, passível de ser adquirido somente por um pequeno número de eruditos. A grande massa da população mostrou maior receptividade aos jornais, periódicos e folhetins, mais dinâmicos e atualizados, além de acessíveis ao poder aquisitivo da grande maioria.

Mas isso não chegou a ameaçar o livro como símbolo cultural de difusão de idéias, como fariam, mais tarde, o rádio, o cinema e a televisão.

O advento das técnicas eletrônicas, o aperfeiçoamento dos métodos fotográficos e a pesquisa de materiais praticamente imperecíveis fazem alguns teóricos da comunicação de massa pensar em um futuro sem os livros tradicionais, com seu formato quadrado ou retangular, composto de folhas de papel, unidas umas às outras por um dos lados.

Seu conteúdo e suas mensagens, racionais ou emocionais, seriam transmitidos por outros meios, como, por exemplo, microfilmes e fitas gravadas.

A televisão transformaria o mundo inteiro em uma grande "aldeia" (como afirmou Marshall McLuhan), no momento em que todas as sociedades decretassem sua prioridade em relação aos textos escritos.

Mas a palavra escrita dificilmente deixaria de ser considerada uma das mais importantes heranças culturais, para todos os povos.

E no decurso de toda a sua evolução, o livro sempre pôde ser visto como objeto cultural (manuseável, com forma entendida e interpretada em função de valores plásticos) e símbolo cultural (dotado de conteúdo, entendido e interpretado em função de valores semânticos). As duas maneiras podem fundir-se no pensamento coletivo, como um conjunto orgânico (em que texto e arte se completam, como, por exemplo, em um livro de



arte) ou apenas como um conjunto textual (no qual a mensagem escrita vem em primeiro lugar — em um livro de matemática, por exemplo).

A mensagem (racional, prática ou emocional) de um livro é sempre intelectual e pode ser revivida a cada momento.

O conteúdo, estático em si, dinamiza-se em função da assimilação das palavras pelo leitor, que pode discuti-las, reafirmá-las, negá-las ou transformá-las. Por isso, o livro pode ser considerado um instrumento cultural capaz de liberar informação, sons, imagens, sentimentos e idéias através do tempo e do espaço.

A quantidade e a qualidade das idéias colocadas em um texto podem ser aceitas por uma sociedade, ou por ela negadas, quando entram em choque com conceitos ou normas culturalmente admitidas.

Nas sociedades modernas, em que a classe média tende a considerar o livro como sinal de *status* e cultura (erudição), os compradores utilizam-no como símbolo mesmo, desvirtuando suas funções ao transformá-lo em livro-objeto.

Mas o livro é, antes de tudo, funcional — seu conteúdo é que lhe confere valor (como os livros das ciências, de filosofia, religião, artes, história e geografia, que representam cerca de 75% dos títulos publicados anualmente em todo o mundo).

## **O mundo lê mais**

No século XX, o consumo e a produção de livros aumentaram progressivamente. Lançado logo após a Segunda Guerra Mundial (1939/45), quando uma das características principais da edição de um livro era as capas entreteladas ou cartonadas, o livro de bolso constituiu um grande êxito

comercial. As obras — sobretudo *best-sellers* publicados algum tempo antes em edições de luxo — passaram a ser impressas em rotativas, como as revistas, e distribuídas às bancas de jornal. Como as tiragens elevadas permitiam preços muito baixos, essas edições de bolso popularizaram-se e ganharam importância em todo o mundo.

Até 1950, existiam somente livros de bolso destinados a pessoas de baixo poder aquisitivo; a partir de 1955, desenvolveu-se a categoria do livro de bolso "de luxo". As características principais destes últimos eram a abundância de coleções — em 1964 havia mais de duzentas nos Estados Unidos — e a variedade de títulos, endereçados a um público intelectualmente mais refinado.

A essa diversificação das categorias adiciona-se a dos pontos-de-venda, que passaram a abranger, além das bancas de jornal, farmácias, lojas, livrarias, etc. Assim, nos Estados Unidos, o número de títulos publicados em edições de bolso chegou a 35 mil em 1969, representando quase 35% do total dos títulos editados.

### **Proposta da coleção "A Obra-Prima de Cada Autor"**

A palavra "coleção" é uma palavra há muito tempo dicionarizada, e define o conjunto ou reunião de objetos da mesma natureza ou que têm qualquer relação entre si. Em um sentido editorial, significa o conjunto não-limitado de obras de autores diversos, publicado por uma mesma editora, sob um título geral indicativo de assunto ou área, para atendimento de segmentos definidos do mercado.

A coleção "A Obra-Prima de Cada Autor" corresponde plenamente à definição acima mencionada. Nosso principal objetivo é oferecer, em formato de bolso, a obra mais importante de cada autor, satisfazendo o leitor que procura qualidade\*.

Desde os tempos mais remotos existiram coleções de livros. Em Ní-nive, em Pérgamo e na Anatólia existiam coleções de obras literárias de grande importância cultural. Mas nenhuma delas superou a célebre biblioteca de Alexandria, incendiada em 48 a.C. pelas legiões de Júlio César, quando estes arrasaram a cidade.

A coleção "A Obra-Prima de Cada Autor" é uma série de livros a ser composta de mais de 400 volumes, em formato de bolso, com preço altamente competitivo, e pode ser encontrada em centenas de pontos-de-venda. O critério de seleção dos títulos foi o já estabelecido pela tradição e pela crítica especializada. Em sua maioria, são obras de ficção e filosofia, embora possa haver textos sobre religião, poesia, política, psicologia e obras de auto-ajuda. Inauguram a coleção quatro textos clássicos: *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; *O Príncipe*, de Maquiavel; *Mensagem*, de Fernando Pessoa e *O Lobo do Mar*, de Jack London.

Nossa proposta é fazer uma coleção quantitativamente aberta. A periodicidade é mensal. Editorialmente, sentimo-nos orgulhosos de poder oferecer a coleção "A Obra-Prima de Cada Autor" aos leitores brasileiros. Nós acreditamos na função do livro.



---

\* Atendendo a sugestões de leitores, livreiros e professores, a partir de certo número da coleção, começamos a publicar, de alguns autores, outras obras além da sua obra-prima.

# I N T R O D U Ç Ã O

## La Fontaine e as suas fábulas

PINHEIRO CHAGAS

O que faz o supremo encanto de La Fontaine como fabulista, o que constitui a sua imensa superioridade sobre todos os que antes e depois dele trataram este mesmo gênero, não é de certo a originalidade, porque raríssimas serão as fábulas cuja idéia ele não houvesse encontrado em Esopo e em Phedro, nos fabulários da meia-idade, ou nos contos italianos; não é também a beleza excepcional do estilo, nem a pureza da metrificacão bastante desleixada às vezes. O que constitui o seu encanto supremo é a vida que ele sabe dar a todos esses animais que se movem no imenso tablado da natureza, que falam a linguagem que ele lhes presta, obedecendo a paixões que ele lhes atribui. É que os seus personagens têm a um tempo a verdade humana e a verdade zoológica, não essa verdade ilusória que o Sr. Paulo de Rémusat dele exigiu, essa verdade que não é verossímil, essa verdade de empalhador zoológico que faz da borboleta o símbolo da constância, e da rola a imagem da volubilidade. La Fontaine escreveu verdadeiramente a *Comédia humana* dos animais. O cão, a raposa, o lobo, o leão, o rato, o gamo

são os Gobseck e os Rastignac, e os Rubempré que reaparecem a cada instante nos mil capítulos destacados desse vasto romance. É sempre com prazer que tornamos a encontrar o despótico leão, esse Luiz XIV da fábula, que entra também de chicote em punho no parlamento animalesco, e se deixa embair pela raposa cortezã e matreira como um Dangeau da corte leonina, e o estouvado ratito, e o *Monsieur du Corbeau*, vaidoso como um pintalegrete dos jardins de Versailles, e *dom pourveau*, como ele diz, grunhidor e pançudo como um abade espanhol.

Referi-me há pouco ao Sr. Paulo de Rémusat, e efetivamente esse escritor, em um artigo deveras infeliz, quer provar que La Fontaine era um detestável naturalista, que não conhecia os hábitos dos animais que punha em cena, e apenas prova que é ele que não compreende muitas vezes o pensamento do grande fabulista.

Não estranha, por exemplo, analisando a primeira fábula, que La Fontaine Fizesse da formiga uma avarenta, quando a formiga é pelo contrário um animal caridoso e socorredor, possuindo no mais alto grau o sentimento da solidariedade! Mas, Sr. Paulo de Rémusat, quem foi que lhe disse que a formiga de La Fontaine era uma avarenta? A formiga de La Fontaine é uma burguesa honesta, que lida de verão e de inverno, que cuida de si, do seu marido e dos seus filhos, do arranjo da sua casa, e que recebe na ponta das baionetas aquela cigana da cigarra, aquela cantadeira de estio, aquela artista da vida alegre, que parece não compreender o que a vida tem de sério e de austero, os santos deveres do trabalho e da família. É por isto que, de mão na ilharga, tendo acabado de dar farta esmola às formigas mais pobres, declara à aventureira que não há para ela pequeninos insetos na dispensa. E note-se que La Fontaine faz com que a cigarra seja repelida por

uma fêmea do formigueiro, e não por um macho. Os machos são indulgentes em geral para estas cantoras da vida airada, mas as fêmeas têm uma aversão profunda pelas artistas que passam a vida a cantar, enquanto elas a consomem na labutação incessante, na faina da casa. Não, Sr. Paulo de Rémusat, não foi La Fontaine que não compreendeu as formigas, foi o crítico que não compreendeu o poeta. Essas são as minuciosidades a que o espírito estreito dos realistas liga uma importância extrema. Há pouco tempo um crítico lembrou-se de notar o absurdo de Desdêmona falar depois de ter sido asfixiada com um travesseiro. Se podia falar, estava salva. É perfeitamente justa a observação, mas há três séculos que o *Othello* subjuga as platéias com a sublime expressão das paixões verdadeiramente humanas que nesse drama se agitam, sem que nunca os espectadores dessem por esse erro que é aliás incontestável.

Mas, deixando de parte essas insignificâncias, veremos na observação capital do Sr. de Rémusat que é ele que não entende o alcance das fábulas do grande poeta. Pois não se cansa a explicar que o corvo é um animal espartíssimo, e que não podia portanto cair nos laços da lisonjeira?! Mas onde é que La Fontaine assevera que o corvo seja um tolo? Pois quando o cardeal de Richelieu deixava cair as honras, as mercês sobre aqueles que fingiam entusiasmar-se com as suas tragédias, não se parecia terrivelmente com *Monsier du Corbeaul* E era um tolo o cardeal de Richelieu? Não obtinha tudo o que quisesse de Frederico II quem lhe louvasse os versos detestáveis, e era um tolo por acaso o grande rei da Prússia? Não, *Monsieur du Corbeau* não é um tolo, é um vaidoso, e ainda os mais inteligentes, sendo vaidosos, se deixaram ilaquear facilmente pelas mais grosseiras lisonjas.

Naturalista ou não, La Fontaine conhece admiravelmente os animais,

como conhece uma sociedade um viajante finamente observador, que se pode uma ou outra vez enganar no estudo de alguns costumes, mas que perfeitamente a compreende nos seus traços capitais. E aquele eterno distraído, aquele malicioso observador, em cujo espírito passa como em uma lanterna mágica a imagem da sociedade do seu tempo, que ele parece não ver, mas que ali se desenha com rara perfeição, sorriu-se com a sua legendaria *bonhomie* ao ver como se coadunam bem com as comédias de Versailles as comédias dos currais e das colméias, dos arvoredos e dos antros, dos lagos e dos rios. Na capoeira vê ele passar, de crista vermelha emproada, um galo Luiz XIV, seguido por uma galinha branca, que é a La Vallière, e uma galinha pedrês que é a Maintenon. As formigas organizam aos seus pés os cantões da sua Suíça. Rodeiam os cortesãos humildemente o leão que desperta, e recebe ao seu *petit lever* o seu ministro raposa, e o lobo seu superintendente. Ao ver a raposa aconselhar o leão doente a esfolar o lobo e a aquecer o corpo com a sua pele ainda tépida, parece-nos estar vendo Colbert a aconselhar Luiz XIV a tirar a pele também ao opulento Fouquet. E da mesma forma que vemos passar na obra vasta de Molière a humanidade encarnada nos tipos já hoje consagrados dos Orgons e dos Gerontes, dos Arnolphos e dos Leandros, dos Harpagões e dos Tartufos, assim vemos também nessa imensa e risonha comédia de La Fontaine, em uma comédia que povoa com os seus milhares de atores o monte e a planície, os bosques e os jardins, a humanidade disfarçada, como em um vasto carnaval, com raposas e lobos, cegonhas e tartarugas, ursos, leões e macacos. E o vulgo ri-se e trata desdenhosamente o *bonhomme* La Fontaine, que não se ocupa senão dos seus animais, dos seus títeres, dos seus bonifrates, cujos fios ele move, e que toda a atenção lhe cativam, e não reparam os frívolos

que o julgam frívolo que é a eterna comédia da humanidade que se está espelhando aos seus olhos nesse mundo inferior, cuja inteligência ele defende energicamente contra Descartes, nessa sociedade de colossos e de infinitamente pequenos, onde, como acontece entre os homens, são a força e a manha que triunfam sobre a razão e o direito.

\* \* \*

Jean de La Fontaine nasceu em 1621 em Château-Thierry, na Champagne, e foi o suco e o verdor dessa boa terra francesa onde nasce o mais francês de todos os vinhos. Se a sociedade de Versailles o tivesse envolto nos seus liames, como envolveu Molière e Racine, nunca La Fontaine escreveria senão pastorais; mas felizmente La Fontaine era tão distraído, que passou pela corte sem que desse por tal, e sem que dessem por ele! A isso deve o grito independente da sua musa, até às vezes revolucionária:

*Notre ennemi, c'est nutre maitre  
Je vous le dis en bon françois.*

La Fontaine era filho de um inspetor das águas e florestas, como hoje diríamos, que lhe deixou o seu emprego, bastante rendoso. Um tio, cônego em Soissons, emprestou-lhe uns livros de devoção, e aqui temos o nosso La Fontaine, ardendo em aspirações religiosas, e morto por entrar nas ordens. Um oficial da guarnição lê-lhe uma ode de Malherbe, e La Fontaine atira ao lume os sermonários, e desata a fazer odes. O seu parente Pintrel e o seu colega Maucroix recomendam-lhe a leitura dos antigos, e dentro em pouco aparece o nosso fabulista com uma comédia de Terêncio traduzida. Apresentam-no a Fouquet, que se gloriava de proteger as artes e que dese-



java fazer de Vau um segundo hotel Rambouillet, não encontra quem lhe faça com mais prontidão e delicadeza umas sextilhas todas perfumadas com as fragrâncias marinescas e gonjonitas. Cai na desgraça Fouquet, e as damas da corte disputam entre si a glória de terem La Fontaine em sua casa. A duquesa do Bouillon é a primeira, pede-lhe contos em verso, e aos quarenta e três anos estréia-se La Fontaine neste gênero em que será inimitável. Entra na corte como gentil-homem da duquesa de Orléans, trabalha para a corte no gênero que se deseja, encontrando meio de arranjar para a música de Sully aquele delicioso poemeto de *Psyché*. Morrendo a duquesa de Orléans, é madame de la Sablière quem recebe o vagabundo poeta. Madame de la Sablière adora as fabulas, e as fábulas caem-lhe no regaço como lhe cairiam as cerejas de uma cerejeira que sacudisse. Enfim na última fase da sua vida desperta de novo o sentimento religioso, e é com um *Dies irae* em verso que o autor da *Noiva do rei de Garbe* fecha a sua carreira poética.

O que prova tudo isto? Prova que La Fontaine era verdadeiramente como os seus patrícios diziam, um espírito *primesautier*. O seu organismo vibrava a qualquer sopro. O seu estro tinha como o vinho da sua terra o ácido carbônico, e apenas desrolhava a garrafa das suas inspirações, lá vinha logo um jorro cintilante de espuma que trasbordava para qualquer copo. E o que era na poesia, era-o na conversação, e nos contos, e na vida, exuberante e libertino, casando sem saber porque, e esquecendo-se da mulher como se esquecera do seu Terêncio e dos seus livros de devoção, quando outros gêneros o tentaram.

Distraído! Eterno distraído!, diziam, e quem é que imaginava que o bom do La Fontaine fosse capaz do observar alguma coisa do que se passava na corte, ele que nem observava o que se passava em sua casa. Enga-

navam-se todos, e mal conheciam aquele gênio independente e pessoal, o único talvez que soube conservar a sua individualidade gaulesa isenta e maliciosa no meio daquela literatura versalhesa toda sujeita às etiquetas da corte, e que tinha por suprema aspiração um sorriso aprovador do senhor supremo, do rei. Racine morre, porque esse sorriso lhe falta; Molière sente a cada instante o seu gênio impetuoso bater freneticamente com as asas nas grades da sua gaiola dourada; Boileau passeia e passa no meio daquela literatura disciplinada, como um capitão instrutor com a sua *tática poética* na mão, ensinando os seus recrutas a fazerem quadras ou quadrados, esgrima de odes, tragédias em escalão, e poemas épicos em coluna de cantos. Só La Fontaine, o guerrilheiro, o indisciplinado, não entra no alinhamento. Desculpa-se-lhe isso enfim, é um miliciano incorrigível. Não há meio de obrigar os seus contos a vestir o uniforme de mosqueteiros, nem as suas fábulas a apresentar-se de cabeleiras de canudos. Pertence La Fontaine à velha milícia francesa, é capitão-mor nos terços de Rabelais. E acabou-se!... O *bonhomine* La Fontaine! Absolutamente inofensivo! De vida airada, e de musa cigana! Deixa-o lá com os seus brutinhos.

E ele, entretanto, apenas apanhava umas férias, corria a meter-se nas suas queridas florestas de Château-Thierry. Deitava-se de papo para o ar, em cima da relva orvalhada, ouvia os rouxinóis cantar e assobiar os melros, seguia com interesse os trabalhos das formigas, espreitava a lebre desconfiada e a perdiz matreira, e, no meio daquela sociedade especial, lembrava-se então de tudo o que vira na corte, onde nada lhe passara despercebido; e alegre, travesso, exclamava: "És perfeitamente um membro do Parlamento, meu rouxinol tagarela. Se julgas que o rei milhafre atende aos teus discursos, estás servido, meu velho! E vocês, rãs coaxantes, que andais a pedir

um rei a Jove, sem saber o que isso custa; e tu, cegonha, que vais ingenuamente arrancar um osso à garganta do lobo, como Portugal à Inglaterra na guerra da sucessão, como sois afinal de contas semelhantes aos homens!" E nisso, gizava em dois traços as suas pequeninas comédias, e os seus dramas microscópicos, sorria-se da loucura do pombo viajante, abandonando o frouxel do ninho pelo prazer de viajar, cantava em versos imortais a altivez do carvalho e as doces objeções do canavial flexível, e, malicioso, alegre, saboreando a plenos pulmões a viração livre dos seus bosques, inebriava-se com os borbotões de seiva da vegetação rumorejante, e assobiava com os melros a comédia da sociedade.

Ora, o bom do La Fontaine!, dizia a corte sorrindo, e La Fontaine, atirava-lhe negligentemente esta formidável apóstrofe, que, depois de bem compreendida, fez a revolução de 89.

*... de tout temps*

*Les petits ont pâti dos sottises des grands!*

Foi Sainte-Beuve quem compreendeu admiravelmente La Fontaine, chamando-lhe o poeta francês mais pessoal e cismador do século XI, e não o compreendeu Lamartine que declara detestá-lo, por haver transportado para o mundo animalesco os vícios da sociedade humana. Se Lamartine conhecesse da natureza mais que o rouxinol, convencional e acadêmico que diz madrigais à rosa, e do que o aristocrático lebreu que lhe lambe a mão fina e elegante, quando o poeta passeia de colete branco e de mão no peito, de olhos azuis em alvo e de alaúde debaixo do braço, pelas alamedas de Milly, monologando salmos, aceitando a natureza como o cenário da sua individualidade, e os animais como os comparsas do seu teatro perce-

beria que La Fontaine imergindo-se em plena natureza, vivendo em íntima comunicação com esses irmãos inferiores que o tem por advogado, não faz mais do que reproduzir nos seus versos a vida animal na sua vasta multiplicidade, as comédias da raposa, ao lado dos dramas de amor materno da leoa e do mocho, a epopéia do carvalho e do mosquito, e o idílio terno dos pombos! E o poeta do alaúde e do saltério compreenderia que a alma do *bonhomme* La Fontaine era um lago límpido e cristalino onde se mirava a natureza com as suas lágrimas e os seus risos, com os seus milhares de personagens envoltos nas mil peripécias em encontradas da tragicomédia que constitui a existência na terra, tanto a existência do homem como a do animal e da planta.



# Processo artístico de La Fontaine

THEOPHILO BRAGA

As fábulas de La Fontaine, lidas e admiradas universalmente sob o ponto de vista moral, encerram uma lição bem mais profunda quanto ao problema da criação artística. Acreditou-se por muito tempo que o gênio estético tirava todos os elementos da sua obra da própria impressiönabilidade, impondo-se à admiração nas condições de uma absoluta originalidade. O gênio era como o deus bíblico tirando o mundo do nada. Ao trabalho da moderna síntese física, que levou à conclusão *ex nihilo nihil*, corresponde também a descoberta da crítica literária de que todas as grandes manifestações estéticas realizadas pelas capacidades individuais assentam sobre uma base tradicional, e são tanto mais belas e imperecíveis quanto esse tema transmitido pelo passado e por outras civilizações que adquiriu um caráter de universalidade. As fábulas de La Fontaine põem em evidência este princípio fundamental achado não só para a crítica das obras-primas das literaturas, como para a disciplina e impulso para a renovação das formas estéticas da civilização moderna.

Os assuntos ou temas poéticos das fábulas de La Fontaine não lho pertencem; uns acham-se nas coleções orientais, como a do *Pantchatantra*, desconhecida no seu tempo, outros vieram até nós transmitidos nas coleções greco-romanas de Esopo, Phedro, Aviano, Babrias, Baldus; outros

acham-se nas coleções árabes, como a da *Calila e Dimna*, transmitidos a todo o Ocidente pelos jograis franceses nos seus *fabliaux* e pelos moralistas católicos nos seus *exemplários*. E, contudo, quanto mais conhecido é o tema tradicional, tanto mais bela foi a forma literária individual que La Fontaine deu à fábula. MaxMuller, em um estudo comparativo da fábula da *Bilba de leite*, estabeleceu com a mais segura e completa erudição, pela aproximação dos elementos novelísticos, todos os elos da cadeia tradicional, desde o oriente búdico até a época da Renascença na Europa. O que o eminente sanscritista fez em especial para esta fábula pode aplicar-se a todas as outras composições de La Fontaine do mesmo gênero, trabalho em parte já tentado por Robert no *Essai sur les fabulistes qui ont précédé La Fontaine* (1825). Os estudos críticos sobre as tragédias de Shakespeare, no passo que tiram a este gênio assombroso a originalidade dos temas dramáticos, tomados umas vezes dos novelistas italianos, outras vezes dos *Homens ilustres* de Plutarco, outras vezes de esboços informes de escritores que o precederam, simultaneamente põem em máximo relevo o poder emocional da linguagem e das situações, e lógica dos caracteres, que são a vida daquelas sublimes criações. O mesmo se observa nas comédias de Molière, em grande parte tomada das comédias *dall 'arte* do teatro italiano, e das *comédias famosas* do teatro espanhol; o que compete ao gênio é a forma, é a síntese filosófica, é a conclusão moral, tudo enfim que revela a cunho da poderosa individualidade, e que nos descobre o trabalho da sua idealização.

A arte, como a define Augusto Coz, é a idealização da realidade; se o escritor em vez de observar a realidade, inventa a seu arbítrio, produz monstros, aleijões quimeras, sem ação sobre a simpatia do público, como acontece com essas criações dos eruditos acadêmicos, e em geral com as

mediocridades, que ignoram esta grande lei da relação mútua entre o elemento tradicional e a elaboração literária. Todos os espíritos que deram até hoje a sua admiração incondicional às fábulas de La Fontaine, à parte o Juízo sistemático de Lessing, nunca lhe tomaram conta da originalidade; tinham o pressentimento da importância subalterna do tema tradicional, diante da forma pitoresca individualista e eterna fixada pelo poeta; anteviram os resultados da crítica do nosso século, que tende a determinar as formas generativas de todas as literaturas. De fato, a *Fábula*, que é o desenvolvimento de uma comparação espontânea, aparece-nos entre os povos mais antigos como um produto impessoal, anônimo, igualmente como o Anexim, do que ela é muitas vezes um resumo, circula sem a responsabilidade de autor, e por isso mesmo com maior poder moral.

Entre povos os mais afastados pelo espaço, pela raça, existem temas tradicionais comuns de fábulas, como à da mulher que depila o amante, e a dos membros e o estômago; que se acham na coleção chinesa dos Avadanas! A preferência das comparações que constituem a fábula tomadas sempre das relações dos animais entre si, das suas qualidades e hábitos, levam a inferir que esta criação estética teve a sua origem em uma época fetichista da sociedade, em uma civilização brotohistórica negróide, que deu lodo o desenvolvimento a essa ordem de concepções religiosas, especialmente na arte ou na moral. O epíteto com que as fábulas eram conhecidas na Grécia revela o conhecimento de tal proveniência, e Theon distingue as fábulas em *líbias* (Lassen aproxima o nome de *Esopo de Aitiops*), *sibaríticas*, *frígias*, *sicilianas*, *cariárias*, *egípcias* e *cípricas*, como que acentuando o seu fundo negróide. Muitas das fábulas de Lokman aparecem tratadas em Esopo; e Neumann, Maracci, Hottinger e Golins, unificam os dois poetas em uma

mesma entidade; na coleção atribuída a Esopo, aparecem fábulas comuns ao *Pantchatantra*, como a do *Leão e o Mosquito*, a da *Águia e a Tartaruga*, a do *Asno com a pele de Leão*, e a *Presa e a Sombra*. Esta similaridade revela um fundo étnico comum, que na Índia se determina pela classe ínfima explorada pela propaganda búdica. Na Grécia, antes de Esopo, já as fábulas eram conhecidas e posteriormente à época esópica outras fábulas tradicionais, e transmitidas pelo vulgo, receberam forma literária, não só em obras dramáticas como em obras filosóficas. Em Hesíodo, acha-se a fábula do *Abutre e o Rouxinol*, em Stesichoro, a do *Homem e o Cavalo*, e em Alceo, a da *Serpente e o Escaravelho*. Archiloco alude à fábula da *Raposa e do Macaco*, e da *Águia e o Raposo*; Eurípedes traz a fábula do *Homem e a Morte*; Platão a do *Lobo e a Raposa* e do *Leão doente*. As relações das fábulas conhecidas na Grécia com as das raças semitas, levam a inferir da impersonalidade de Esopo, cuja entidade mítica é caracterizada por Viço, Neumann, Brucker, Welcker e Camerarius. A tradição esópica é como a tradição homérica, não escrita; a fábula chegou a ter o seu desenvolvimento épico, como se vê pelo ciclo de *Renard* na Idade Média. A transformação da tradição oral em forma rítmica é que fez porventura adotar o nome de Esopo; *Asoph* em hebraico significa o verso, a poesia. O caráter de estrangeiro, do gênero poético, é que se fixou na personalidade de Esopo na qualidade de *escravo*. Os temas tradicionais das fábulas foram tratados nas escolas dos sofistas gregos como assuntos de exercícios literários de redação; eram os *loci communes*, também adotados nas escolas de Roma. cujos cadernos achados no fim da Idade Média vieram a constituir as *Fábulas de Fedro*, outra entidade sem existência real, formada do epíteto da rocha *phoedrica*, da qual tinha sido, segundo a lenda, precipitado Esopo.



As fábulas de La Fontaine, nascidas neste campo comum da tradição universal, também tiveram o mesmo destino que as fábulas esópicas e pódricas, entraram nas escolas, e serviram de leitura e para caligráficos. A grande obra de arte, assim vulgarizada, decaiu da sua imponente majestade, a que a crítica a restitui pondo em evidência o lado individual, a forma pitoresca, a exclusiva idealização de La Fontaine. Já, na época de Luiz XIV, Fénelon, que compreendia a simplicidade do gênio grego, admirava La Fontaine pela despreocupação do estilo e do pedantismo humanista, em uma corte onde reinava o pseudoclassicismo. Esta espontaneidade de La Fontaine é uma intuição poética, que o leva a encontrar nos modismos populares os efeitos pitorescos das suas descrições e dos seus diálogos. Ninguém mais original do que La Fontaine na expressão literária; a forma simples do vulgo condiz com os quadros primitivos da concepção mítica do tema da fábula. É esta harmonia entre a idéia e a forma que torna bela a sua criação, criação em que naufragaram todos os poetas eruditos do seu tempo, como Furetière, Perrault, Lenoble, Benserade e tantos outros. Fénelon, apreciando La Fontaine sob o aspecto da simplicidade, deu à crítica uma base segura; a simplicidade é a verdade. E de fato, nas situações da fábula, é admirável a verdade e poder de observação com que La Fontaine pinta os caracteres e hábitos dos animais, a ponto de se poder estabelecer um paralelo entre os traços descritivos de Bulron na sua *História natural*, e as impressões do poeta. Nas páginas do naturalista está o verdadeiro comentário científico das descrições do fabulista. Mas La Fontaine não se limita ao lado objetivo, descrevendo o aspecto dos animais sob essas máscaras, representou os tipos morais, os caracteres, as qualidades e as índoles dos diferentes indivíduos da sociedade do seu tempo. Sob o ponto de vista

subjetivo dos retratos morais, ele é tanto ou mais verdadeiro do que La Bruyere nos *Caracteres*, que em rigor constituem o completo comentário dos personagens alegóricos de La Fontaine.

O poeta, escolhendo para a manifestação do seu gênio a forma da fábula, por uma perfeita harmonia do espírito soube conciliar o prestígio da erudição humanista do classicismo francês, com os restos da tradição medieval conservados apenas no *esprit gaulois*, de que o poeta é um dos mais sinceros representantes. A fábula acordava-lhe a imaginação, vindo pelas coleções greco-romanas, ou pelas coleções dos troveiros medievais; a comparação de uma fábula de Esopo ou Phedro, ou de uma fábula metrificada por Maria de França, reelaborada por La Fontaine, revelam-nos a dupla simpatia do artista, a qual faltou a Boileau e a Racine, que professavam o mais soberano desdém pela Idade Média. La Fontaine, nos seus *Contos*, dando forma culta aos *Fabliaiix* acentuou mais a preferência por esta Idade fecunda de onde saíram todos os germens da sociedade moderna; assim estabelecendo a solidariedade entre a civilização greco-romana e a medieval, por isso é e será sempre o gênio querido da cultura moderna, que se afirma pelo conhecimento da continuidade histórica.



## Quem foi o ilustrador Grandville

**D**esenhista e caricaturista, Jean Ignace Isidore Gérard Grandville nasceu na cidade de Nancy em 1803 e faleceu em Paris 1847, depois de se revelar, nos gêneros pictóricos que escolheu, um dos maiores artistas do seu tempo.

Filho de um pintor de miniaturas, o pai lhe teria inculcido o gosto por tudo quanto era real, descendo aos mínimos pormenores. Era dotado, de fato, de um espírito de observação extraordinário, condição necessária para a afirmação de qualquer pintor, mas verdadeiramente imprescindível quando se trata de um caricaturista.

Pode-se dizer que não houve figura nem acontecimento de sua época que tivessem escapado ao traço veemente de Grandville. Homens influentes foram por ele ridicularizados, mas a sua arte esteve igualmente ao serviço dos humildes que ele soube magistralmente defender. Tendo adquirido uma maneira muito pessoal de registrar quaisquer incidentes, não se limitou, de resto, à fisionomia humana, retratando com fina ironia as paixões e os vícios do homem, enquanto os animais e até as plantas tiveram igualmente lugar de relevo na sua obra.

Grandville iniciou a sua carreira pela litografia, logo se impondo à consideração e ao respeito da crítica e do público com várias séries de gravuras sobre "O domingo dum bom burguês ou as atribulações da pequena propriedade", "Os brinquedos da infância", "Os prazeres da juventude", "Os gozos da idade madura" e "Os passatempos da velhice".

Foi, porém, com as "Metamorfoses do dia" (1828) que alcançou as portas da popularidade; fez então as "charges" dos homens célebres da época, mostrando-os "travestidos" de animais. Muitos nunca lhe perdoaram a irreverência, procurando diminuir a obra de Grandville. Mas outros amigos e, sobretudo, o público que tanto o admirava, jamais lhe faltaram com a compreensão devida aos artistas de excepcional craveira.

Grandville foi colaborador assíduo e destacado de jornais famosos, notadamente de *Charivari*, *La Caricature*, *Magasin Pittoresque*. *Le Convoide la Liberte* e *La Basse-Cour*. Ilustrou ainda numerosas obras, destacando-se os desenhos que fez para as *Fábulas* de la Fontaine, *Robinson Crusoe*, *Don Quixote*, *As viagens de Gulliver*. *Canções de Béranger*, *As flores animadas* e *As Estrelas*.

Como ilustrador de La Fontaine, o seu trabalho chegou a despertar polêmica, pois alguns preferiam as ilustrações que Gustavo Doré fez para a mesma obra. Damos razão aos que defenderam a concepção de Grandville, já que o nosso artista, além de prosseguir uma obra que, em outros domínios, já havia esboçado, nos parece mais fielmente inspirado no espírito do imortal La Fontaine. Na verdade, o grande fabulista francês, embora pensando nos homens, recorreu, freqüentemente, aos animais e às plantas para sublinhar os erros e as maldades dos humanos. Por que não acompanhá-lo neste caminho? Foi o que fez Grandville. Hoje ainda, decorrido mais de um século sobre a sua morte, as ilustrações das *Fábulas* mantêm toda a atu-

alidade, sem deixarem de revelar o melhor da fantasia do grande caricaturista.

Para se ter uma idéia da cotação artística de Grandville, abrimos as páginas do *Dictionnaire Critique et Documentaire des Peintres, Sculpteurs, Dessinateurs et Graveurs de tous les temes et de tous les Pays*, editado em Paris em 1913, onde encontramos as seguintes indicações "*Peintures* — Paris Vte. 6 Mars 1891: 'Le dimanche d'un bon bourgeois': 200 francs 'Chague âge a ses plaisirs': 140 fr. — Vte. 20 et 21 février 1899: 'Maison de campagne ambulante'; '*Ouvriers au milieu d'engins de guerre*': 130 fr. — *Dessins* — '*Mieux vaut tard que jamais*'; '*A l'amour et au feu on s'habitue; La pelle se moque du fourneau*', etc. *Six sujets pour des proverbes*: 110 fr.

Quer dizer que, meio século após a sua morte, Grandville era um artista cujos trabalhos todos disputavam, sendo considerado um dos grandes desenhistas da primeira metade do século XIX. Tendo-se perdido ou dispersado uma boa parte das suas obras, as ilustrações que vêm sendo transmitidas de edição em edição, em especial no que respeita às *Fábulas* de La Fontaine, sublinham ainda o grande nível artístico a que ascendeu o "chargista" ou o desenhista. É que Grandville foi, não há dúvida, um dos maiores artistas da sua época: penetrando no reino da fantasia, ele aventurou-se em um mundo a que só chegariam, um século mais tarde, os modernistas atuais, notadamente os surrealistas. E foi, simultaneamente, vigorosa testemunha desse tempo, visto que os seus desenhos definem as aspirações e as inquietações dos seus contemporâneos.

Grandville morreu no asilo parisiense de Vanves, onde fora internado como louco. Aí está outra informação que poderá talvez explicar a sua exuberante fantasia no domínio dos sonhos. Desaparecendo com apenas

quarenta e três anos de idade, pode-se dizer que morreu prematuramente, sem tempo de concluir a sua obra. Todavia, o que deixou basta para elevar a grande altura o desenhista e o caricaturista que foi Jean Ignace Isidore Gérard Grandville.



## A monsenhor, o Delfim<sup>1</sup>

**S**e existe alguma coisa de hábil na república das letras, pode-se dizer que é a maneira pela qual Esopo apresentou sua moral. Seria realmente de desejar que outras mãos e não as minhas tivessem realçado os ornamentos da poesia, pois que o mais sábio dos antigos<sup>2</sup> julgou que elas não eram inúteis. Ouso, MONSENHOR, apresentar-vos alguns ensaios. É um entretenimento conveniente aos vossos primeiros anos. Estais em uma idade<sup>3</sup> em que o divertimento e os jogos são permitidos aos príncipes; porém ao mesmo tempo deveis dedicar alguns dos vossos pensamentos a reflexões sérias. Tudo isto se encontra nas fábulas que devemos a Esopo. A aparência é pueril, confesso-o; mas essa puerilidade serve como cobertura a verdades importantes.

Não duvido, absolutamente, MONSENHOR, de que olheis de maneira favorável invenções úteis e ao mesmo tempo tão agradáveis: o que se pode desejar ainda mais do que esses dois pontos? Esopo encontrou uma

---

<sup>1</sup> Luís de França, chamado *O Grande Delfim* e *Monsenhor*, filho de Luís XIV e de Maria Teresa, nascido em Fontainebleau em 1661 e falecido em 1711.

<sup>2</sup> Sócrates

<sup>3</sup> O Delfim tinha então seis anos e cinco meses.

arte singular fazendo-os juntar um ao outro: a leitura de seu trabalho espalha insensivelmente em uma alma as sementes da virtude, e a ensina a conhecer-se sem que ela se aperceba deste estudo, e enquanto crê fazer por completo outra coisa. É uma habilidade da qual se serviu muito afortunadamente aquele<sup>4</sup> em quem Sua Majestade lançou os olhos para vos dar instruções. Ele o faz de tal modo que aprendeis sem trabalho ou, para melhor dizer, com prazer, tudo o que é necessário que um príncipe saiba. Esperamos muito desta conduta. Mas, para dizer a verdade, existem coisas das quais esperamos infinitamente mais: são, MONSENHOR, as qualidades que nosso invencível monarca vos deu com o nascimento; é o exemplo que todos os dias ele vos dá. Quando o vedes formular tão grandes desígnios; quando o considerais como olha sem se admirar, a agitação da Europa<sup>5</sup> e as máquinas que ela remove para desviá-lo de sua empresa; quando penetra, em sua primeira tentativa até o coração de uma província onde se encontram a cada passo barreiras intransponíveis, e que ele subjuga uma outra em oito dias, durante a estação mais inimiga da guerra, quando o repouso e os prazeres reinam nas cortes dos outros príncipes; quando não contente de dominar os homens, quer triunfar também dos elementos; e quando, na volta desta expedição onde venceu como um Alexandre, vós o vedes governar seus povos como um Augusto; confessai a verdade, MONSENHOR, suspirais pela glória tanto quanto ele, apesar da impotência de vossos anos. Certamente não é uma alegria bem sensível ao nosso monarca; mas é um espetáculo bem agradável para o universo, o ver crescer as-

---

<sup>4</sup> O Sr. Presidente de Perigni.

<sup>5</sup> Designa a tríplice aliança que a Inglaterra, a Espanha e a Holanda fizeram juntas, há aproximadamente vinte anos. para deter as conquistas do rei. *Nota de Richetet* (Cesar-Pierre Richelet, 1641-1698).



sim uma jovem planta que um dia cobrirá com sua sombra tantos povos e nações.

Deveria estender-me sobre este assunto; porém, como a incumbência que tenho de vos divertir é mais proporcional às minhas forças do que o de vos louvar, apresso-me em vir às fábulas, e não acrescentarei às verdades que vos disse senão esta: é, MONSENHOR, que eu sou, com um zelo respeitoso.

Vosso muito humilde, muito obediente e muito fiel servo,

de La Fontaine



## Prefácio

**A** indulgência que tiveram para com algumas de minhas fábulas me dá margem para esperar a mesma graça para esta coleção. Não foi senão um dos mestres de nossa eloquência que desaprovou o intuito de pô-las em verso: ele julgou que seu principal ornamento era o de não ter nenhum; que, portanto, o constrangimento da poesia, unida à severidade de nossa língua, me embaraçariam em muitos pontos, e baniriam da maioria dessas narrativas a concisão, que se pode muito bem chamar a alma do conto, pois que sem ela, necessariamente, este se enfraquece. Esta opinião não poderia provir senão de um homem de excelente gosto; eu pediria somente que ele a relaxasse um pouco, e acreditasse que as graças lacedemônias não são de tal modo inimigas das musas francesas, que não se possa muitas vezes fazê-las caminhar juntas.

Além do mais, não empreendi a tarefa senão seguindo o exemplo, não quero dizer dos antigos, que não tem conseqüência para mim, porém dos modernos. É de todos os tempos e entre todos os povos que fazem profissão de poesia, que o Parnaso julgou isto seu apanágio. Apenas as fábulas que se atribuem a Esopo se evidenciaram, Sócrates achou a propósito ves-

ti-las com as librés das Musas. O fato que Platão relata é tão agradável, que não posso deixar de fazer dele um dos ornamentos deste prefácio. Diz ele que tendo sido Sócrates condenado à pena última, transferiram a execução da sentença devido a certas festas. Cebes foi vê-lo no dia de sua morte. Sócrates disse-lhe então que os deuses, por várias vezes, o tinham avisado, durante o sono, de que ele devia dedicar-se à música antes de morrer. A princípio não havia compreendido o que esse sonho significava; pois, como a música não consegue tornar o homem melhor, para que tal dedicação? Devia haver mistério nisso, tanto mais que os deuses não se cansavam de lhe enviar a mesma inspiração. Viera-lhe ainda uma dessas festas. De tal modo, pensando nas coisas que o céu podia exigir de si, ele tinha dado acordo de que a música e a poesia têm tanta relação entre si, que seria possível tratar-se da última. Não existe boa poesia sem harmonia: porém, não existe mais sem imaginação; e Sócrates não sabia o que dizer, na verdade. Afinal ele achara um meio termo: era escolher fábulas que contassem alguma coisa de verdadeiro, tais como as de Esopo. Ele empregou, portanto, os últimos momentos de sua vida a pô-las em verso.

Sócrates não foi o único que considerou como irmãs a poesia e nossas fábulas. Fedro testemunhou que também sentia isto; e, pela excelência de seu trabalho, podemos julgar o do príncipe dos filósofos. Depois de Fedro, Avieno tratou do mesmo assunto. Afinal os modernos os seguiram: temos exemplos não somente entre os estrangeiros, como entre nós. É verdade que, quando nossa gente nisto trabalhou, a língua era tão diferente do que é agora, que não se deve considerá-los senão como estrangeiros. Isto não me desviou de meu empreendimento; pelo contrário, orgulhei-me com a esperança de que, se eu não andasse com sucesso nessa carreira, pe-

lo menos me dariam a glória de tê-la aberto.

Possivelmente acontecerá que meu trabalho faça nascer em outras pessoas o desejo de levar a empresa mais longe. Tanto é preciso para que esta matéria seja esgotada, que sobram ainda mais fábulas para pôr em verso além das que fiz. Francamente, escolhi as melhores, isto é, as que me pareceram tais; porém, além do fato de que possa ter-me enganado em minha escolha, não será muito difícil dar uma outra forma mesmo àquelas que escolhi; e se essa forma for menos extensa, sem dúvida será melhor aprovada. Seja o que for que aconteça, ser-me-ão sempre agradecidos: quer tenha sido feliz minha temeridade, e que eu não me tenha afastado demais do caminho que precisava manter, quer seja pelo fato de eu ter induzido outros a fazer melhor.

Penso ter justificado suficientemente minha intenção: quanto à execução, o público será o juiz. Não se encontrarão aqui a elegância nem a extrema concisão que tornam Fedro recomendável: são qualidades acima do meu alcance. Como me era impossível imitá-lo nisso, julguei que precisava, em compensação, alegrar o trabalho mais do que ele o fez. Não que eu o censure por ter permanecido nesses termos: a língua latina não pedia nada mais; e, se se quiser olhar com cuidado, reconhecer-se-ão nesse autor o verdadeiro caráter e o verdadeiro gênio de Terêncio. A simplicidade é magnífica nesses grandes homens; eu, que não tenho a perfeição da linguagem como eles tiveram, não a posso elevar a um tão alto ponto. Portanto, foi preciso compensar por outro lado: foi o que eu fiz com um pouco mais de audácia, do que Quintiliano diz que não seria demais alegrar as narrações. Aqui não se trata de apresentar uma razão, é bastante que Quintiliano a tenha dito. Portanto, considerarei que, sendo essas fábulas conhecidas por

todo mundo, eu não faria nada se não as tornasse novas por meio de alguns traços que revelassem o gosto. E o que se pede hoje em dia: deseja-se novidade e alegria. Não chamo alegria o que provoca o riso; mas, um certo encanto, um ar agradável que se pode dar às espécies de assuntos, mesmo os mais sérios.

Mas, não é tanto pela forma que dei a esse trabalho que se deve aqui-latar o seu valor, senão por sua utilidade e por seu conteúdo; pois o que há de recomendável nas produções do espírito, que não se encontre no apólogo? É alguma coisa de tão divino, que diversos personagens da Antiguidade atribuíram a maior parte dessas fábulas a Sócrates, escolhendo assim, para lhes servir de pai, aquele dentre os mortais que mantinha mais comunicações com os deuses. Não sei como eles não fizeram descer do céu essas mesmas fábulas, e como não lhes designaram um deus como patrono, assim como a poesia e a eloquência. O que digo não é completamente sem fundamento, pois que, se me é permitido mesclar o que temos de mais sagrado com os erros do paganismo, vemos que a Verdade falou aos homens por parábolas; e a parábola será ela outra coisa senão o apólogo, isto é um exemplo fabuloso, e que se insinua com mais facilidade ainda e de efeito mais comum e mais familiar? Quem nos propusesse não imitar senão os mestres da sabedoria, nos forneceria um motivo de escusa quando consideramos que as abelhas e formigas são capazes disso que nos pedem.

É por essas razões que Platão, tendo banido Homero de sua república, deu a Esopo um lugar bastante honroso. Ele deseja que as crianças su-guem essas fábulas com o leite; recomenda às amas para ensiná-las; pois nunca é cedo para se acostumar à sabedoria e à virtude. Antes de sermos levados a corrigir nossos hábitos, é preciso trabalhar para torná-los bons

enquanto somos ainda indiferentes ao bem ou ao mal. Ora, que método pode contribuir mais utilmente do que essas fábulas? Dizei a uma criança que Crasso indo contra os partas empenhou-se em seu país, sem considerar como se sairia; que isto o fez perecer a ele e, ao seu exército, qualquer esforço que fizesse para se retirar. Dizei à mesma criança que a raposa e o bode desceram ao fundo de um poço para mitigar sua sede; que a raposa saiu, tendo-se servido das costas e dos chifres de seu companheiro como de uma escada; pelo contrário, o bode ficou lá dentro por não ter tido tanta previdência; e que por conseguinte é preciso considerar em todas as coisas as conseqüências. Pergunto qual desses dois exemplos produzirá mais impressão sobre esta criança. Não ficará ela no último, como o mais acorde e menos desproporcionado do que o outro à limitação de seu espírito? Não se deve alegar que os pensamentos da criança são por si mesmos mui to infantis, sem acrescentar ainda novas brincadeiras. Essas brincadeiras não são tais senão na aparência; pois, no fundo, trazem um sentido muito consistente. E como, pela definição do ponto, da linha, da superfície, e por outros princípios muito familiares, chegamos a conhecimentos com que se medem afinal o céu e a terra, assim também, pelo raciocínio e as conseqüências que se podem tirar destas fábulas, formam-se o julgamento e os costumes, toma-se a criatura capaz de grandes coisas.

Elas não são somente morais, fornecem ainda outros conhecimentos: as propriedades dos animais e seus diversos caracteres aí estão expressos; por conseguinte, os nossos também, pois que somos o resumo do que existe de bom e de mau nas criaturas irracionais. Quando Prometeu quis formar o homem, ele apreendeu a qualidade dominante de cada animal: dessas peças tão diferentes, compôs nossa espécie, fez este trabalho que se

chama o Pequeno Mundo. Assim essas fábulas são um quadro onde cada um de nós se encontra pintado. O que elas nos apresentam confirma as pessoas de idade avançada nos conhecimentos que a experiência lhes deu, e ensina às crianças o que é preciso que saibam. Como estas últimas são recém-chegadas ao mundo, não conhecem ainda os habitantes; não se conhecem a si mesmas: não se deve deixá-las nessa ignorância senão o menos que se possa; é preciso ensinar-lhes o que é um leão, uma raposa, bem como o mais; e porque se compara algumas vezes um homem a essa raposa ou a esse leão. É nisto que as fábulas trabalham: as primeiras noções das coisas provêm delas.

Já passei do tamanho comum dos prefácios; entretanto ainda não dei conta da disposição de meu trabalho.

O apólogo é composto de duas partes, das quais se pode chamar uma o corpo, a outra a alma. O corpo é a fábula; a alma, a moral. Aristóteles não admite na fábula senão os animais; exclui os homens e as plantas. Esta regra é menos de necessidade do que de conveniência, pois que nem Esopo, nem Fedro, nem qualquer dos fabulistas a observou; bem ao contrário da moral, da qual ninguém se dispensa. Quando me aconteceu fazê-lo, não foi senão nos lugares onde ela não pôde entrar com graça, e onde é fácil ao leitor deduzi-la. Não se considera na França senão o que agrada: é a grande regra, e, por assim dizer, a única. Portanto, não julguei que fosse um crime passar por cima dos antigos costumes, quando não podia pô-los em uso sem lhes causar dano. No tempo de Esopo a fábula era simplesmente narrada, a moralidade separada e sempre no fim. Veio Fedro, que não se sujeitou a esta ordem: embelezou a narração, e algumas vezes transporta a moral do fim para o começo. Quando necessário encontrar-lhe um lugar, eu

não falho nesse preceito senão para observar um, que não é menos importante: é Horácio quem no-lo dá. Este autor não quer que um escritor se obstine contra a incapacidade de seu espírito, nem contra a de seu assunto. Jamais, ao que ele pretende, um homem que deseja se sair bem, não o consegue nesse caso: abandona as coisas das quais vê bem que nada saberia sair de bom:

*Et quae*

*Desperat tractata nitescere posse relinquit*

Foi o que fiz com relação a algumas lições de moral cujo sucesso não esperei muito.

Não falta senão falar da vida de Esopo. Não vejo quase ninguém que não tenha como fabulosa a que Planúdio nos deixou. Diz-se que este autor tentou dar ao seu herói um caráter e aventuras que não correspondem às suas fábulas. Isto me pareceu a princípio fictício; porém, afinal achei alguma base nessa crítica. Em parte é fundada com referência ao que se passa entre Xantos e Esopo: encontra-se muita tolice. Ora! Qual o sábio a quem coisas semelhantes não acontecem? Toda a vida de Sócrates não passou na seriedade. O que me confirma no meu sentimento, é que o caráter que Planúdio dá a Esopo é semelhante ao que Plutarco lhe deu em seu *Banquete dos Sete Sábios*, isto é, de um homem sutil, e que nada deixa passar. Dir-me-ão que o *Banquete dos Sete Sábios* é também uma invenção. É fácil duvidar de tudo; quanto a mim, não vejo muito bem porque Plutarco teria querido impor à posteridade esse traço, ele que faz profissão de ser verdadeiro em toda parte, e conservar a cada um o seu caráter. Quando assim fosse, eu não saberia senão mentir sob a palavra de outrem: acreditar-me-ão menos



se eu permaneço na minha? Pois o que eu posso é compor um tecido de minhas conjeturas, o qual intitularei: *Vida de Esopo*. Qualquer verossimilhança que eu lhe dê, não será bastante; e, fábula por fábula, o leitor preferirá sempre a de Planúdio à minha.



## **A monsenhor, o Delfim**

*Luiz Gonzaga Fleury (Trad.)*

Aqui canto os heróis dos quais Esopo é autor;  
Elenco de que a história é irreal mas de valor,  
Pois verdades contém que servem de lição.  
A qualquer ser dou voz, té os peixes falarão:  
Tem endereço a nós o que deles se ouvir;  
Recorro aos animais para os homens instruir.  
Rebento ilustre que és de um rei dos céus amado,  
Para o qual todo o mundo está de olhar voltado.  
Rei que curvar fazendo os maiores em glórias,  
Seus dias contará pelas suas vitórias.  
Um outro te dirá com voz mais poderosa  
Os feitos de avós teus, dos reis a ação virtuosa;  
Eu te vou entreter com leves aventuras,  
Nestes versos traçar mui rápidas pinturas;  
E se não conseguir o bem de te agradar,  
A honra ao menos terei de tal coisa tentar.



# LIVRO 1



## **A cigarra e a formiga**

*Bocage (Trad.)*

Tendo a cigarra em cantigas  
Folgado todo o verão  
Achou-se em penúria extrema  
Na tormentosa estação.

Não lhe restando migalha  
Que trincasse, a tagarela  
Foi valer-se da formiga,  
Que morava perto dela.

Rogou-lhe que lhe emprestasse,  
Pois tinha riqueza e brio,  
Algum grão com que manter-se  
Até voltar o aceso estio.

"Amiga, — diz a cigarra —  
Prometo, à fé d'animal,  
Pagar-vos antes de agosto  
Os juros e o principal."

A formiga nunca empresta.  
Nunca dá, por isso junta:  
"No verão em que lidavas?"  
A pedinte ela pergunta.

Responde a outra: "Eu cantava  
Noite e dia, a toda hora.  
— Oh! Bravo!, torna a formiga:  
Cantavas? Pois dança agora!"

## **Os ladrões e o asno**

*Gonçalves Crespo (Trad.)*

Brigavam dois ladrões por um roubado burro:  
Com ele um quer ficar, quer outro expô-lo à venda  
E enquanto a discussão entre ambos corre a murro.  
Terceiro vem que empolga a causa da contenda.



Não raro uma província ao burro é semelhante.  
E uns príncipes quaisquer, iguais aos salteadores:  
O Turco, o Transilvano, o Húngaro — em que instante,  
Em vez de dois que busco, eis três dos tais senhores!

Abunda esta fazenda — embora com freqüência  
Nenhum lugar consiga a terra conquistada,  
Se vem o quarto ladrão que rindo da pendência  
Cavalga no jumento e aos três dá surriada.



## A raposa e a cegonha

*Curvo Semedo (Trad.)*

Quis a raposa matreira  
Que excede a todas na ronha.  
Lá por piques de outro tempo,  
Pregar um ópio à cegonha.

Topando-a, lhe diz: "Comadre,  
Tenho amanhã belas migas,  
E eu nada como com gosto  
Sem convidar as amigas.

De lá ir jantar comigo  
Quero que tenha a bondade:  
Vá em jejum porque pode

Tirar-lhe o almoço a vontade".

Agradeceu-lhe a cegonha  
Uma oferenda tão singela,  
E contava que teria  
Uma grande fartadela.

Ao sítio aprazado foi.  
Era meio-dia em ponto.  
E com efeito a raposa  
Já tinha o banquete pronto.

Espalhadas em um lajedo  
Pôs as migas do jantar  
E à cegonha diz: "Comadre,  
Aqui as tenho a esfriar.

Creio que são muito boas, —  
*Sansfaçon*, — vamos a elas".  
Eis logo chupa metade  
Nas primeiras lambidelas.

No longo bico a cegonha  
Nada podia apanhar;  
E a raposa em ar de mofa,  
Mamou inteiro o jantar.

Ficando morta de fome,  
Não disse nada a cegonha;  
Mas logo jurou vingar-se  
Daquela pouca vergonha.

A dar-me o gosto amanhã  
D'ir também jantar comigo".

A raposa lambisqueira  
Na cegonha se fiou,  
E ao convite, às horas dadas,

No outro dia não faltou.

Uma botija com papas  
Pronta a cegonha lhe tinha;  
E diz-lhe: "Sem cerimônia,  
A elas, comadre minha".

Já pelo estreito gargalo  
Comendo, o bico metia;  
E a esperta só lambiscava  
O que à cegonha caía.

Ela, depois de estar farta,  
Lhe disse: "Prezada amiga,  
Demos mil graças ao céu  
Por nos encher a barriga".

A raposa conhecendo  
A vingança da cegonha,  
Safou-se de orelha baixa.  
Com mais fome que vergonha.

Enganadores nocivos,  
Aprendeí esta lição.  
Tramas com tramas se pagam.  
Que é pena de Talião.

Se quase sempre os que iludem  
Sem que os iludam não passam.  
Nunca ninguém faça aos outros  
O que não quer que lhe façam





## **O menino e o mestre-escola**

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Tenho em vista zurzir na minha história  
Todo o pedante, autor de vão discurso,  
Que ralhando, não vale a quem se afoga,  
A minguá de recurso.

Rapaz travesso, doidejando às soltas,  
Perto da margem de empolado rio

Tais cabriolas fez que, ao fim de contas,  
Dentro d'água caiu.

Quis o céu que no sítio do sinistro  
Vegetasse, a propósito, um salgueiro,  
A que, abaixo de Deus, salvar a vida  
Deveu o calaceiro.

Passava por ali um mestre-escola;  
E o rapaz a gritar: "Senhor, socorro!  
Acudi-me, por Deus, que o ramo estala,  
E, em se quebrando, eu morro".

Ouvindo este clamor, o pedagogo,  
Sem notar ser imprópria a ocasião,  
Dirige ao pobre, prestes a afogar-se,  
Este longo sermão:

"Vede a que ponto chega a travessura!  
Vão lá matar-se por traquinas tais!  
Como é difícil tomar conta deles!  
Oh! Desgraçados pais!

Quanto à família e os mestres envergonham!  
Que sustos causam! Que profunda mágoa!"  
Tendo assim esgotado o palanfrório,  
Tira o menino d'água.

Gente, em que não pensais, aqui se abrange;  
Pedantes, tagarelas e censores,  
Entram no quadro, que esboçado fica  
Com verdadeiras cores.

Faz grande turma cada classe dessas,  
— Raça, da Providência abençoada,  
Que em tudo busca exercitar, sem peias,  
Sua língua afiada. —

Mas ouve, amigo meu: Se em transes luto  
Vem primeiro livrar-me do embrechado;  
Deita arenga depois e a gosto exaure  
O teu palavreado.



## O galo e a pérola

*Gonçalves Crespo (Trael.)*

Um galo achou num terreiro  
Uma pérola, e ligeiro  
Corre a um lapidário e diz:  
"Isto é bom, é de valia.  
De milho um grão todavia  
Era um achado mais feliz".

Um néscio ficou herdeiro  
De um manuscrito, e a um livreiro  
Vai à pressa, e fala assim:  
"É bom, é livro acabado.  
Concordo, mas um *ducado*  
Valia mais para mim!"

## **O carvalho e o caniço**

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Dizia ao caniço robusto carvalho:  
"Sou grande, sou forte;  
És débil e deves, com justos motivos,  
Queixar-te da sorte!

Inclinas-te ao peso da frágil carriça;  
E a leve bafagem.  
Que enruga das águas a linha tranqüila  
Te averga a folhagem.

Mas minha cimeira tufões assoberba.  
Com serras entesta;  
Do sol aos fulgores barreiras opondo,  
Domina a floresta.

Qual rija lufada, do zéfiro o sopro,  
Te soa aos ouvidos,  
E a mim se afiguram suaves favônios  
Do Norte os bramidos.



Se desta ramagem, que ensombra os contornos,  
A abrigo nasceras,  
Amparo eu te fora de suis e procelas,  
E menos sofreras.

Mas tens como berço brejais e alagados,  
Que o vento devasta.  
Confesso que sobram razões de acusares  
A sorte madrasta."  
Responde o caniço: "Das almas sensíveis

É ter compaixão;  
Mas crede que os ventos, não menos que os fracos,  
Minazes vos são.

Eu vergo e não quebro. Da luta com o vento  
Fazeis grande alarde:  
Julgais que heis de sempre zombar das borrascas?  
Até ver não é tarde."

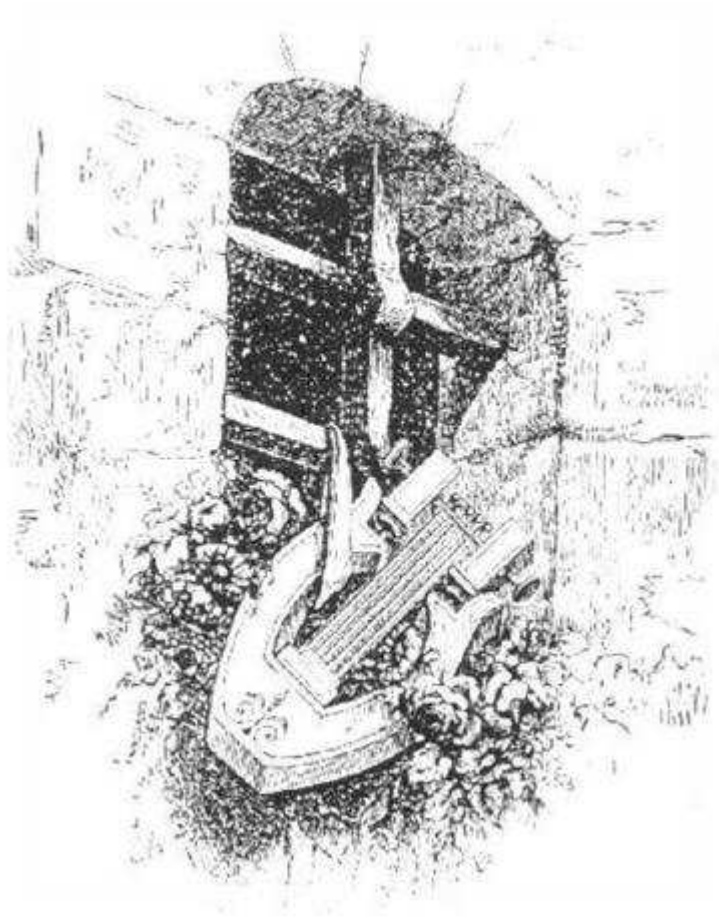
Mal isto dissera, dispara do fundo  
Dum céu carregado  
O mais formidável dos filhos que o Norte  
No seio há gerado.

Ereto o carvalho, faz frente à refrega;  
E o frágil arbusto  
Vergando, flexível — do vento aos arrancos  
Resiste, sem custo.

Mas logo a nortada, dobrando de força,  
Por terra lançava  
O roble que às nuvens se erguia e as raízes  
No chão profundava.



## LIVRO II



### **Contra os de gosto exigente**

*Barão de Paranapiacaba (Trael.)*

Se ao nascer, eu tivesse em partilha,  
Esses dons geniais e seletos,  
Que, a mãos cheias, a mãe da Epopéia  
Conferiu a seus vates diletos;

Às mentiras de Esopo os sagrara;  
Porque foram mentira e poesia  
Sempre amigas, vivendo no seio  
Da mais plena e perfeita harmonia.

Mas não sou tão mimoso do Pindo,  
Que alindar ouse tantas ficções;  
Posso e tento somente algum brilho  
Dar do Frígio às gentis invenções.

Talvez outros anais hábeis consigam  
Este fito alcançar, que mirei;  
Entretanto, de certa maneira,  
O sistema do mestre alterei.

Até aqui, em linguagem que é nova,  
Pus o lobo e o cordeiro a falar;  
Inda mais — arvoredos e plantas  
Fiz em seres parlantes mudar.

Quem não vê nisto tudo magia?  
"Grande coisa (dirão os censores)  
Numas seis narrações de crianças,  
Esgotastes da forma os primores!"

— "Quereis contos de autêntica origem,  
E de estilo grandiloquo e sério?  
Vou, de pronto, exigentes censores,  
Sujeitá-los ao vosso critério..."

Lassos os Gregos de lutar dez anos  
Contra as velhas, ilíacas muralhas,  
Ferem assaltos mil e cem batalhas,  
Sem alcançar vitória dos Troianos.  
Um cavalo de pau, que se dizia  
De Palas artificio e invento novo,  
Os chefes principais do argivo povo



Em seus enormes flancos recebia.  
Diomedes prudente, Ajax feroso,  
O sábio Ulisses, esquadões a rodo,  
Leva em si o colosso monstruoso,  
Que deve Tróia destruir de todo.  
Nem poupam numes do furor tremendo.  
O engenhoso, inaudito estratagema  
Paga do construtor fadiga extrema..."  
"— Basta! (Vai um dali me interrompendo)  
Que período longo! Estou cansado!  
Esse grande cavalo de madeira,  
Tanto herói, tanta gente assim guerreira,  
É tema tedioso e repisado.  
Antes o canto do raposo arteiro,  
Que do estólido corvo a voz exalta.  
Demais — é vosso tom muito altaneiro!  
Mudai de solfa; assunto não vos falta".

Desço de tom. Eis um tema  
Que, há pouco, me não lembrava:  
"Amarílde ciumenta  
Em seu Alcino pensava;

Julga ter por testemunhas  
Somente o cão e os carneiros.  
Tireis, que a vira de longe,  
Metendo-se entre os salgueiros,

Ouve a pastora, que às brisas  
Atira o terno descante,  
Pedindo-lhes vão levá-lo  
À seu dedicado amante..."

— "Vede essa quadra (diria  
Um crítico impertinente):  
Meti-a outra vez na forja,  
Pois não tem rima cadente".

— "Duro censor! Não te calas?  
Não queres que finde o conto?  
Agradar meticolosos  
É bem delicado ponto".

Os que têm gosto difícil  
Em tudo encontram defeitos;  
Nada lhes toa. Infelizes!  
Nunca vivem satisfeitos!

## **O conselho dos ratos**

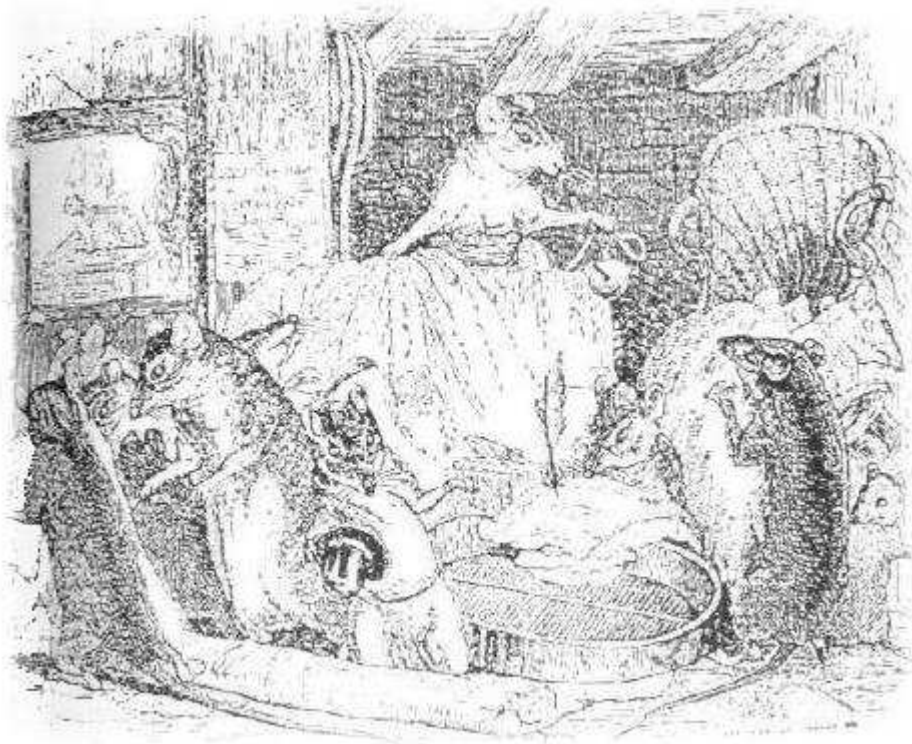
*Curvo Semedo (Trad.)*

Havia um gato maltês,  
Honra e flor dos outros gatos;  
Rodilardo era o seu nome.  
Sua alcunha — Esgana-ratos.

As ratazanas mais feras  
Apenas o percebiam,  
Mesmo lá dentro das tocas  
Com susto dele tremiam;

Que amortalhava nas unhas  
Inda o rato mais muchucho,  
Tendo para o sepultar  
Um cemitério no bucho.

Passava entre aqueles pobres,  
De quem ia dando cabo,  
Não por um gato maltês.  
Sim por um vivo diabo.



Mas janeiro ao nosso herói  
Já dor de dentes causava,  
E ele de telhas acima  
O remédio lhe buscava.

Dona Gata Tartaruga,  
De amor versada nas lides,  
Era só por quem na roca  
Fiava este novo Alcides.

Em tanto o deão dos ratos,  
Achando léu ajuntou  
Num canto do estrago o resto,  
E ansioso assim lhe falou:

"Enquanto o permite a noite.  
Cumpre, irmãos meus, que vejamos

Se à nossa comum desgraça  
Algum remédio encontramos.

Rodilardo é um verdugo  
Em urdir nossa desgraça;  
Se não se lhe obstar, veremos  
Finda em breve a nossa raça.

Creio que evitar-se pode  
Este fatal prejuízo:  
Mas cumpre que do agressor  
Se prenda ao pescoço um guizo.

Bem que ande com pés de lã.  
Quando o cascavel tinir,  
Lá onde quer que estivermos  
Teremos léu de fugir".

Foi geralmente aprovado  
Voto de tanta prudência;  
Mas era a dúvida achar  
Quem Fizesse a diligência.

"Vamos saber qual de vós,  
Disse outra vez o deão.  
Se atreve a dar ao proposto  
A devida execução."

— Eu não vou lá, disse aquele;  
— Menos eu, outro dizia;  
— Nem que me cobrissem de ouro,  
Respondeu outro, eu lá ia!

— Pois então quem há de ser?  
Disse o severo deão;  
Mas todos à boca cheia  
Disseram: "Eu não, eu não!"

Tornou-se em nada o congresso;  
Que o aperto às vezes é tal,  
Que o remédio que se encontra  
Inda é pior do que o mal.

Assim mil coisas que assentam  
Numa assembléia, ou conselho;  
Mas vê-se na execução  
Que tem dente de coelho.

## **O lobo pleiteando contra o raposo perante o macaco**

*Curvo Semedo (Trad.)*

Queixou-se uma vez o lobo  
De que se via roubado,  
E um mau vizinho raposo  
Foi deste roubo acusado.

Perante o mono foi logo  
O réu pelo autor levado,  
E ali se expôs a querela  
Sem escrivão, nem letrado.

"À porta da minha fuma.  
Dizia o lobo enraivado.  
Pegadas deste gatuno  
Tenho na terra observado."



Dizia o réu em defesa:  
"Tu, que és ladrão refinado!  
O que, se vives de roubos.  
Podia eu ter-te furtado?"

— Furtaste! — Mentas! — Não minto!  
Questões, gritos, muito enfado.  
Já do severo juiz  
Tinham a testa azoado.

Nunca Têmis vira um pleito  
Tão dúbio, tão intrincado!  
Nem que pelos litigantes  
Fosse tão bem manejado.

Mas da malícia dos dois  
Instruído o magistrado,

Lhes disse: "Há tempo que estou  
De quem vós sois informado:

Portanto, em custas em dobro  
Seja um e outro multado,  
E tanto o réu como o autor,  
Por três anos degredado".

Dando por paus e por pedras  
O mono tinha assentado,  
Que sempre acerta o juiz,  
Quando condena um malvado.

## O leão e o mosquito

*Filinto Elísio (Trad.)*

"Vai-te, excremento do Orbe, vil inseto!"

(Ao mosquito dizia o leão um dia)

Quando, clamando guerra,

Respondia o mosquito:

— Cuidas que tenho susto, ou faço caso,

De que rei te intitules? Mais potente

É um rei, que tu não és, e eu dou-lhe o amanhã,

Que me dá na vontade. — Assim falando,

Trombeta de si mesmo, e seu herói,

Toca a investir, e pondo-se de largo,

Lança as linhas, e atira-se ao pescoço

Do leão, que enlouquece,

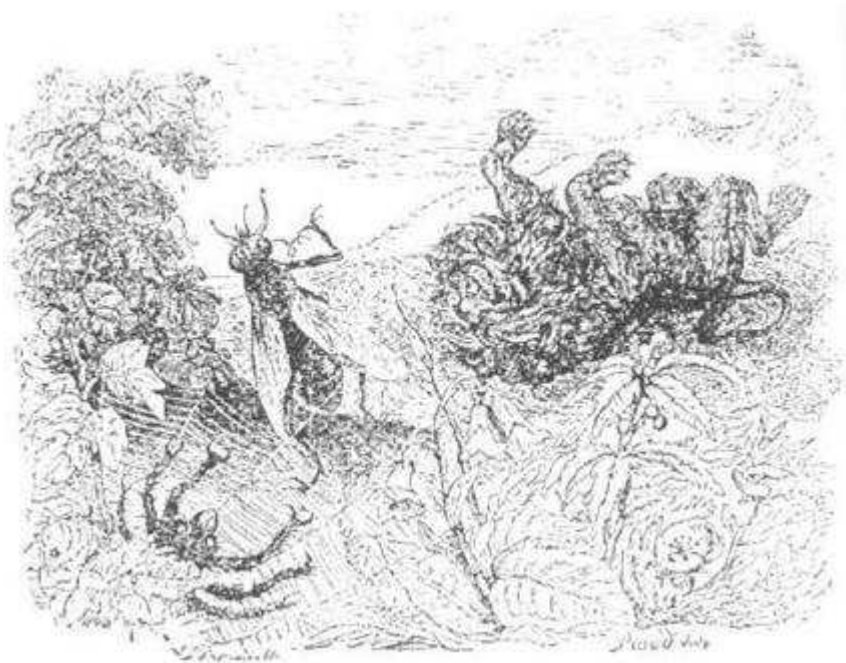
Que escuma, e que nos olhos relampeja:

Ruge horrendo, e pavor em roda infunde

Tão rijo, que estremece, e que se esconde

Toda a gente. — E era obra dum mosquito

Tão insólito susto:



Atormenta-o essa esquirola de mosca,  
Que ora helfas lhe pica, ora o costado,  
Ora lhe entra nas ventas. —  
Então lhe sobe ao galarim a sanha,  
Então triunfa, e ri do seu contrário.  
O invencível, de ver no irado busto,  
Que dentes, garras, em lavá-lo em sangue  
Seu dever desempenham.  
O costado do leão se esfolia, e rasga,  
Dá num, dá noutro quadril com a cauda estalos.  
Fere a mais não poder, com o açoite os ares. —  
Desse extremo furor, que o cansa, e quebra.  
Fica prostrado e torvo. —  
Eis que o mosquito ali blasona ovante;  
Qual a investir tocou, vitórias toca,  
Pelo Orbe as assoalha,  
Pavoneando gira. — Mas no giro  
Certa aranha, que estava de emboscada,  
De sobressalto o colhe,  
E lhe chupa a ufanía.



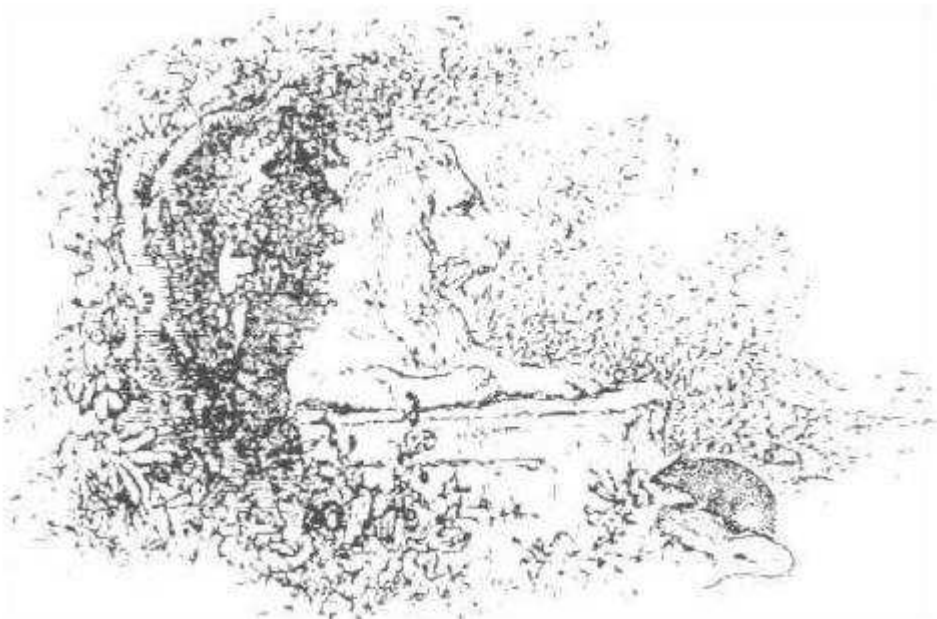
Doutrinas serviçais há nesta fábula.  
Eis uma: Que o que mais entre inimigos  
Devemos de temer, são muitas vezes  
Os mais pequenos deles.  
Outra é: Que alguém escapa aos perigos,  
Que em menor lance acaba.

## O leão e o rato

*Curvo Semedo (Trad.)*

Saiu da toca aturdido  
Daninho pequeno rato,  
E foi cair insensato  
Entre as garras de um leão.

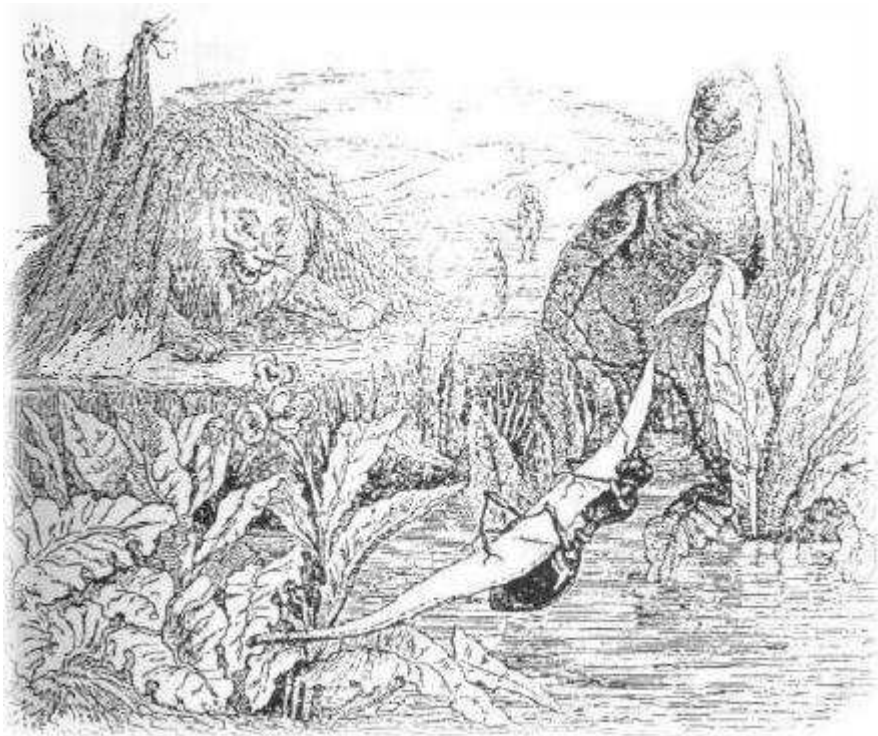
Eis o monarca das feras  
Lhe concedeu liberdade,  
Ou por ter dele piedade.  
Ou por não ter fome então.



Mas essa beneficência  
Foi bem paga, e quem diria  
Que o rei das feras teria  
De um vil rato precisão!  
Pois que uma vez indo entrando  
Por uma selva frondosa,  
Caiu em rede enganosa  
Sem conhecer a traição.

Rugidos, esforços, tudo  
Balda sem poder fugir-lhe:  
Mas vem o rato acudir-lhe  
E entra a roer-lhe a prisão.  
Rompe com seus finos dentes  
Primeira e segunda malha;  
E tanto depois trabalha,  
Que as mais também rotas são.

O seu benfeitor liberta,  
Uma dívida pagando,  
E assim à gente ensinando  
De ser grata à obrigação.  
Também mostra aos insofridos,  
Que o trabalho com paciência  
Faz mais que a força, a imprudência  
Dos que em fúria sempre estão.



## **A pomba e a formiga**

*Curvo Semedo (Trad.)*

Enquanto a sede uma pomba  
Em clara fonte mitiga,  
Vê por um triste desastre  
Cair n'água uma formiga.

Naquele vasto oceano  
A pobre luta e braceja,  
E vir à margem da fonte  
Inutilmente deseja.

A pomba, por ter dó dela,  
N'água uma ervinha lança;  
Neste vasto promontório

A triste salvar-se alcança.

Na terra a põe uma aragem;  
E livre do precipício,  
Acha logo ocasião  
De pagar o benefício:

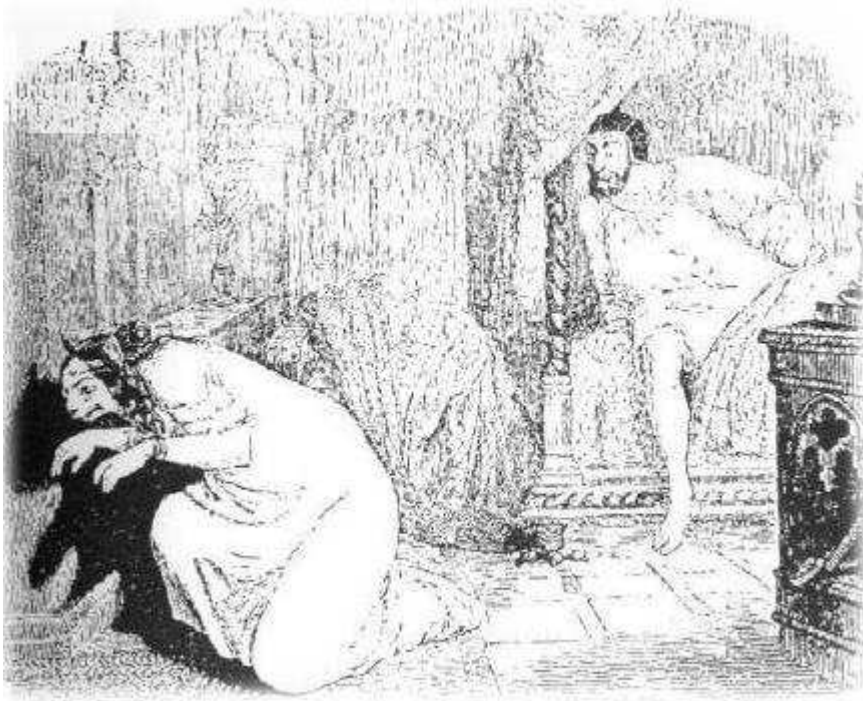
Que vê atrás de um valado,  
já fazendo à pomba festa,  
Um descalço caçador  
Que dura farpa lhe assesta.

Supondo-a já na panela,  
Diz: "Hei de te hoje cear!"  
Mas nisto a formiga astuta  
Lhe morde num calcanhar.

Sucumbe à dor, torce o corpo,  
Erra o tiro, a pomba foge;  
Diz-lhe a formiga: "Coitado!"  
Foi-se embora a ceia de hoje!"

De boca aberta ficando,  
Conhece o pobre glutão  
Que só devemos contar  
Com o que temos na mão.

E posto enfim que haja ingratos,  
Notar devemos também  
Que as mais das vezes no mundo  
Não se perde o fazer bem.



## **A gata metamorfoseada em mulher**

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

A uma gata que tinha, um tal pascácio  
Com paixão adorava.  
Era tão meiga, delicada e bela!  
E tão doce miava!

Doido, mais doido que os que estão no hospício,  
O nosso namorado,  
Com preces, choro, encantos, sortilégios,  
Logrou dobrar o fado.

Numa bela manhã nossa gatinha  
Em mulher se mudou;  
E o seu adorador, no mesmo dia,  
Por esposa a tomou.

Doido de amor, qual fora de amizade,  
O hipocôndrico esposo  
julga a mulher — das perfeições da Terra  
Santo ideal formoso.

Enche-a de adulações, cobre-se de mimos;  
E nem longes sequer  
Lhe vê de gata; ilude-se, julgando-a  
Toda e em tudo mulher.

Uns ratinhos, porém, roendo a esteira,  
Vieram perturbá-los.  
Presto a moça levanta-se do leito;  
Mas não pôde apanhá-los.

Tornam os ratos a arranhar a esteira;  
E a noiva, de gatinhas,  
Agarra, desta vez, os tais murganhos  
Com dentes e mãozinhas.

Em forma de mulher os pobres ratos  
Não na podem fugir,  
É deles sorte à gata transformada  
De incentivo servir.

Este caso o poder da natureza  
Nos demonstra de sobra;  
Passado certo tempo o vaso embebe,  
O pano toma a dobra.

Em vão do sestro e propensão que a levam  
Quereis desavezá-la;  
Por mais que trabalheis, zomba de tudo;  
Não podeis reformá-la.

Nem à força de rilha, ou de forcados,  
Mudará de feição;

Nem lograreis o impulso dominar-lhe,  
Empunhando um bastão.

Fechai-lhe a porta, como se expelísseis  
Figadal inimigo;  
Há de voltar a rápido galope  
Ou forçar o postigo.



# L I V R O III

## O moleiro, o filho e o burro

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Sendo a invenção das artes  
Direito de morgado,  
Foi na vetusta Grécia  
O apólogo inventado.

Não se lhe pode a messe  
De modo tal ceifar,  
Que aos pósteros não reste  
Muito que respigar.

Na terra fabulosa  
Há regiões desertas,  
Onde os poetas fazem  
Contínuas descobertas.

Um caso ouvi, que mostra  
Engenho de invenção;  
Dele a Racan fizera  
Malherbe a narração.





Esses rivais de Horácio,  
De sua lira herdeiros,  
Discípulos de Apolo  
E mestres verdadeiros.

A sós, sem testemunhas.  
Num sítio se encontraram,  
E assim idéias penas,  
Um de outro confiaram.

RACAN

"Ó vós, que tantos marcos  
Passastes da existência,  
Que tendes deste mundo

Tão longa experiência:

Dizei-me que carreira  
Eu devo preferir:  
Desejo seriamente  
Pensar no meu porvir.

Sou vosso conhecido;  
Sabeis quem são meus pais,  
Se tenho algum talento,  
Juízo e cabedais.

Convém que na província  
Morada eu vá fixar?  
Cargo exercer na corte,  
Ou na milícia entrar?

Mescla de amargo e doce  
Tem quanto o mundo encerra;  
Há no himeneu seus sustos,  
Seu júbilo há na guerra.

Se o gosto meu seguisse  
Soubera o que escolher.  
Mas devo à corte, ao povo  
E aos meus satisfazer".

#### MALHERBE

"Querer que de seus atos  
O mundo se contente?!  
Antes de responder-vos  
Ouvi-me atentamente:

Li algures que um velho moleiro  
E seu filho — taludo *muchacho* —  
Certo dia na feira vizinha  
Tinham ido vender um seu macho.

Por poupá-lo e por ele bom preço  
Alcançar — eis o meio que empregam:  
Reunindo-lhe as patas, o ligam,  
E num pau, como a lustre, o carregam.

O primeiro que os viu na passagem,  
Irrompeu em tremenda risota:  
"Oh! Meu Deus! Que visíveis pascácios!  
Que basbaques! Que gente idiota!

Onde vai este par de galhetas  
Pôr em cena tão parvo entremez?  
Nesse grupo o que chamam de burro  
Não parece o mais burro dos três".

O Moleiro, que ouvira a chacota,  
Conhecendo-se réu de sandice,  
Fez que o bruto, liberto das cordas,  
Por seus cascos jornada seguisse.

Nosso burro, a quem mais aprazia  
Viajar daquela outra maneira,  
Ornejou séria queixa a seu dono,  
Que foi surdo à asinal choradeira.

Sobe o moço ao costado do macho,  
E o moleiro no encalço lhes vai;  
Eis um grupo de três mercadores  
De repente, ao encontro lhes sai.

Um dos tais, a esbofar-se, gritava  
"Isto é carro adiante de bois!  
Pois o moço é que vai repimpado.  
Indo à pata o mais velho dos dois!

Tens lacaio de barbas de neve!  
Eia, desce, rapaz, sem demora!

Deixa o velho montar na alimária;  
É servir-lhe de pajem agora".

— Meus senhores, eu vou contentar-vos —  
(Dá-se pressa em dizer o velhote).  
Desce o filho e cavalga o burrico,  
Que despeja o caminho, de trote.

Encontraram parado na estrada  
De três moças ulhento farrancho;  
Uma diz: "A criança a estrompar-se.  
E o barbaças montado, tão ancho!

Bamboleia-se e faz-se bonito,  
A pimpar, qual um bispo, o patola!  
Quem assim à galhofa se presta  
Tem decerto pancada na bola".

#### MOLEIRO

"Raparigas, deixai-vos de asneiras;  
Eu já velho, a chibar de bonito!  
Ide embora; não devo aturar-vos.  
Nem vos quero servir de palito".

De dar troco a dichotes já farto,  
Põe o velho o rapaz à garupa;

Mas debalde; que a pouca distância,  
Nova troça com ele se ocupa.

#### TROÇA

"Esta gente perdeu o miolo!  
Pobre burro! Tem sobra de lastro!  
Se o perseguem de espora e azorrague,  
Dão-lhe cabo do frágil canastro.

Vão causar a este velho servente  
Com tal carga mortal pulmoeira.  
Dentro em pouco ele estica os jarretes;  
Só a pele lhe vendem na feira".

MOLEIRO

"Pretender contentar toda a gente  
E decerto chapada toleima;  
Mas tentemos o extremo recurso;  
Se falhar, não persisto na teima".

Descem ambos. Qual bispo em viagem  
Grave marcha o burrico adiante;  
Eis, de lado: "Ó que cena gaiata!  
(Zombeteiro lhes grita um tunante);

Pois então anda o burro a seu gosto  
E o moleiro, pedestre, a escoltá-lo?  
Qual se deve cansar? Burro, ou dono?  
É melhor nuns bentinhos guardá-lo.

Quem antes rustir os sapatos  
E o brutinho poupar. Nicolau,  
(Diz a copla) se vai ver Joana,  
É montado em seu velho quartau.  
Ó que trio de brutos sendeiros!"

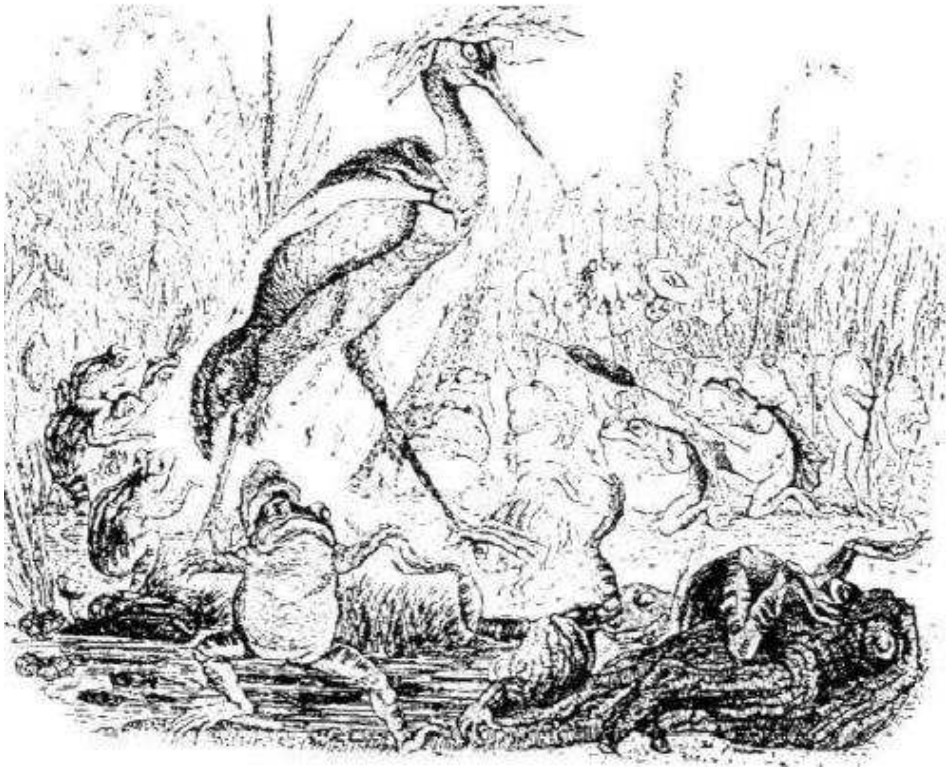
MOLEIRO

"Razão tendes, sou burro; estou vendo;  
Mas foi bom; pois, de agora em diante,  
Só por mim dirigir-me pretendo.

Quer a gente me louve, ou censure,  
Quer de minhas ações nada diga,  
Hei de sempre entregá-la ao desprezo,  
Sem que nunca afligir-me consiga".

Quanto a vós, o Racan, convencei-vos:  
Quer sigais as fileiras de Marte,  
Quer do príncipe entreis ao serviço.  
Quer do Amor arvoreis o estandarte;

Ide, vinde, ou caseis na província;  
Alto emprego ou governo ocupeis;  
Hão de sempre cortar-vos na pele  
Sem que a boca do mundo tapeis.



## **As rãs pedindo rei**

*Francisco Palha (Trad.)*

Viviam certas rãs num charco imundo  
Em república plena. Era um pagode!

Tal qual uns democratas, que há no mundo,  
Julgando que a república, no fundo,  
Outra coisa não é senão a gente  
Fazer o que bem quer e quanto pode,  
A rã tripudiava impunemente.  
Todos os dias era certo o choque  
Entre o batráquio forte, intransigente,  
E parte da nação, já descontente,

Largou-lhe lá do céu um rei pacato,  
De suma gravidade,  
Das alturas tombando, o rei na queda  
Fez tal espalhafato,  
Que as fêmeas em pavor, os machos fulos,  
Aqueles saltitando, estes aos pulos,  
Como é uso das rãs nas grandes crises,  
Cada qual a gritar: arreda!, arreda!  
Entre os juncais, no lodo, nas raízes  
Dos salgueiros se enreda.

Por longo tempo em seus esconderijos  
Das rãs esteve homiziado o povo,  
Transformaram-se em medo os regozijos  
Da antiga bacanal. Gigante novo  
Cuidavam ser o rei que o céu lhes dera.  
Não ousavam sequer sair da toca:  
Pois, não raro, os instintos maus de fera  
Por imprudente a presa é que os provoca.  
Já nessas muito a pêlo vinha  
Dizer: *Cautela e caldo de galinha...*

O rei era um pedaço de madeira.  
Nem mais, nem menos. — Numa bela tarde  
Uma das rãs, por ser menos covarde  
Ou mais bisbilhoteira,  
Tirou-se de cuidados, manso e manso  
Na flor das águas surge, e, às guinadinhas,  
Com muito tento e jeito,

Do cepo se aproxima.  
Após ela vem outra... e outra... aos centos!  
Vendo que o rei não sai do seu ripanço,  
Rodeiam-no; coaxam: *Salta acima...*  
E coaxado e feito!...

O rei, temido outrora, às picuinhas  
Dessa chusma vilã se vê sujeito.

Em rápido momento  
Sobre ele a malta audaz se encarapita,  
E faz do bom monarca um bom assento.  
Nem chus nem bus! Galado que nem porta,  
Qual fora noutros tempos!...

Isto irrita.  
Rompem as rãs então numa algazarra  
Que o pântano atordoia,  
Os fios d'alma a quem as ouve corta:  
"Leva daqui, ó Jove, esta almanjarra  
Que nem mexe, nem pune, nem perdoa,  
E mais parece uma alimária morta.  
Cabide duma croa.  
Em vez de nosso rei — nossa vergonha!"

Vai Júpiter que faz? Uma cegonha  
Das muitas que possui logo destaca,  
E manda que das rãs ponha e disponha,  
Numa das mãos o queijo e noutra a faca.  
Ora a cegonha, apenas em seu trono  
Dona das rãs se vê e sem ter dono,  
Diz consigo:

"Nasci dentro de um fole!  
Quem tira agora o papo da miséria  
Sempre sou eu!..."

Passeia toda séria,  
Perna aqui... perna além, num andar mole  
E quanta rã apanha quanta engole.  
Geral consternação o charco enluta,  
Renovam-se as lamúrias:



Que o rei é doido e tem às vezes fúrias;  
Que, doido ou não, o povo trata à bruta;  
Doutro rei que as não coma mais depressa  
Por fim, que faça o deus formal promessa!

Mas Júpiter tonante

Destarte lhes responde:

"Inútil prece!

Dei-vos um rei tranqüilo, inofensivo,  
Que nem sempre se tem, nem se merece:

Um rei, que era um regalo!

Foi vê-lo e pô-lo pela barra fora!

Dei-vos segundo: um gênio um pouco vivo...

Meninas, agüentá-lo!

Era bom o primeiro e foi-se embora.

É mau este de agora.

Contentai-vos com ele, ó meus indezes,

Que venha quem vier... pior mil vezes!"

## **O raposo e o bode**

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

O capitão raposo  
Ia caminho ao lado  
De seu amigo bode,  
D'alta armação dotado.

Este não via um palmo  
Diante do nariz;  
Era formado aquele;  
Nas burlas mais sutis.

Ungidos pela sede,  
Lograram penetrar



Num poço, cujas águas  
Sorveram a fartar.

Disse o raposo ao bode:  
"O que fazer agora?  
Beber não foi difícil;  
É sim vir para fora.

As tuas mãos e pontas  
Ergue, compadre, acima,  
E o corpo sobre o muro

Solidamente arrima.

Subindo por teu lombo,  
Trepando na armação,  
Alcançarei a borda,  
A fim de dar-te a mão."

BODE

"Por minhas barbas, digo:  
Podes ficar ufano!  
Jamais eu descobrira  
Tão engenhoso plano."

Safando-se o raposo,  
O bode lá deixou;  
E sobre a paciência  
Este sermão pregou:

RAPOSO

"Se Deus te dera tino  
Em dose, à barba igual,  
De certo não caíras  
Em arriosca tal.

O caso é que estou fora!  
E pois, compadre, adeus!  
Livra-te desse apuro,  
Dobrando esforços teus.

Veda negócio urgente  
Que eu possa te valer."

Quem entra numa empresa  
O fim deve prever.

## A gota e a aranha

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Quando a aranha e a doença da gota  
Rebentaram do abismo infernal,  
"Sois, ó filhas, lhes disse o demônio,  
Dois terríveis agentes do mal.

Cumpre agora escolher os lugares,  
Para vossa morada talhados;  
Vede aqueles humildes casebres,  
E esses lindos palácios dourados;

Decidi-vos por uns, ou por outros,  
Pois que neles deveis habitar;  
E, na falta de acordo, é preciso  
Pela sorte essa escolha fixar."

"Vá morar quem quiser em choupanas!"  
(Diz a aranha com ar de desprezo).  
Mas a gota que vira em palácio  
Uma escola hipocrática em peso;

Refletiu que entre tantos doutores  
Não podia à vontade viver;  
Preferiu a palhoça e no artelho  
De um lapuz foi-se, a gosto, esconder.

"Creio (diz) que não fico inativa  
Neste posto que a salvo escolhi,  
E que a gente que segue a Esculápio  
Não me obrigue a mudar daqui.



Num floreio dourado do teto  
Fez a aranha segura guarida,  
Trabalhando a valer, qual se houvesse  
Arrendado aposento por vida.

Que engenhosa era a teia que urdira!  
Quantas moscas na rede prendeu!  
Mas no dia seguinte a criada  
Todo aquele artefato varreu.

Surge a rede tecida de novo,  
E a vassoura outra vez a arrepanha,  
Compelindo a mudar de aposento

Cada dia coitada da aranha.

Tendo embalde exaurido os recursos,  
Foi o inseto da gota em procura;  
Encontrou-a no campo gemendo  
Entre as garras de atroz desventura.

Nem a mais infeliz das aranhas  
Poderá comparar-se com ela.  
Racha lenha com seu hospedeiro.  
Cava, sacha, revolve a coirela.

Atormente-se a gota (é provérbio)  
E metade da cura teremos. —  
Diz a gota "Ai, irmã! Já não posso!  
Eu vos peço — de casa troquemos."

Pronta a irmã da palavra lhe pega  
E a cabana investiu sem tardança;  
Lá não acha vassouras que a forcem  
A viver em contínua mudança.

Eis a gota, que às juntas, de um bispo  
Do seu lado, frechara direito.  
Ceva nele o furor, condenando-o  
A não mais levantar-se do leito.

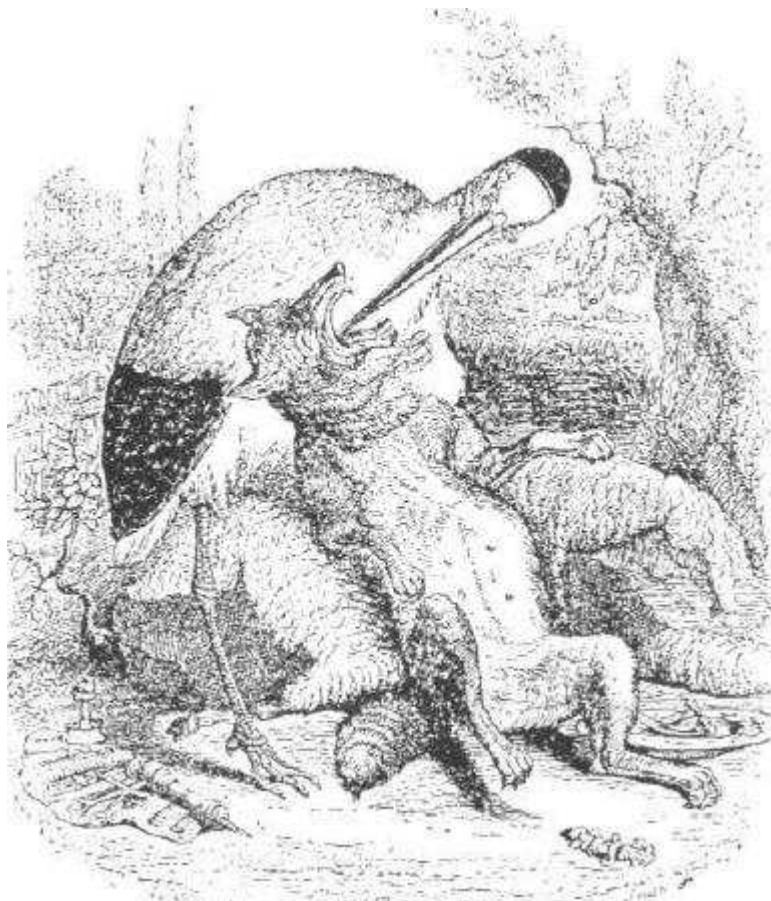
São baldadas fricções, cataplasmas;  
Vai de mal a pior o doente;  
Nem se pejam os tais doutoraços  
De entreter a moléstia da gente.

Foi-lhes útil, portanto, o remédio;  
Dessa troca vantagens colheram.  
Ambas tendo conforto e agasalho  
Satisfeitas da sorte viveram.

## O lobo e a cegonha

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Vorazes comem lobos;  
Nada lhes vence a gana;  
Eis o que fez um deles;  
Em farta comezaina.



Tão sôfrego engolira,  
Sua avidez foi tanta,

Que de través lhe fica  
Um osso na garganta.

Sentindo-se engasgado,  
E sem poder gritar,  
julgou-se na agonia  
E prestes a expirar.

Uma cegonha (ó dita!)  
Passa dali vizinha;  
Chamada por acenos,  
Vem acudi-lo asinha.

Com grande habilidade  
Procede à operação;  
Retira o osso — e a paga  
Requer do comilão.

"A paga! (exclama o lobo)  
Comadre! Estás brincando!  
Pois não te deixo livre,  
A vida desfrutando?"

Não me saiu dos dentes  
Tua cabeça intata?  
Vai-te e das minhas garras  
Cuida em fugir, ingrata!"





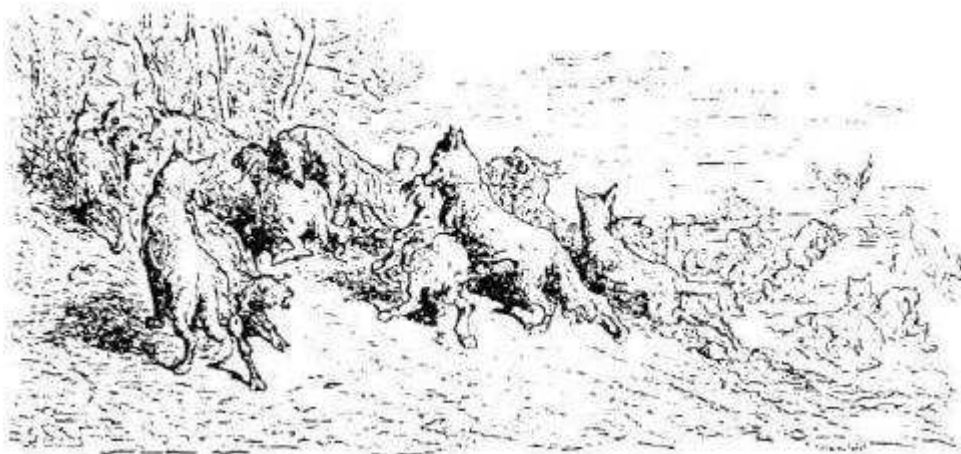
## A raposa e as uvas

*Bocage (Trad.)*

Contam que certa raposa,  
Andando muito esfaimada,  
Viu roxos maduros cachos  
Pendentes de alta latada.

De bom grado os trincaria,  
Mas sem lhes poder chegar.  
Disse: "Estão verdes, não prestam,  
Só cães os podem tragar!"

Eis cai uma parra, quando  
Prosseguia seu caminho,  
E crendo que era algum bago,  
Volta depressa o focinho.



## Os lobos e as ovelhas

*Couto Guerreiro (Trad.)*

Os lobos e as ovelhas, que tiveram  
Uma guerra entre si, tréguas fizeram:  
Os lobos em refêns lhes entregavam  
Os filhos; as ovelhas os cães davam.  
Os lobinhos, de noite, pela falta  
Dos pais, uivavam todos em voz alta:  
Acudiram-lhes eles acusando  
As ovelhas de um ânimo execrando;  
Pois contra o que é razão e o que é direito,  
Algum mal a seus filhos tinham feito:  
Faltavam lá os cães que as defendessem,  
Deu isto ocasião a que morressem.

Haja paz, cessem guerras tão choradas;  
Mas fiquem sempre as armas e os soldados,  
Que inimigos que são atraíçoados,  
Tomaram ver potências desarmadas.

Não durmam, nem descansem confiadas  
Em ajustes talvez mal ajustados:  
Nem creiam na firmeza dos tratados,

Que os tratados às vezes são tratadas.  
Só as armas os fazem valiosos,  
E ter muitos soldados ali juntos  
Respeitáveis a reis insidiosos;  
Senão, para os quebrar há mil assuntos:  
E mais tratados velhos, carunchosos.  
Firmados na palavra dos defuntos.



## O leão velho

*Bocage (Trad.)*

Decrépito o leão, terror dos bosques,  
E saudoso da antiga fortaleza,  
Viu-se atacado pelos outros brutos,  
Que intrépidos tornou sua fraqueza.

Eis o lobo com os dentes o maltrata,

O cavalo com os pés, o boi com as pontas,  
E o mísero leão, rugindo apenas,  
Paciente digere estas afrontas.

Não se queixa dos fados, porém vendo  
Vir o burro, animal d'ínfima sorte:  
"Ah! Vil raça! — lhe diz — morrer não temo,  
Mas sofrer-te uma injúria é mais que morte!"

## **A mulher teimosa afogada**

*Curvo Semedo (Trad.)*

Um homem que era casado  
Com mulher néscia e teimosa,  
Que tinha um gênio danado,  
Foi um dia  
Fazer certa romaria,  
Distante do povoado.

Eis que um rio caudaloso  
No fim da estrada encontraram,  
Que passar era forçoso.  
O marido  
Sonda o vau, e prevenido  
Teme entrar no pego undoso.

A mulher, teimosa e má,  
Lhe diz: "Entra n'água, ó fona,  
Que perigo nenhum há.  
— Há perigo,  
Torna-lhe ele, — e não prossigo!"  
E ela diz: "Pois eu vou lá!"



Nisto, mete-se imprudente  
À levada impetuosa  
Feita pela grossa enchente;  
Então cai,  
E, indo ao fundo aos urros, vai  
Envolvida na corrente.

Aterrado o pobre esposo,  
Vendo aquela atroz desgraça,  
Inda quer salvá-la ansioso;  
Que a lastima,  
E vai pelo rio acima  
Procurando-a cuidadoso.

Os que viram abismá-la  
Vendo-o ir contra a corrente,  
Dizem: "Valha-te uma bala,  
Ó borracho!  
Se foi pelo rio abaixo,

Lá em cima é que hás de achá-la?"

Torna-lhe ele: "Este dragão  
Sempre com todos viveu  
Em fera contradição,  
E por má  
juro que subindo irá,  
Se as águas descendo estão.

Às avessas da outra gente  
Andou toda a sua vida;  
Mas já teimosa imprudente  
Não será;  
Que o gênio que o berço dá  
Tira-o a tumba somente".

## **O gato e o rato velho**

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Num fabulista li que um tal bichano  
Rodilardo segundo,  
Tomou a peito, exterminando os ratos,  
Livrar deles o mundo.

No felino Alexandre os ratos viam  
Átila algoz e fero;  
Tremiam todos, uma légua em torno,  
Desse novo Cérbero.

Arsênico, mundéus, tábuas em falso,  
E toda a ratoeira



Eram, do gato a par, armas de morte,  
De infantil brincadeira.

Mas, vendo o nosso herói que a grei dos ratos  
Das tocas não saía,  
E, por mais forte caça que lhe desse,  
Nem um aparecia;

Pendura-se, ocultando as ligaduras,  
Pelos pés, numa viga,

Para iludir, fingindo-se de morto,  
A caterva inimiga.

Julgam os ratos justificado o biltre,  
Porque a alguém arranhara,  
Porque talvez furtara assado ou queijo.  
Ou panelas quebrara.

Todos ajustam de lhe rir no enterro,  
Em tripúdio escarninho.  
Pondo no ar o nariz, a medo avançam  
A ponta do focinho.

Voltam todos depois aos seus buracos;  
Mas, de novo saindo,  
Dão quatro passos, a sondar terreno,  
Farejando, inquirindo.

Mas o melhor da festa é que o defunto,  
Ressurge inopinado,  
E, em pé caindo, agarra alguns que a toca  
Não tinham alcançado.

"Sei outras artes mais (diz mastigando-os);  
Foi velho ardil de guerra  
Este que vistes. De que vale, estultos,  
Esconder-vos na terra?"

Não vos hão de salvar essas cavernas  
Que vos servem de abrigo.  
Caireis, um por um, cá no bandulho.  
Crede no que vos digo."

Cumpriu-se a predição, *Mestre Melúria*  
Mais outra lhes pregou;  
Branqueando em farinha, em ucha aberta  
Matreiro se agachou.



Saiu-se bem da treta, pois os bichos  
Que dão curtos pulinhos,  
Vieram nos gadanhos do verdugo  
Cair como patinhos.

Só não foi farejá-lo um rato velho,  
Mitrado e mui sabido,  
Versado em tricas e que num combate  
Tinha o rabo perdido.

E pois, de longe, ao general dos gatos  
Gritou: "Eu nessa massa  
Nada vejo de bom; antes suspeito  
Que encobre uma trapaça.

Para nada te serve o ser farinha;  
E quando foras saco,  
Não me chegara, que devemos todos  
Fugir de ti, velhaco".

E disse bem. Aprovo-lhe a prudência;  
Pois que a desconfiança,  
No conceito da gente experiente,  
E mãe da segurança.



## LIVRO IV



### O leão enamorado

*Filinto Elísio (Trad.)*

Leão de alta prosápia,  
Passando por um prado,

Certa zagaia viu mui de seu gosto,  
E esposa foi pedi-la.

Quisera o pai menos feroz o genro.  
Bem duro lhe era o dar-lha: —  
Mas também o negar-lha mal seguro;  
E que inda a ser possível  
Negar-lha, é de temer não venha a lume  
Clandestino consórcio;  
Que amava os valentões a mocetona.  
De grado se encasquetam  
As moças, de estofadas cabeleiras.  
O pai, que não se atreve  
A despedir o amante tanto às claras:  
"Minha Filha é mimosa,  
E vós podeis, entre esponsais carícias,  
Arranhá-la com as unhas:  
Consenti um cerceio em cada garra,  
E em cada dente a lima.  
Porque os beijos lhe sejam menos ásperos,  
E a vós mais voluptuosos.  
Que, sem tais sustos, há de a minha filha  
Prestar mais meiga a boca".  
Consente o leão: desmantelada a praça,  
Falto de unhas e dentes.  
Laçam-lhe os cães, vai-se o leão. Sem unhas  
Como há de resistir-lhes?  
Quando, Amor, nos agarras, bem podemos  
Dizer: "Adeus, prudência!"



## A mosca e a formiga

*Couro Guerreiro (Trad.)*

Uma mosca importuna contendia  
Com a negra formiga, e lhe dizia:  
"Eu ando levantada lá nos ares,  
E tu por esse chão sempre a arrastares;  
Em palácios estou de grande altura,  
Tu debaixo da terra em cova escura:  
A minha mesa é rica e delicada;  
Tu róis grãos de trigo e de cevada:  
Eu levo boa vida, e tu, formiga,  
Andas sempre em trabalho e em fadiga".  
A formiga lhe disse:

"Tu me enfadas  
Com essas tuas vãs fanfarronadas.  
Que te importa que eu ande cá de rastos  
Com desprezo das pompas e dos fastos?  
Para amparo e abrigo não há prova  
De valer mais palácio do que cova.  
O palácio é do rei ou da rainha,

E não teu; mas a cova é muito minha;  
Eu a fiz com a minha habilidade:  
Porventura tens tal capacidade?  
Pára aqui. Tuas prendas afamadas  
Não passam de zunir e dar picadas.  
No que toca a comer, os meus bocados  
Não me sabem pior que os teus guisados.  
Teus lhe chamo? — os que furtas: nesta parte  
Vás comigo, que eu uso da mesma arte;  
Porém não vivo em ócio e em preguiça,  
Como tu, lambareira, metediça;  
Por isso te aborrecem e te enxotam  
Com uma raiva tal, que ao chão te botam.  
Fazem-me porventura esse agasalho?  
Louvam-me em diligência e em trabalho:  
Eu faço para inverno provimento:  
Morres nele — ou por falta de alimento,  
Ou por vir sobre ti algum nordeste,  
Que para a tua casta é uma peste".

## **O jardineiro e seu senhorio**

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Certo sujeito, curioso em plantas,  
Sendo meio burguês, meio roceiro,  
Tinha um lindo vergel que cultivava,  
Como bom horteleiro.

Ali, por viva sebe protegidos,  
Vicejavam serpol, azeda, alface  
E jasmins quanto em anos da filhinha  
Para um ramo bastasse.



Uma lebre turbou-lhe a paz serena.  
"O maldito animal (diz o campônio  
Ao senhorio seu) zomba dos laços;  
Tem no corpo o demônio.

Todos os dias, de manhã, de tarde,  
Vindo a ração buscar, corre sem medo  
Entre pedras e paus; até parece  
Negócio de bruxedo".

"Bruxedo o quê? Diabo que ela fosse  
(Responde o senhorio) hei de apanhá-la.  
Por mais ronha que tenha, o meu Netuno  
Há de desencová-la.

Juro, bom homem, que vos livro dela".  
"— Quando, meu amo?" — "De amanhã não passa."  
E na manhã seguinte ele e seu rancho  
Vêm à lebre dar caça.

"— Vamos nós almoçar? Tem frangos tenros?  
Anda cá! Não te escondas, rapariga;  
Quando a casamos? Quando temos genro,  
Meu ginja дума figa?

Terás de desatar cordões à bolsa  
Para a noiva dotar". Assim falando,  
Senta a menina ao lado e vai com ela  
Liberdade tomando.

Numa das mãos lhe pega. apalpa os braços;  
Ao lenço do pescoço ergue uma ponta.  
Põe-lhe a donzela cobro à demasia,  
Que a pudicícia afronta.

Desconfiando o pai, estranha os modos  
E intenções do senhor. Grande alvoroço  
Vai na cozinha, enquanto se prepara  
O regalado almoço.

"— Que bons presuntos! Como estão fresquinhos!"  
"— Às ordens do patrão: queira aceitá-los."  
"— Pois não, e com prazer. Podes, à tarde,  
Ao castelo mandá-los."

Vão de tudo comendo à tripa forra!  
Ele e toda a caterva de criados,  
Cães e cavalos, que roazes dentes  
Trazem sempre aguçados.

Manda sem cerimônia em casa alheia,  
Qual se fosse a sua; estraga o vinho;

Diz graçolas à moça, já vexada  
Do suspeito carinho.

Tecem-se em confusão os caçadores,  
Depois do almoço; cada qual se apresta.  
Clangor de trompas — do infeliz rendeiro  
Os tímpanos molesta.

Pobre vergel! Que assolação tremenda!  
Adeus, verdura e flores de cachopa!  
Adeus, canteiro! Nem de salsa um ramo  
Para o caldo se topa!

Buscara a lebre por seguro asilo  
De ampla couve tronchuda o pavilhão.  
Desaloja-a dali; corre após ela  
Netuno — o fino cão.

O veloz animal sai por um furo;  
Furo? Que digo? — Um vão que se escancara;  
— Enorme, larga brecha, que o fidalgo  
Na cerca abrir mandara.

Era desar (pensava o senhorio)  
Que o nobre castelão e a comitiva  
Não pudessem dali partir montados,  
Rasgando a sebe viva.

Dizia, lá consigo, o bom rendeiro:  
"São farfalhas de príncipe garboso".  
Leva-lhe o vento a voz; sai pela brecha  
O séquito ostentoso.

E a malta do fidalgo, em poucas horas,  
Fizera no vergel mais bastos danos  
Do que todas as lebres da província  
Fariam em cem anos.



Senhores de pequenos principados!  
Liquidai entre vós qualquer pendência.  
Buscar os reis para vos pôr de acordo  
É suprema demência.

Não tolereis jamais que um rei se meta  
Como amigo e aliado em vossas guerras;  
Não o deixeis também, nem por visita,  
Entrar em vossas terras.

## **O burro e o cãozinho**

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Nunca forceis o talento,  
Que perdereis toda a graça:  
Jamais terá fino trato  
Um lapuz, faça o que faça.

Poucos, do céu escolhidos,  
E a quem Deus quis premiar,  
Tiveram, ao vir ao mundo,  
O talismã de agradar.

Vede a prova deste acerto  
Do burro no proceder,  
Quando quis, pra ser amável,  
Ao dono, agrado fazer.

"Pois então (dizia o burro,  
Em solilóquio secreto)  
Há de este cão, por mimoso,  
Ser dos patrões o diletto?"



De bom leito e farta mesa  
Com eles goza as delícias;  
Enquanto a pau me desancam  
Ele recebe carícias!

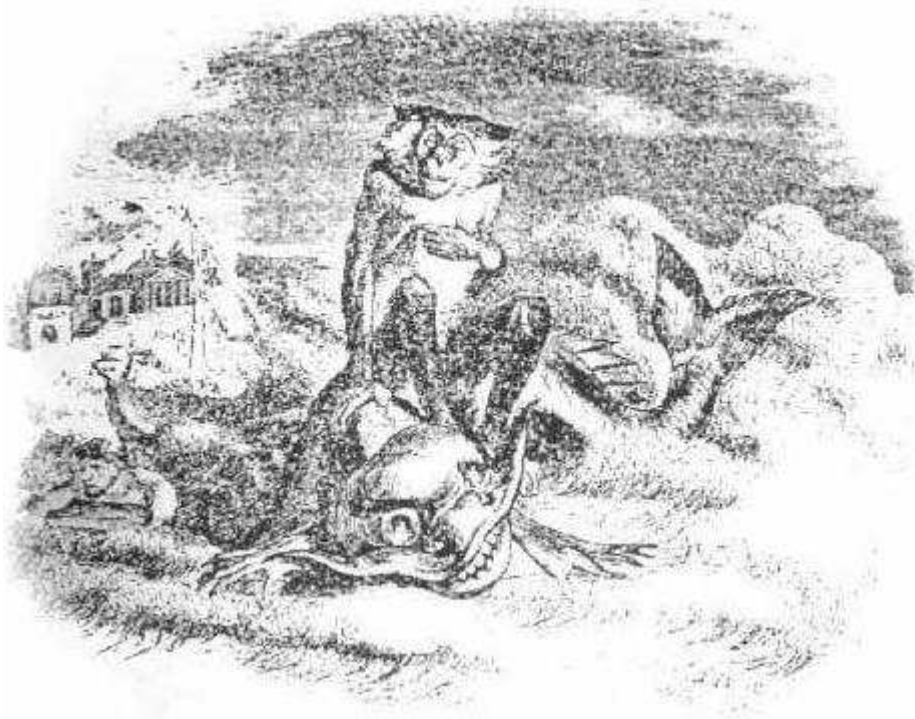
Que faz ele? Estende a pata,  
E, logo após, é beijado.  
Se eu não fizer outro tanto,  
Hei de ser bem desasado".

Encasquetada esta idéia,  
E vendo o dono contente,  
Ei-lo, vai para seu lado,  
Andando pesadamente.

Levanta ao rosto do dono  
Casco, já gasto e asqueroso,  
Juntando ao ato o solfejo  
Do seu canto gracioso.

DONO

"Que afago e que melodia!  
Arrocho nele, Martim!"  
Muda o tom com a sova o burro  
E a farsa termina assim.



## O macaco e o golfinho

*Couto Guerreiro (Trad.)*

Costumam os Malteses nos navios  
Divertir-se com cães e com bugios:  
Afundou-se um navio desta gente  
Junto a Sunio, que é cabo pertencente  
À terra Ática: andava tudo a nado,  
E um bugio também quase afogado.

Um golfinho, que o viu em tanto dano,  
Parecendo-lhe ser vivente humano,  
As costas lhe oferece; vem por cima  
Das ondas, com o fim de que o redima.

Defronte do Pireu, que é estaleiro

De Atenas, perguntou ao companheiro  
Se era desta cidade. — Respondia  
Que sim, e da mais alta fidalguia.  
"Conheces o Pireu?" lhe perguntava.  
O macaco, cuidando que falava  
De algum homem, dizia: "É um amigo,  
Que estreita confiança tem comigo".

O golfinho ficou tão iracundo  
Da mentira, que o pôs logo no fundo.  
O golfinho foi muito rigoroso  
Em dar ao mentiroso tão mau trato;  
Porém todo o sujeito que é sensato,  
Deve apartar de si o mentiroso.  
O tratá-lo sempre é muito danoso;  
Por isso haja cautela, haja recato;  
Porque quando mo faz muito barato,  
Ou me deixa enganado, ou enganoso,  
Se me deixa enganado, fico tido  
Por néscio; e de tal modo enganaria,  
Que eu fique, além de pobre, escarnecido:

Se, pegando-me a sua epidemia,  
Me deixou enganoso, estou perdido;  
Que de um que mente bem ninguém se fia.



## **O gaio que se revestiu das penas do pavão**

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

De certo pavão na muda  
Um gaio as penas tomou,  
E a roupagem cambiante  
Ao próprio corpo adaptou.

Foi, depois, fazer figura,

A pimpar entre os pavões.  
Conhecido — ei-lo enxotado,  
A bicadas e empuxões.

Foge, entre vaia estrondosa,  
Corrido, ludibriado;  
Leva o corpo em carne viva,  
Pelos pavões depenado.

Buscando asilo e refúgio  
Entre os gaios, sem iguais,  
Foi repelido a assobios  
E gargalhadas gerais.

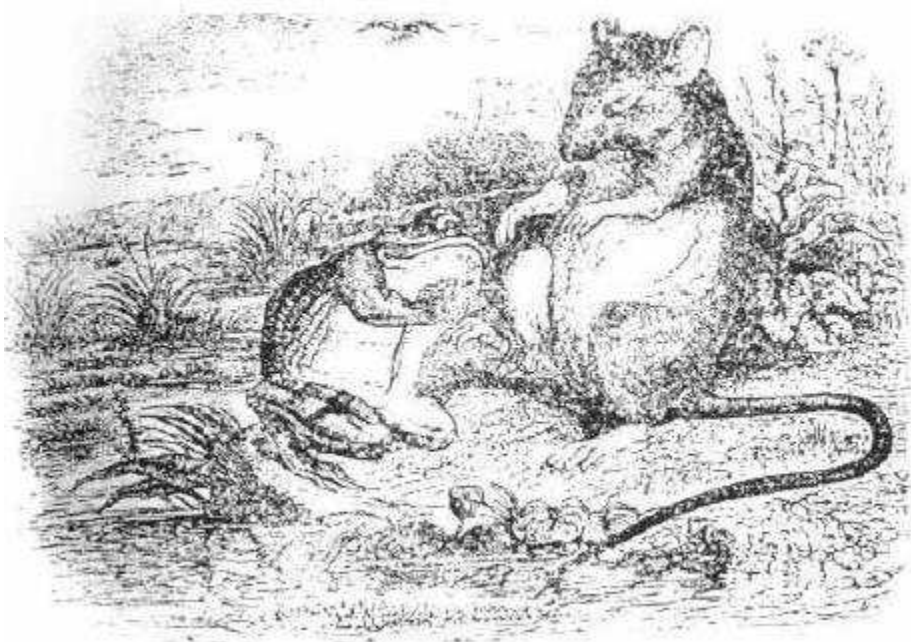
Gaios bípedes conheço  
Que não são imaginários;  
Usurpam alheias penas  
E se chamam *plagiários*.

Mas, chítton! Não é meu fito  
Apontar os impostores!  
Entre os pavões são notórios  
Os gaios usurpadores.

## **A rã e o rato**

*Couto Guerreiro (Trad.)*

Trazendo viva guerra antigamente  
Rãs e ratos, houve uma tão valente,  
Que tomou em um choque prisioneiro  
Um rato, que era entre eles cavalheiro.  
Pedi-lhe esta licença em certo dia,



Para acudir a um pleito que trazia:  
Concedeu-lha. Era o rato precisado  
A passar um profundo rio a nado:  
Deu indício de medo; a rã lhe disse  
Que se prendesse a ela e que a seguisse;  
Que como no nadar tinha mais arte,  
O poria, sem risco, da outra parte.

Aceitou, e de junca fabricaram  
Uma boa tamiça a que se ataram;  
Porém a falsa rã, que a má vontade  
Encobria em finezas de amizade,  
Desejava afogá-lo; e lá no meio  
Puxava para baixo, e com receio  
Puxava para cima o triste rato,  
E faziam um grande espalhafato.

Passava acaso uma ave de rapina;  
E vendo aquela bulha, o vôo inclina;  
Pilha ambos pelo atilho; e a tal contenda  
Acabou em fazer deles merenda  
Ninguém creia em finezas de inimigo,  
Porque o ódio se oculta e não se entende;



Para haver de meter-nos em perigo.

Sabemos que não fica sem castigo;  
Porque às vezes no laço em que pretende  
Ofender-me, também a si ofende:

Se padecesse só o embusteiro,  
Menos mal; porém vou com ele atado,  
E posso no penar ser o primeiro;

Por isso nada fico aproveitado,  
E talvez aproveite algum terceiro  
À custa do inocente e do culpado.



## **O cavalo que se quis vingar do veado**

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Antigamente os cavalos  
Para nós não trabalhavam.  
Quando os homens primitivos  
De glandes se contentavam,  
O burro, o cavalo, a mula  
Livres na selva erravam.

Não havia, como agora,

Arado, albardas, selins,  
Cadeirinhas, carruagens,  
Arnêses, grevas, fains  
Nem também tantos banquetes  
Casamentos e festins.

E, pois, nesses belos tempos  
Certo cavalo apostou  
Com um cervo, que na carreira  
Muito a distância o deixou.  
Para vingar-se — o vencido  
Humano auxílio buscou.

O homem meteu-lhe um freio,  
E saltando-lhe ao costado,  
Somente lhe deu descanso,  
Quando o mísero veado  
Foi do cavalo à vingança,  
Afinal, sacrificado.

Isso feito — eis o cavalo  
Agradece ao benfeitor  
E diz-lhe: "Sou todo vosso  
Por tão distinto favor;  
Volto à espessura selvagem,  
Adeus, adeus, meu senhor!"

"— Isso é que não! (volve o homem)  
Melhor aqui ficareis;  
Hoje, que sei vosso preço,  
Penso e leito gozareis;  
Abarrotada de feno  
A manjedoura tereis".

Ai! De que vale a fortuna  
Se a liberdade é perdida!

Viu-se o cavalo privado

Do maior bem desta vida.  
E que volta? A estrebaria  
Estava já construída.

Ali terminou seus dias.  
Sempre arrastando o grilhão.  
Não fora melhor que houvesse  
Dado à vingança de mão,  
Outorgando ao pobre cervo  
Da leve ofensa o perdão?

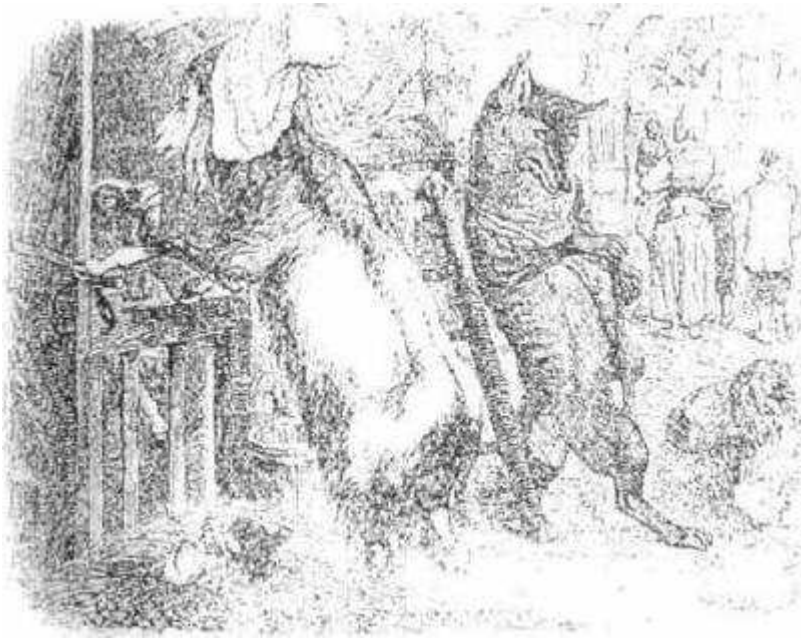
Por maior que seja o gozo,  
Que da vingança provém,  
Caro paga o que a consegue  
Com a perda do imenso bem,  
Junto ao qual todos os outros  
Preço ou valia não têm.

## **O lobo, a cabra e o cabrito**

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

A provida cabra, saindo de casa,  
Em busca de pasto,  
A encher o seu ubre que, à tarde, trazia  
Pesado e de rasto;

Dizia ao cabrito, correndo a lingüeta:  
"Se alguém cá vier,  
Só deves abrir-lhe, se acaso esta senha,  
Filhinho, te der:



— Má peste de cabo do lobo e lhe extinga  
A pérfida raça!  
Verás suceder-te, se não me atenderes,  
Terrível desgraça".

Ouviu-lhe as palavras um lobo, que em frente  
Da casa passou;  
E logo no arquivo da pronta memória  
Fiel as guardou.

Não vista da cabra, que logo se ausenta,  
A fera voraz,  
À porta dizendo metade da senha,  
A voz contrafaz.

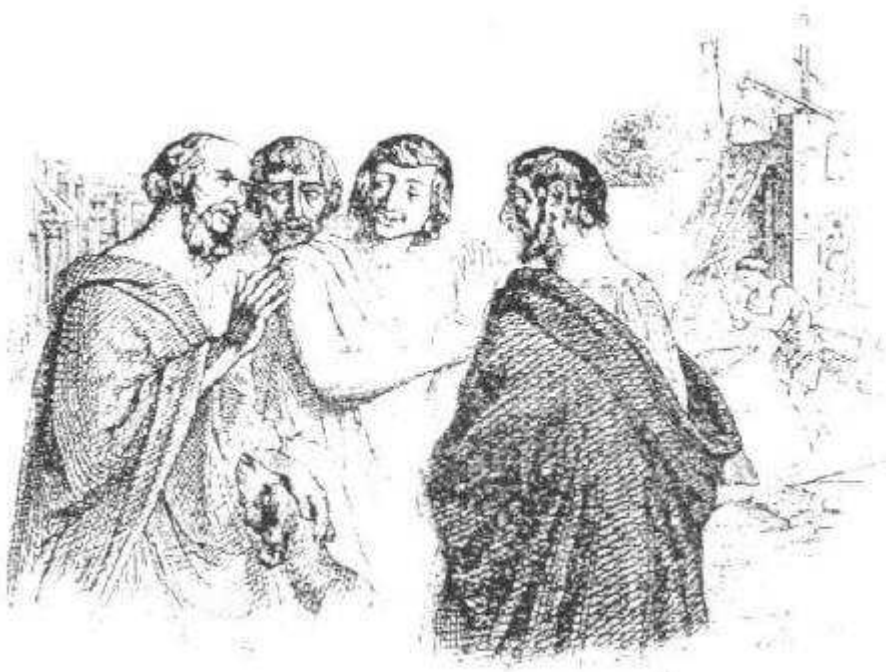
Suspeita o cabrito, e o luzio aplicado  
Da porta na fenda:  
"Só abro (responde) a quem alva pata  
Por baixo me estenda".

Sabeis que tais patas nas rodas dos lobos

Estão em desuso.  
Burlando o tratante, voltou como veio,  
Corrido e confuso.

Ai! Pobre cabrito, se à senha atendesse,  
Que o lobo lhe deu!

Dobrai de cautela; por mui precavido  
Ninguém se perdeu.



## **Aviso de Sócrates**

*Curvo Senedo (Trad.)*

Sócrates fez umas casas  
De Atenas em certa rua,  
Para nelas habitar  
Com a pouca família sua.

Que eram baixas uns diziam,

E outros bastante elevadas,  
E em suma convinham todos  
Em que eram muito apertadas.

"São apertadas, é certo, —  
Disse o sábio; — mas eu sei  
Que de amigos verdadeiros  
Cheias jamais as verei".

E mais raro do que a Fênix  
Um amigo verdadeiro:  
Não há nome tão sagrado,  
Que seja mais corriqueiro.

## **O velho e os filhos**

*Filinto Elísio (Trad.)*

Fraco é todo o poder, se união falece.  
Ouvi sobre esse ponto a Frígio escravo.  
Se à idéia dele algum feitio ajunto,  
    Não é por certo inveja;

Dessa ambição nunca hei sentido assomos.  
    Só quero dar retrato  
    Do que é nosso costume.  
Por se dar ufania, a miúdo Fedro  
Carga o invite. De meu modesto engenho  
    Tais gabos desdiriam.  
    Comecemos a fábula  
    (Melhor dissera história)  
Do homem que, unidos, quis seus filhos.  
Perto de ir, onde a morte o chama, um velho:



"Caros filhos, quebrai-me nesse lio  
Esses dardos. Direi depois o senso,  
Que aí se encerra\*. Toma-os o mais velho,  
Empenha a força, e diz largando-os:  
— *Quem mais que eu possa os rompa.*

Eis que o segundo  
Se atira ao feixe, e pondo-se em desplante,  
Forceja em vão. Põe peito à empresa o último.  
Tempo perdido! O lio fica inteiro,  
Dos dardos juntos nem um só estala.  
"Fracos sois. Vede em mim quanto me ajudam  
Poucas forças, e o como desempenho."

Cuidavam que zombava;  
Sorriam, — que ignorantes!  
Separa o velho os dardos, quebra-os todos.  
"Vedes quanto a concórdia vale? Meus filhos,  
Oh, sede sempre unidos; laço amante

Vos prende". Enquanto o mal lhe deixou vida  
Não tomou outro assunto.

Vendo enfim perto o termo de seus dias:  
"Vou ter com nossos pais. Adeus, meus filhos;  
De viver como irmãos heis prometer-me:  
Concedei essa graça a um pai, que morre."  
Cada um dos filhos três, chorando, o jura  
Nas mãos do pai, que em pouco morre.  
Os filhos acham mui grossa herança,  
Mas apinhada de embaraço infindo:  
    Um credor faz penhoras,  
    Arma um vizinho pleitos...  
Do primeiro os meus três deslindam tudo;  
    Mas curto, quanto raro  
    Foi esse amor fraterno:  
Os nós, que o sangue dera  
    Desde-lhes o interesse.  
A inveja coa ambição, votos, consultas  
Entraram de rondão pelas partilhas.  
    Já se altercam debates,  
    Vêm depois as trapaças.  
    Passa o juiz sentenças  
    Contra este, contra aquele:  
Um vizinho, um credor renova pleito.  
Esse por erro, aquele por defeito.  
    Os irmãos desunidos,  
    No parecer discordes,  
Um quer-se conchavar, outro recusa...  
    Perderam quanto tinham,  
    Querendo, mas quão tarde!  
Proveitar-se dos dardos, ora unidos.  
    Ora à parte singelos.





## **O avaro que perdeu o tesouro**

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Se a posse consiste somente no gozo,  
Ó vós que nos cofres dinheiro guardais,  
Dizei que vantagens gozais sobre a Terra,  
Que sejam vedadas aos outros mortais?

Diógenes no outro mundo  
É mais rico de que vós,  
Que neste, como o Sinópio,  
Lidais em miséria atroz.

O rico de Esopo, que esconde o tesouro,  
Exemplo no assunto nos pode prestar;  
O triste supunha segunda existência  
E nela esperava seus bens desfrutar.

Não possuía seu ouro;  
O ouro é que o possuía.  
Tinha ao solo confiado  
Considerável maquia.

Só tinha por fito, prazer e recreio  
Pensar, dia e noite, na soma enterrada.  
E assim ruminando, só viu na riqueza  
Relíquia, a si próprio defesa e vedada.

Indo, voltando, correndo,  
Trazia sempre o sentido  
No lugar, em que deixara  
O seu tesouro escondido.

Mas dando mil voltas em torno do sítio,  
Um dia foi visto por certo coveiro,  
Que assim surpreendendo do fona o segredo,  
No chão cavoucando, roubou-lhe o dinheiro,

Nosso avaro em certo dia  
Vazia a cova encontrou;  
Gemeu, suspirou, carpiu-se  
E em pranto se debulhou.

Um, que passa, pergunta o motivo  
Dessa grita. O avarento responde:  
"— Ai! Roubaram meu rico tesouro!"  
"— Um tesouro roubado! Mas donde?"

AVARENTO

"Era junto desta pedra."

#### TRANSEUNTE

"Por que escondê-lo na terra?  
Por que trazê-lo tão longe,  
Não sendo tempo de guerra?"

Não era mais fácil guardá-lo no armário,  
Num canto seguro de vosso aposento?  
Assim poderíeis à mão conservá-lo,  
Tirando-o em parcelas a cada momento."

#### AVARENTO

"A cada momento! Oh deuses!  
Que temerária asserção!  
Vem, como vai, o dinheiro?  
Eu nunca lhe ponho a mão."

"Se assim sucedia (replica o sujeito)  
Dizei-me, eu vos peço. por que vos carpis?  
Se nunca tocáveis naquele dinheiro,  
Não sei em que a perda vos torne infeliz."

Ponde uma pedra na cova  
Que vos guardava o tesouro;  
Será para vós o mesmo  
Que um montão de prata ou ouro."



## O olho do dono

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Em um curral de vacas  
Abriga-se um veado  
"Buscai melhor asilo",  
Diz-lhe o bovino gado.

"Filhos (responde o cervo).  
Não me denunciéis;  
Eu sei de férteis pastos,  
Onde vos fartareis.

Bem pode aproveitar-vos  
Um dia este serviço.  
Valei-me; e nunca, eu juro,  
Haveis pesar-vos disso".

A todo o transe as vacas  
Prometem-lhe segredo;  
Some-se a um canto o cervo,  
Respira, espanca o medo.

À tarde, qual costumam  
Fazer em cada dia,  
Forragem, erva fresca  
Trazem à estrebaria.

Os servos dão cem voltas;  
Não param no vaivém;  
Girando em grande lida  
Anda o feitor também.

E por um raro acaso  
Nenhum feitor ou servo  
Deu fé dos altos galhos,  
Nem viu sinal do cervo.

O filho das florestas  
Agradecendo aos bois,  
Dizia: "Estou com vida  
Porque discretos sois".

Espera pôr-se ao fresco  
Na crástina manhã.  
Na hora em que saírem  
De Ceres para o afã.

"Vais bem por ora (disse  
Um boi a ruminar);  
Mas o homem de cem olhos  
Não veio inda rondar.

Muito por ti receio  
Essa visita, amigo;  
Até lá não te suponhas

A salvo de perigo".

E nisto vinha o dono  
Fazer sua inspeção.  
"Acrescentai (diz ele)  
Das vacas a ração.

Enchei as manjedouras;  
A palha renovai;  
Melhor desde hoje em dia  
Do gado meu tratai.

Que custa pôr em ordem  
Os jugos e as coleiras,  
E destes aranhãos  
Limpar as cumeeiras?!"

Olhando para tudo,  
Avista de repente  
Uma cabeça nova,  
Das outras diferente;

O cervo é descoberto  
E, a chuço perseguido,  
De numerosos golpes  
Por terra cai ferido.

As lágrimas não podem  
Do triste fim salvá-lo.  
Os servos o esquartejam  
E logo vão salgá-lo.

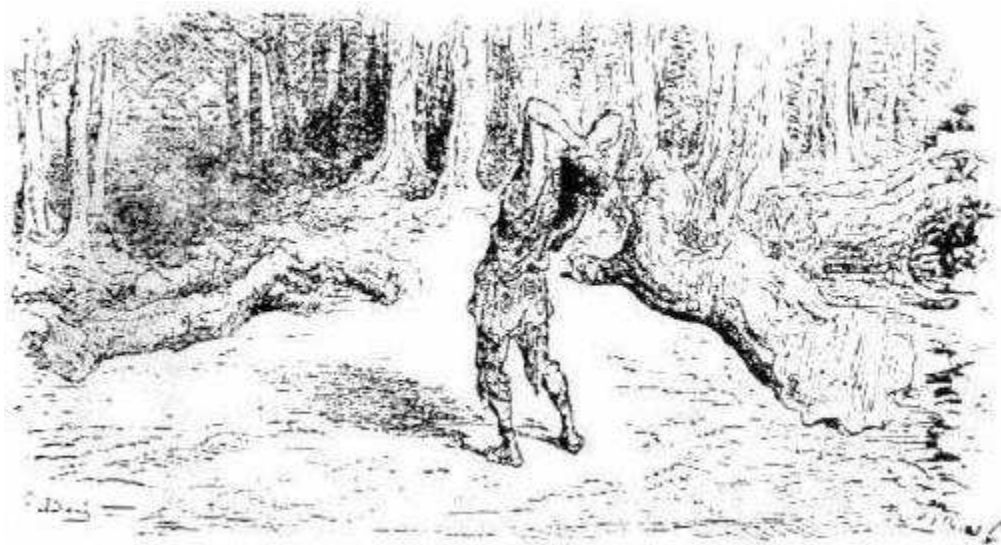
Depois de preparado.  
Figura num bufete  
Como iguaria, própria  
De opíparo banquete.

Fedro tratou deste assunto

Nestas frases elegantes:  
"Olhares como o do dono  
Outros não há vigilantes".  
Só lhes ponho em paralelo  
Os olhares dos amantes.



# LIVRO V



## O lenhador e Mercúrio

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

AO CAVALHEIRO DE BOUILLON

Vosso gosto, Senhor cavalheiro,  
A este livro de norma serviu;  
Meu desvelo em ganhar-vos o voto  
A vitória, por fim, conseguiu.

Não quereis vãos ornatos no estilo,



Grande apuro, excessivo limar;  
Eu também; não me aprazem requintes:  
Muito esmero não pode agradar.

Tudo estraga o poeta, se emprega  
Em seus versos cuidado demais;  
Não dispenso, porém, certos lances,  
Que aprecio e vós mesmo prezais.

Quanto ao alvo, que Esopo fitara,  
Menos mal tenho-o sempre atingido;  
Se não logro instruir, deleitando,  
Valha o pouco por mim conseguido.

Eu, que nunca me dei por valente,  
Se não zurzo deveras o vício  
Com a clava de Alcides, — ao menos,  
Do ridículo o jogo ao flagício.

Nisto só apurei meu engenho;  
Se é bastante o que fiz, não no sei;  
Quantos quadros de torpes defeitos  
Com pincel verdadeiro esbocei!

Uma vez era a estulta vaidade,  
De mãos dadas com a inveja aborrecida;  
— Duas molas reais em que volve,  
Pelos tempos que vão, nossa vida.

Essas pechas, que a gente degradam  
Figurei no mesquinho animal,  
Que, na altura e no grande tamanho,  
Quis de um boi arvorar-se em rival.

Pus, às vezes, em dúplice imagem,  
As virtudes dos vícios em face;  
— O bom senso ante a fofa estultícia,  
O cordeiro ante o lobo rapace;

Acheguei a formiga da mosca;  
Sendo assim convertido o meu verso  
Em comédia, que encerra cem atos,  
E que tem por cenário o universo.

Fazem nela homens, deuses e brutos  
O papel que a verdade requer;  
Jove até nos desfila ante os olhos,  
Fala em cena como outro qualquer.

Trato agora do filho de Maia  
Que do céu traz recados às belas;  
Mas vem hoje em caráter mais sério;  
Não é caso de tais bagatelas.

Um mateiro perdera o machado,  
Que lhe dava a ganhar o seu pão.  
Seus queixumes, que d'alma nasciam,  
Excitavam geral compaixão.

Seu machado! Era tudo o que tinha;  
Nem dispunha de mais ferramenta.  
Não sabendo onde pôr a esperança,  
Deste modo, a chorar, se lamenta:

"Meu machado, meu pobre machado!  
Dá-me, Jove, o machado, outra vez!  
Eu direi que foi mais um milagre,  
Que a bondade celeste me fez".

Nas olímpicas moradas  
Foi ouvido este clamor.  
"Conheces bem teu machado?  
(Diz Mercúrio ao lenhador).

Não está perdido e creio  
Tê-lo aqui perto encontrado."

E, isto dizendo, mostrou-lhe  
De ouro luzente um machado.

"Não é este." — Outro, de prata,  
Mercúrio lhe apresentou.  
"É outro; não quero o alheio!"  
(O lenhador exclamou).

Afinal, um de madeira  
O nune lhe ofereceu.  
"Este mesmo é que eu perdera;  
Este agora, sim, é meu!"

### MERCÚRIO

"A boa fé que mostraste,  
Galardão merece ter;  
Todos estes três machados  
Ficarão em teu poder."

"Aceito (volve o inateiro);  
Mil vezes agradecido."  
Foi o caso, em poucos dias,  
Nos arredores sabido.

Eram sem conta os lenheiros,  
Que a ferramenta perdiam;  
E aos céus, lha restituíssem,  
Em altos brados pediam.

Não sabendo o rei dos deuses  
A qual deles acudir.  
Mandou, de novo, Mercúrio  
Tantos reclamos ouvir.

Mostrando o machado de ouro:  
"É meu!" cada qual lhe disse.  
Responder doutra maneira

Julgam chapada tolice.

Mercúrio a tais embusteiros  
Não faz do machado entrega;  
Mas com ele um grande golpe  
Na frente lhes descarrega.

Abandonando a impostura,  
E a vil mentira também.  
Cada um no mundo viva,  
Satisfeito do que tem.

Há quem busque pela fraude  
Usurpar os bens alheios;  
Embalde; a Deus não se ilude  
Por esse ou por outros meios.



## O peixinho e o pescador

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

O peixinho há de ser peixe,  
Se vida o céu lhe outorgar;  
Mas quem o solta esperando  
Que às mãos lhe torne a voltar,  
É louco; que é muito incerto  
Podê-lo outra vez pescar.

Pescando certo sujeito  
Nas águas de uma ribeira,  
E pilhando um barbozito,  
Disse-lhe desta maneira:  
"Tudo faz número e conta,  
Tudo serve à frigideira.

Vai para o cesto, manjuba,  
Que és princípio de um festim."  
Mas o peixinho, a seu modo,  
Ao pescador fala assim:  
"Dizei, senhor, eu vos peço,  
Que podeis fazer de mim?

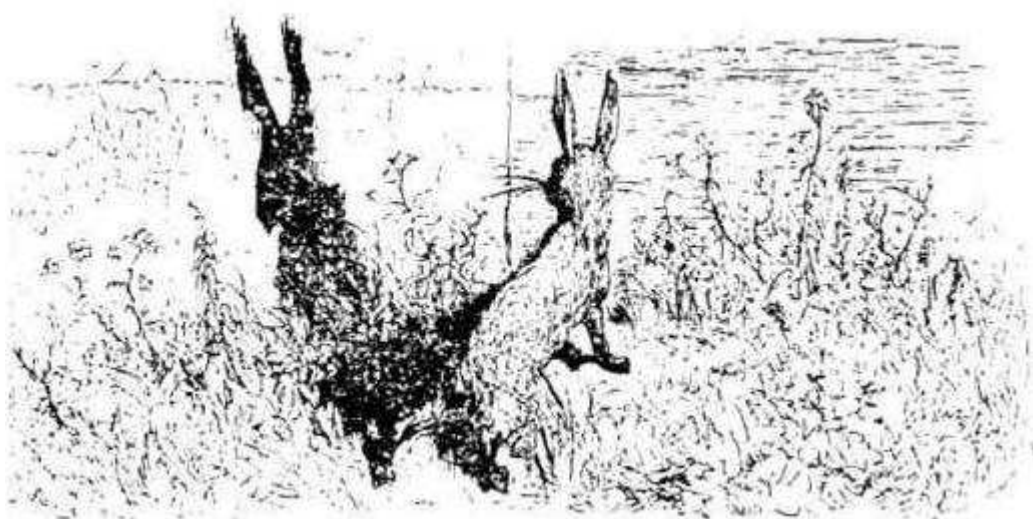
Mal chegará meu corpinho  
A formar meio bocado,  
Esperai que eu fique barbo,  
Serei por vós repescado,  
E por um rico banqueiro  
Bem caro talvez comprado.

É necessário apanhardes  
Um cento de iguais peixinhos  
Para com eles encherdes  
Um prato dos mais mesquinhos,  
Que há de ser entre os convivas

Repartido aos bocadinhos."

"Sim, amigo? Isso é verdade?  
(Redarguiu-lhe o pescador),  
Pois ireis à frigideira,  
Meu peixinho pregador,  
Hei de comer-vos à ceia,  
Preparado a meu sabor."

Um "Toma" vale no mundo  
Mais do "Dois te darei".  
O "Toma" é sempre seguro.  
Quanto ao segundo... não sei.



## **As orelhas da lebre**

*Curvo Semedo (Trad.)*

Conta-se que em noite escura  
Certo animal cornifronte  
Pôde ferir à traição,  
Junto da encosta de um monte,  
O rei das feras leão;

Que em despique mandou logo  
Banir por ordens legais,  
Para horror de tal delito,  
Os bicornes animais  
De todo aquele distrito:

Bois, veados, cabras, todos  
Que na frente armas traziam,  
Aqueles sítios deixavam;  
E os que logo o não faziam,  
Da morte suportavam!

Cumpriram-se leis tão cruas,  
Na sombra um dia observando  
As longas orelhas suas,  
Disse a um grilo titubeando:

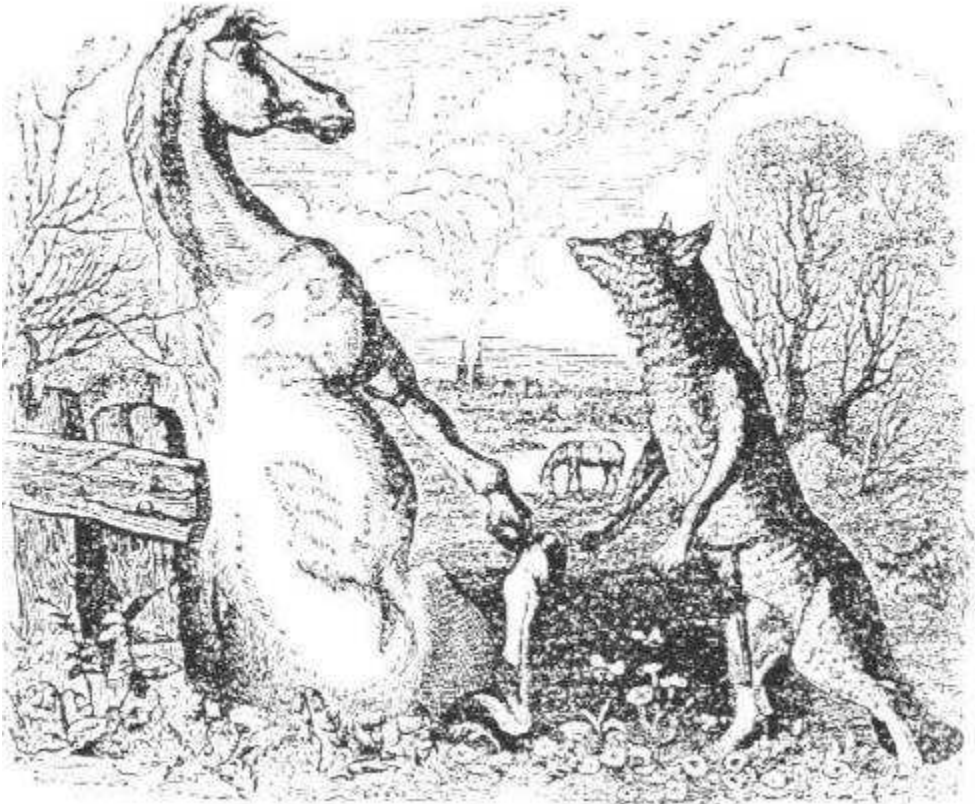
"Ai! Que estas minhas orelhas  
Por chifres se tomarão!  
E, se houver um delator  
Que o vá dizer ao leão,  
Da lei me exponho ao rigor!"

"— Tu fazer de mim pateta?  
Fala, tola; pois é crível,  
Lhe disse o grilo em bom ar,  
Que um par de orelhas flexível  
Possa por chifres passar?"

"— Sim, disse ela; e por que não?  
Tenho-os visto mais pequenos".  
Tornou-lhe o grilo: "Vaidosa!  
Se os teus fumos fossem menos,  
Serias mais venturosa,

Quem és conhece, e descansa;  
Porque sempre que supomos,  
Pela vaidade que temos,

Ser aquilo que não somos,  
Mil incômodos sofremos".



## O cavalo e o lobo

*Curvo Semedo (Trad.)*

Na linda estação das flores,  
Às horas do meio-dia:  
Brioso, esperto cavalo  
A verde relva pascia.



Dum bosque vizinho um lobo  
Botando-lhe o luzio, diz:  
"Quem te comer essas carnes  
É por extremo feliz!

Ah! Que se foras carneiro,  
Ou mesmo burro, ou vitela,  
Já marchando me andarias  
Pelo estreito da goela;

Mas és um castelo! E assaz  
Temo a tua artilharia!  
Vou bloquear-te, e do engano  
Fazer fogo à bateria".

Então do bosque saindo  
Em passo lento e miúdo,  
De largo diz ao cavalo:  
"Camarada, eu te saúdo;

Respeita em mim um Galeno,  
Que passa a vida a curar,  
Que das ervas as virtudes  
Sabe aos morbos aplicar;

Aposto que tens moléstias,  
E porque na cura erraram,  
Tomar ares para o campo.  
Como é uso, te mandaram.

Se quiseres que eu te cure,  
Ficarás são como um pero;  
Grátis, que bem entendido,  
Paga de amigos não quero".

O cavalo conhecendo  
A malícia do impostor,  
Diz-lhe: "O céu lhe pague o bem

Que me faz, senhor doutor;

É verdade que eu padeço.

Há nove dias ou dez.

Um tumor e uma ferida.

Tudo nas unhas dos pés".

"— Bem que essa doença toque

À cirurgia somente, —

Diz o lobo, — eu nesse ramo

Sou um prático eminente!"

Torna-lhe o fingido enfermo:

"Pois então, senhor doutor,

Chegue-se a mim, que eu me volto,

Venha apalpar-me o tumor".

"Pois não, filho! Diz-lhe o lobo".

E a fim de o filar se chega;

Mas, de repente, o cavalo

Dois grandes coices lhe prega:

Acerta-lhe pela frente,

Faz-lhe o focinho num bolo;

E o lobo exclama: "É bem feito!

Quem me manda a mim ser tolo?"

Metete pernas como pode,

Dizendo um tanto enfadado:

"Como a breca as arma! — fui

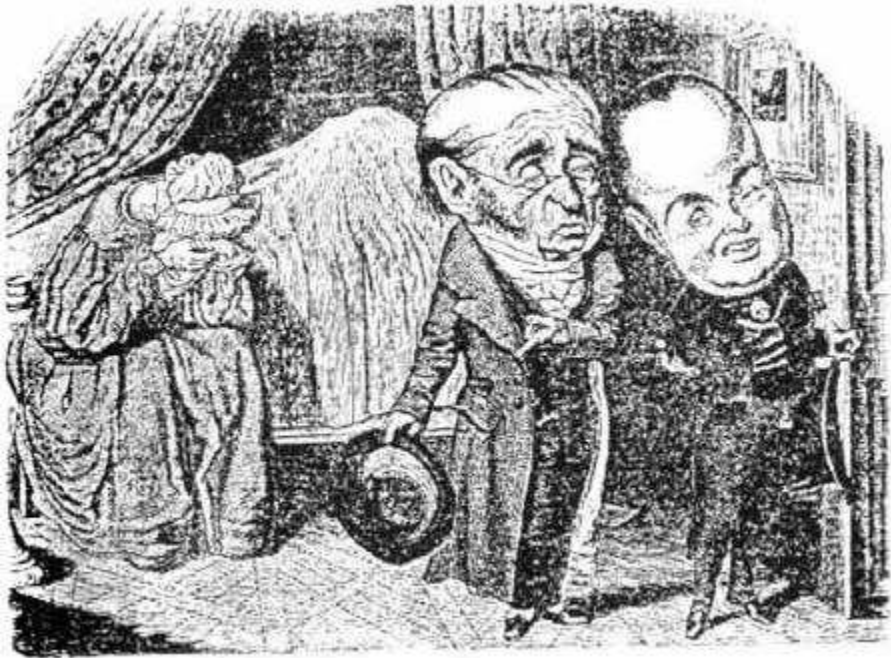
Buscar lã; vim tosquiado!

De carniceiro a ervanário

Quis passar sem que estudasse;

Levei da toleima o prêmio:

Cada qual para o que nasce!"



## Os médicos

*Curvo Semedo (Trad.)*

Certo médico chamado,  
De alcunha, o Tanto-melhor,  
Foi visitar um doente,  
Do qual o Tanto-pior  
Era médico assistente.

O último, sempre funesto,  
Que o doente morreria  
Altamente sustentava,  
E o Tanto-melhor dizia  
Que o pobre enfermo escapava.

Houve sobre o curativo  
Mui grande contestação;  
Um aplicava calmantes,

Outro armava uma questão  
Em favor dos irritantes.

No fim de tanto debate,  
O enfermo a vida perdeu,  
E o Tanto-pior clamou:  
"Vejam qual de nós venceu!  
Se o meu cálculo falhou".

Tomou-lhe o Tanto-melhor,  
Mostrando um vivo pesar:  
"Pois eu, sempre afirmarei  
Que morreu por não tomar  
Os remédios que indiquei".

E quanto a mim, se os tomasse,  
Morrer havia igualmente;  
Mas é desgraça maior  
Cair um pobre doente  
Nas mãos dum Tanto-pior.

## **O burro e as relíquias**

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Um burro, de relíquias carregado,  
Supunha-se adorado.  
Hinos, intensos como seus tomava  
E soberbo marchava.  
Alguém, que dera fé dessa tolice,  
"Mestre burro (lhe disse),  
Do espírito bani, por piedade,  
Tão estulta vaidade.  
Ao santo e não à vossa personagem



Dirige-se a homenagem;  
Só das relíquias se dispensa à glória  
Essa jaculatória".

De juiz, que não sabe ou não estuda  
A toga se saúda.



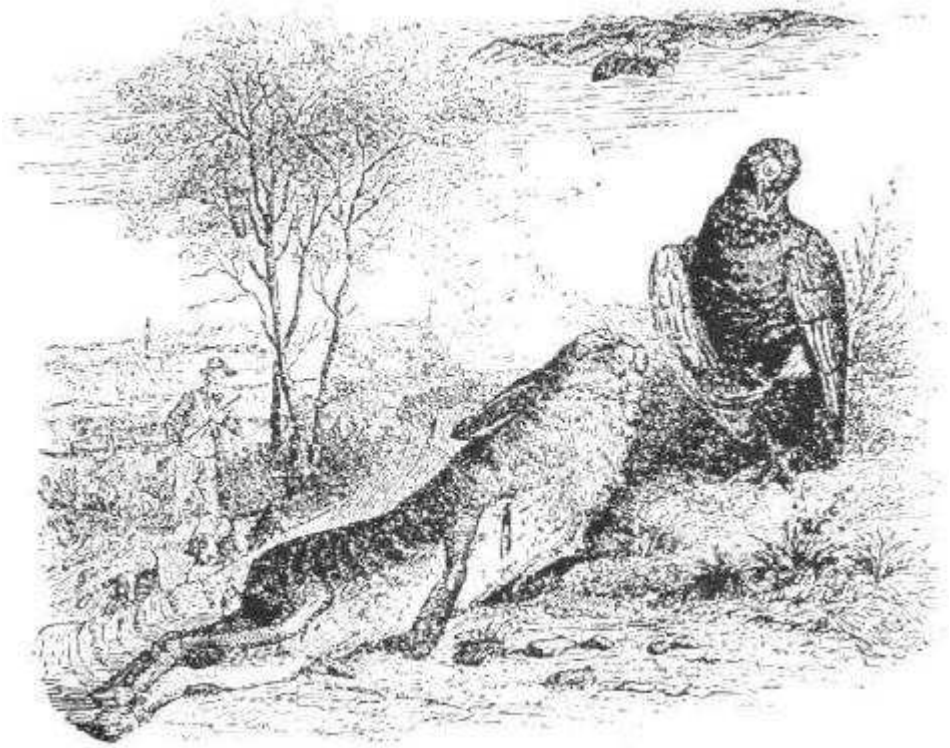
## O veado e a vinha

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Certo dia um veado,  
Tendo à morte escapado,  
Livre ficando e a salvo de perigo,  
Graças ao pronto abrigo  
De uma videira de elevadas cimas,  
Como as que dão somente em certos climas,  
Julgou finda a caçada,  
Por chamarem os cães à retirada,  
Só à matilha ouvindo atribuir

O terem-no deixado escapulir.  
Liberto já do susto,  
Pôs-se a roer o arbusto,  
A vinha benfeitora,  
Que amparo, couro e salvação lhe fora.  
Extrema ingratidão,  
Própria de um mal formado coração!  
Ouvindo-o mastigar, volta a matilha;  
Segue a indicada trilha,  
Expele-o do esconderijo de folhagem,  
E talhando carnagem,  
Com afilados dentes o trucidada.  
Perde o veado a vida,  
No mesmo sítio; e em transe de agonia:  
"Bem mereci (dizia)  
A morte. Foi justiça rigorosa.  
Que lição proveitosa  
Para os ingratos meu castigo encerra!"  
E baqueou por terra.  
Estraçalham-no os cães num só momento,  
E perde-se nos ares o lamento,  
Que na hora da morte  
Dirige contra a sorte,  
E contra os caçadores, que, aos gemidos,  
Vêm ao sítio atraídos.

Eis o fiel retrato  
De quem perverso, ingrato,  
O teto hospitaleiro profanou,  
Que asilo lhe prestou.



## **A lebre e a perdiz**

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Dos miseráveis  
Nunca zombeis.  
Quem diz que sempre  
Feliz sereis?

Mais de um exemplo  
Do sábio Esopo  
Conspira em prova  
Do nosso escopo.

O que em meus versos  
Agora cito  
Foi noutros termos  
Por ele escrito.



Tinham num campo  
Lebre e perdiz  
(Ao que parece)  
Vida feliz.

Uns cães se achegam  
Do lar tranqüilo;  
Vai longe a lebre  
Buscando asilo.

Perde-lhe o rasto  
Toda a matilha,  
E nem Lindóia  
Lhe dá na trilha.

De quente corpo  
A emanção  
Ao faro a indica  
De um fino cão.

Filosofando,  
Nelusco arteiro,  
Conhece a lebre  
Só pelo cheiro.

No encalço aperta  
Da fugitiva;  
Não quer que a presa  
Lhe escape viva.

"A caça foi-se  
(Diz Carabi);  
Acreditai-me;  
Nunca menti."

Cansada, a lebre  
Fugiu, correndo;  
E ao pé da furna

Caiu, morrendo.

Diz, por motejo,  
A companheira:  
"Pois não campavas  
De ser ligeira!

Teus pés velozes  
Pra que prestaram  
Se dos molossos  
Te não livraram?"

Enquanto zomba  
Da desgraçada,  
Dá-lhe a matilha  
Rude assaltada.

Fia das asas  
O salvamento.  
Louca esperança!  
Vão pensamento!

Do açor as garras.  
Mísera, esquece!  
Mal ergue o vôo,  
Nelas perece.

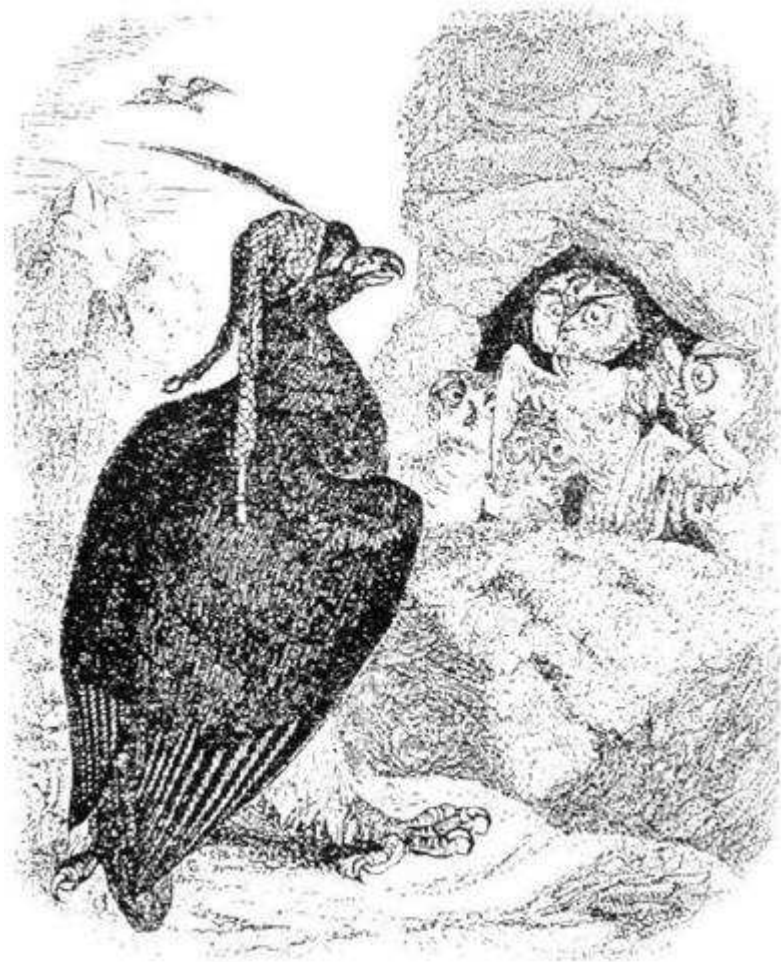
## **A águia e o mocho**

*Jaime Pietor (Trad.)*

Um dia a águia disse ao mocho em ternas frases:  
"O que lá vai, lá vai, é bom pormos-lhe ponto  
E fazermos as pazes.  
— Eu cá por mim, estou pronto".

Respondeu ele. — e os dois juraram, abraçados,  
Respeitar um do outro os filhitos amados.  
"Conheceis já os meus? — disse-lhe a ave da ciência.  
— Não, respondeu a águia, e a ave da ciência  
Disse: — Tanto pior. Se nada te resiste,  
Como hão de, dize lá, contar os meus filhinhos  
Com a tua clemência?  
Não lhes queria estar na pele, coitadinhos!  
Não, não me fio em ti, porque és rainha, e os reis  
Sabem agora lá para que são as leis!

Vocês fazem o mal por um capricho reles.  
Filhos do meu amor! Se acaso os vês, ai deles!  
— Bem. Pinta-mos, então, e escusas de ter medo.  
Que eu te prometo aqui não lhes tocar com um dedo".  
O mocho respondeu: "Aqui tens os sinais:  
São muito pequenitos,  
Mimosos como a flor, esbeltos e bonitos  
Como não achas mais;  
Tão bem feitos, tão belos.  
Que por este retrato hás de reconhecê-los.  
Falta-me agora ver se tu és descuidada,  
E me entra aí por casa a Parca amaldiçoada.  
Hão de agradecer-te, sei, mas faze a vista grossa  
Bem sabes que sou pai e que os pais são assim.  
E respeita-os por mim;  
Ai! Quem meus filhos beija, a minha boca adoça!"  
Deus dera prole ao mocho, e em noite desabrida,  
Que ele batia mato a agenciar a vida,  
A águia andando a corso avista de repente  
Nuns velhos casarões, todos esburacados,  
Uns monstrozinhos tais, de voz tão repelente,  
Tão mal feitos de corpo e tão desengraçados,  
Que ela disse consigo:  
"Não há que recear; não são do nosso amigo".  
E com um gesto guapo  
A rainha gentil logo os meteu no papo.



Mas vem de volta o mocho, o mocho, que imagina  
Ficar ali de vez,  
Ao achar, pobre pai!, dos filhos só os pés.  
Queixa-se, chora e pede aos deuses punição  
Para ela, a assassina,  
Que assim lhe veio encher de luto o coração!  
"É tua a culpa, alguém então lhe disse, ou antes  
É da lei que nos faz achar os semelhantes  
A nós, só porque o são, amáveis, lindos, belos.  
Por isso os filhos nós perdemos, nós os pais;  
Se fizeste dos teus uns elogios tais,  
Como podia, dize, a águia reconhecê-los?"

## O urso e os dois camaradas

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Dois camaradas que tinham  
Grande urgência de dinheiro,  
Venderam de um urso a pele  
Ao vizinho peleteiro.

O urso inda estava vivo;  
Mas eles o matariam.  
Os dois sócios, pelo menos,  
Com segurança o diziam.

Sendo aquele o rei dos ursos,  
Afirmam, sem hesitar,  
Que da pele um grande lucro  
Ia o peleiro tirar.

Preservaria, no inverno,  
Do vento mais desabrido,  
Dando à farta para o forro  
De mais um amplo vestido.

Com tal urso (em seu conceito)  
Nenhum corria parelhas;  
Tanto não encarecia  
Dindenaut suas ovelhas.

Pelas contas que lançaram  
(Não pelas contas da fera)  
Pediram para entregá-la  
Dois dias, não mais, de espera.

Justo o preço, desencovam  
O animal, que sai trotando.  
Como feridos de um raio,

Eis os dois titubeando.

Em frente ao fero inimigo  
O terror n'alma lhes lavra.  
Nem mais se lembram do ajuste;  
Sobre lucros nem palavra.

Um dos dois que evita o monstro,  
Ligeiro se põe ao fresco,  
Trepando ao cimo elevado  
De um carvalho gigantesco.

Outro, mais frio que o mármore,  
De bruços se atira ao chão;  
Faz-se morto, suprimindo  
De todo a respiração.

Ouvira dizer algures  
Que o urso pra o lado atira  
Corpo, que julga sem vida,  
Que não se move ou respira.

O urso como um patinho  
Cai no logro em continente;  
Julga morto aquele corpo,  
Que ali depara jazente.

Vira-o, revira-o, inquirindo  
O que na verdade seja,  
E chegando-lhe o focinho  
Do bafo o sítio fareja.

"É cadáver; tem mau cheiro;  
Pedindo está sepultura."  
Assim falando se entranha  
Pela vizinha espessura.



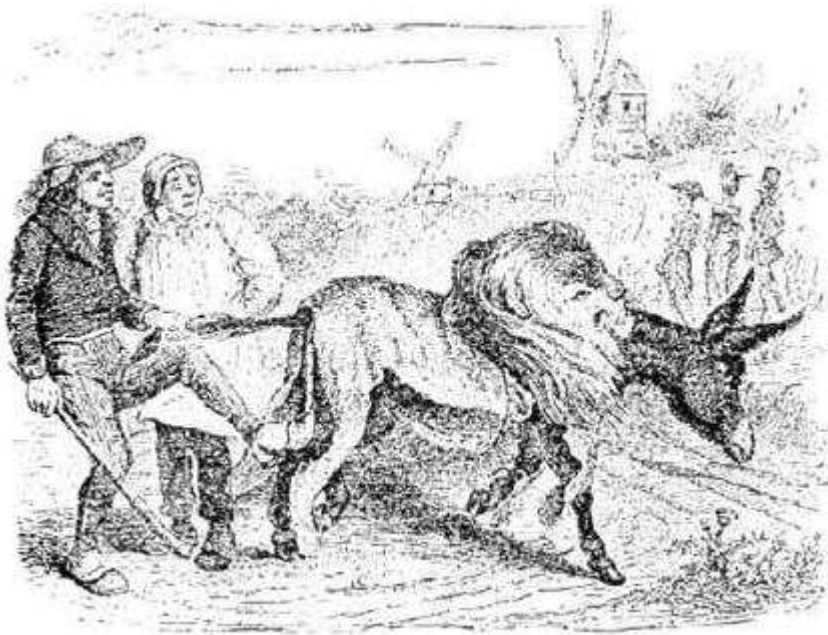
Desce o outro do carvalho,  
E a seu companheiro diz:  
"Em livrar-vos só com o susto  
Amigo, fostes feliz.

Ora, pois, dizei-me agora:  
Que é da pele do animal?  
Que vos disse ele no ouvido  
No seu vasconço brutal?

Eu notei que o sacripante  
De mui perto vos falava  
Enquanto com as duras garras  
Vos virava e revirava".

## O OUTRO CAMARADA

"Dizia que não devemos  
De um urso a pele vender  
Antes de o vermos em terra  
Vencido e morto jazer".



## **O burro vestido com a pele de leão**

*Curvo Semedo (Trad.)*

Quebrando a peia,  
Fofu sendeiro  
Fugiu ao dono,  
Que era moleiro;  
Dentro de um bosque,  
O fanfarrão  
Achou a pele

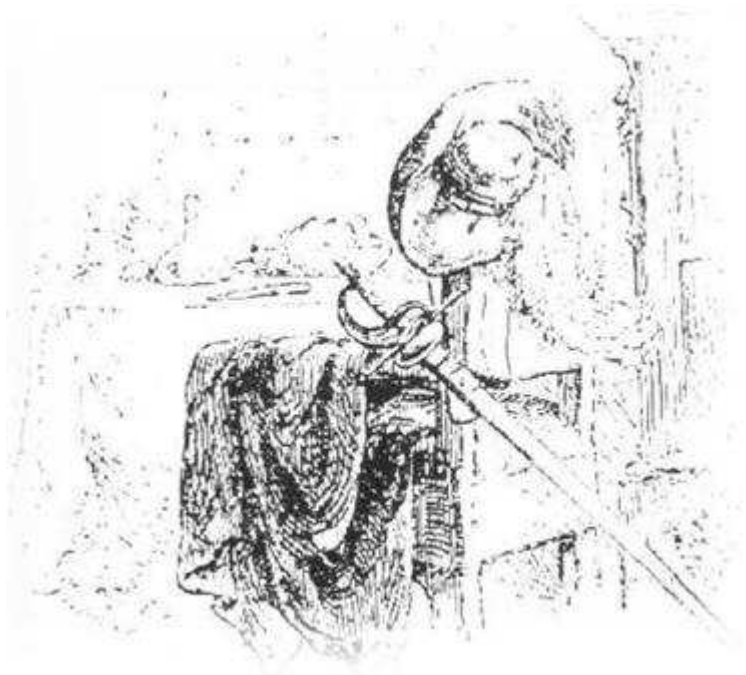


D'alto leão;  
Em toda a parte  
Dela vestido,  
Por leão fero  
Era temido;  
Homens e brutos  
O respeitavam.  
Fugiam logo  
Que o divisavam:  
Mas das orelhas  
Uma pontinha  
De fora ao burro  
Ficado tinha;  
Foi vista acaso  
Pelo moleiro,  
Que julgou logo  
Ser o sendeiro;  
Indo-lhe ao lombo  
Com um cajado.  
Puniu o arrojo  
Do mascarado:

Do tolo rindo,  
Despiu-lhe a pele,  
Pôs-lhe uma albarda  
E montou nele.  
Tal entre os homens  
Mil se conhecem,  
Os quais são uns,  
E outros parecem.  
Despem-lhe a pele  
Que os faz troantes,  
Ficam sendeiros  
Como eram dantes.



## LIVRO VI



### **Febo e Bóreas**

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Viram Bóreas e o Sol, um viandante  
Que contra o tempo mau se precatara;  
Azada precaução! De poucos dias  
O outono começara.

Chove, faz sol; a charpa do arco-íris  
Avisava aos que andavam pela estrada,  
Que em meses tais é de uso indispensável  
Um capote em jornada.

Foram por tal motivo entre os latinos  
Conhecidos por meses duvidosos.  
O viandante, que aguardava ao certo  
Chuveiros copiosos.

Envergava um capote, bem forrado  
De fazenda encorpada e consistente.  
Diz o vento: "Este julga estar a salvo  
De qualquer acidente;

Mas não previu que eu posso ao seu trabalho  
Presilhas e botões arrebentar-lhe.  
Ora, pois, se eu quiser vou ao diabo  
O capote atirar-lhe.

Quereis vê-lo? Há de ser coisa engraçada!"  
"Pois bem! Façamos a seguinte aposta:  
Serei eu quem da capa o desguarneça  
(Diz-lhe Febo em resposta);

Escusa desperdiçar tanta palavra;  
Podeis em nuvens desperdiçar meus raios;  
Vamos, amigo, arremetei à empresa.  
Começai os ensaios".

Não foi preciso mais. Bóreas, inchando.  
Qual balão, de vapores saturado,  
Faz barulho infernal; de insana fúria  
Parece dominado.

Silva, sopra, esbraveja, arrasa prédios.  
Submerge embarcações, nivela combros.  
Tudo para arrancar um vil capote  
De um viandante aos ombros.

Cerrando a capa o viandante ao corpo,  
Vedou que o vento nela se engolfasse;  
E Bóreas nada fez; perdeu seu tempo.

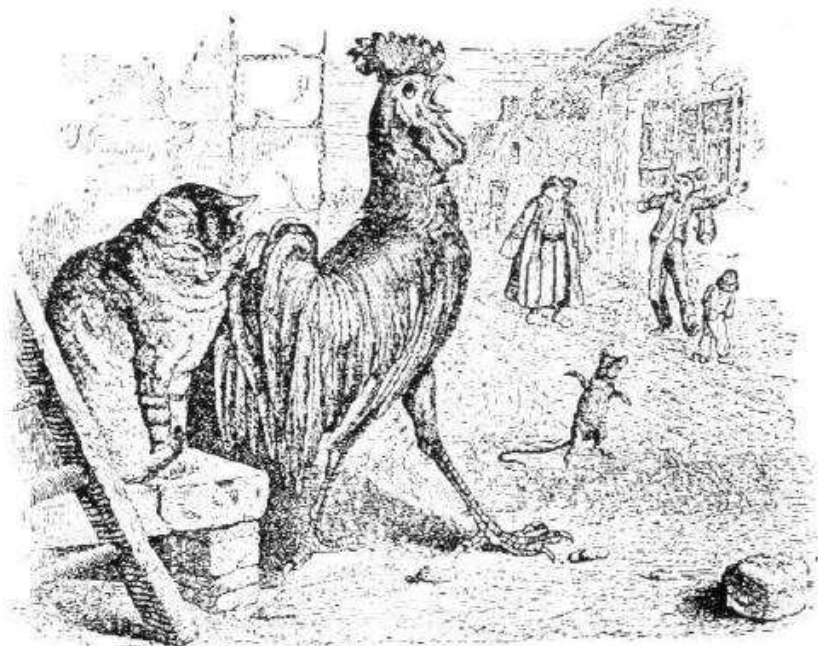
Por forte que soprasse.

Quanto mais tenta bolear a capa,  
Mais firme se mantém o cavaleiro;  
Dá-lhe na gola, agita-o pelas dobras,  
Jorrando-lhe aguaceiro.

Vence-se o prazo; o sol, rompendo as nuvens,  
Dardeja sobre a terra a luz brilhante;  
Ao princípio conforta, após aflige  
O nosso viandante.

Ei-lo quando sob o seu capote,  
Que é forçado a tirar; e todavia,  
Não empregara o sol toda a pujança,  
Que mostrar poderia.

Brandura unida à prudência  
Podem mais que violência.



# O galo novo, o gato e o murganho

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Ratinho muito novo,  
Bisonho, imprevidente,  
Salvou-se, por milagre,  
De um trágico incidente.

Ouvi de que maneira  
À sua mãe contou  
O que lhe acontecera,  
Enquanto fora andou:

"Tendo transposto os montes,  
Que são do Estado a raia,  
Trotava, qual ratinho,  
Que vai, solto, à gandaia.

Eis que meus olhos fitam  
Dois animais notáveis;  
Um, gracioso e meigo,  
De gestos agradáveis;

O outro, turbulento,  
Nunca em sossego estava;  
Tinha uma voz ingrata,  
Que pelo ouvido entrava.

Carnosa saliência  
Na frente lhe tremia;  
Uns como braços largos  
Aos lados sacudia:

Parece, quando os move,  
Que o vôo erguer intenta.

Em forma de penacho  
Vaidoso a cauda ostenta.

(Crendo de um bicho estranho  
Fazer este retrato,  
Era de um galo novo  
Que à mãe falava o rato).

Batia nas ilhargas  
Com os braços tal pancada,  
Fazendo grande bulha  
E tanta matinada,

Que eu mesmo (Deus louvado!)  
Campando de animoso,  
Fugi, a praguejá-lo,  
Atônito e medroso.

Teria, a não ser ele,  
Entrado em relações  
Co tal animalzinho,  
Tão doce de feições.

De aveludado pêlo,  
Como os de nossa casta,  
É todo mosquetado  
E longa cauda arrasta.

Parece que nos vota  
Simpática ternura,  
Pois tem, iguais às nossas,  
Orelhas e figura.

Mostra aparência humilde;  
Modesto é seu olhar,  
Posto que o visse, às vezes,  
Em chispas cintilar.

Ia travar conversa;  
Eis solta o batedor  
Tão estridente grito,  
Que fujo de pavor".

"Escuta, diz a rata;  
O tal açucarado  
É, meu filhinho, um gato,  
Hipócrita chapado.

Sob enganoso aspecto  
Ódio mortal disfarça  
A toda a gente rata,  
Por esse mundo esparsa.

Desse, de quem fugiste  
Não pode mal provir.  
Talvez seu corpo venha  
De ceia a nos servir.

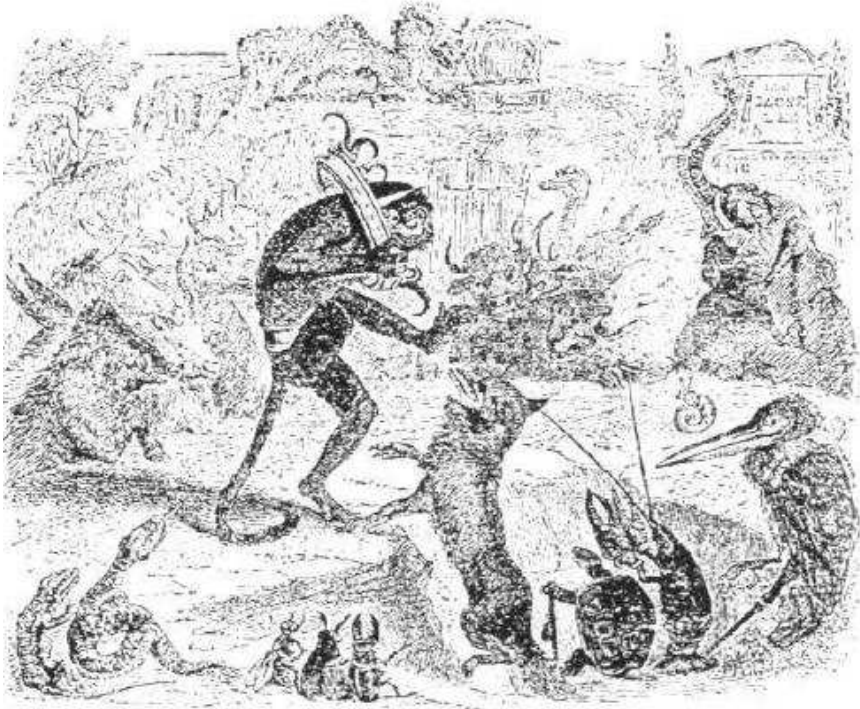
Das refeições do outro,  
— O pérfido animal —  
É nossa carne, ó filho,  
A peça principal."

Que vezes aparências  
Enganadoras são!  
Não julgues pela cara;  
Sim pelo coração.

## **O raposo, o macaco e os animais**

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Falecendo o rei dos bichos,  
Que era um célebre leão,



Reúnem-se os seus vassallos  
Para uma nova eleição.

Tiram do estojo a coroa,  
Que um dragão guardado havia  
Por todos experimentada,  
A nenhum deles servia;

Era grande para muitos;  
Para alguns pequena fica,  
E nos que têm fronte armada  
Sobre os chavelhos embica.

Rindo e fazendo caretas  
Também o mono ensaiou,  
E cortejando-a, — mil sortes,  
Mil momices praticou:

Como por arco de circo  
Por dentro dela pulando,



Foi do povo circunstante  
Aplausos angariando.

E tanto disso gostaram.  
Que o macaco foi eleito;  
E a maioria dos bichos  
Acudiu a dar-lhe preito.

Pesou somente ao raposo  
O voto que havia dado;  
Mas esse arrependimento  
Ficou no peito guardado.

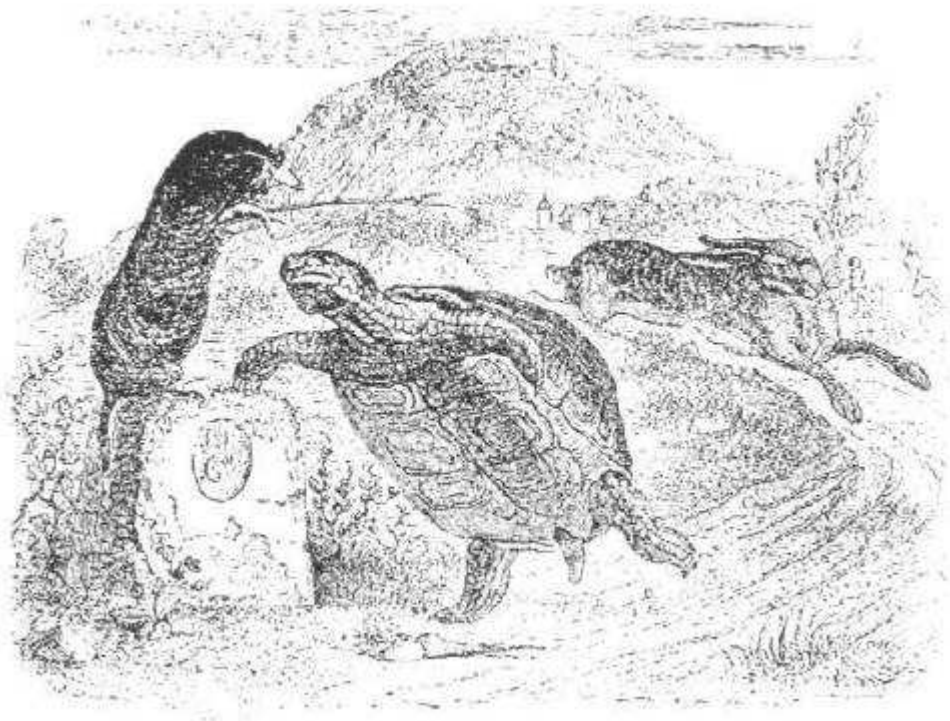
Prestada sua homenagem,  
O matreiro diz ao rei:  
"Há, senhor, dinheiro oculto  
Em sítio, que vos direi.

Pertence ao rei, por direito.  
Todo o tesouro escondido".  
E, revelando o segredo,  
Fala ao macaco no ouvido.

O novo rei que o dinheiro  
Ambicioso almejava,  
Foi ao lugar, em pessoa,  
Pois de ninguém confiava.

Cai num laço; e do raposo  
Ouve em nome dos vassalos:  
"Se não sabes governar-te,  
Como queres governá-los?"

Foi demitido o macaco  
E demonstrado também  
Que a muito poucas pessoas  
O diadema convém.



## **A lebre e a tartaruga**

*Curvo Semedo (Trad.)*

"Apostemos, disse à lebre  
A tartaruga matreira,  
Que eu chego primeiro ao alvo  
Do que tu, que és tão ligeira!"

Dado o sinal de partida,  
Estando as duas a par,  
A tartaruga começa  
Lentamente a caminhar.

A lebre, tendo vergonha  
De correr diante dela.  
Tratando um tal vitória  
De peta ou de bagatela.

Deita-se, e dorme o seu pouco;  
Ergue-se, e põe-se a observar  
De que parte corre o vento,  
E depois entra a pastar;

Eis deita uma vista d'olhos  
Sobre a caminhante sorna,  
Inda a vê longe da meta,  
E a pastar de novo torna.

Olha; e depois que a vê perto,  
Começa a sua carreira;  
Mas então apressa os passos  
A tartaruga matreira.

À meta chega primeiro,  
Apanha o prêmio apressada,  
Pregando à lebre vencida  
Uma grande surriada.

Não basta só haver posses  
Para obter o que intentamos;  
É preciso pôr-lhe os meios,  
Quando não, atrás ficamos.

O contendor não desprezes  
Por fraco, se te investir;  
Porque um anão acordado  
Mata um gigante a dormir.



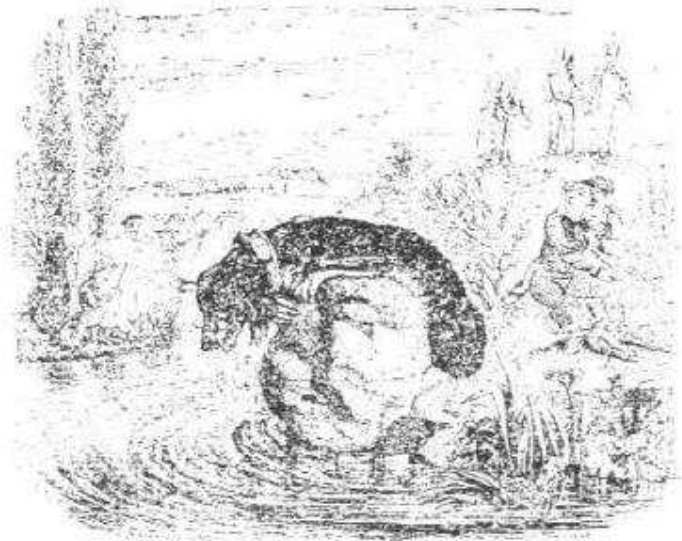
## O burro e os donos

*Curvo Semedo (Trad.)*

O burro de um hortelão  
À sorte se lamentava,  
Dizendo que madrugava,  
Fosse qual fosse a estação,  
Primeiro que os resplendores  
Do sol trouxessem o dia.  
"Os galos madrugadores, —  
O néscio burro dizia, —  
Mais cedo não abrem olho.  
E por quê? Por ir à praça  
Com uma carga de repolho,  
Um feixe de aipo, ou labação,  
Alguns nabos, berinjelas;  
E por estas bagatelas  
Me fazem perder o sono".  
A Sorte ouviu seu clamor,  
E deu-lhe, em breve, outro dono,  
Que era um rico surrador.  
Eis de couros carregado,  
Sofrendo um cruel fedor.  
Já carpia ter deixado  
O seu antigo senhor:  
"Naquele tempo dourado, —  
Dizia, — andava eu contente;

Cada vez que ia ao mercado,  
Botava à cangalha o dente,  
Lá vinha a couve, a nabiça,  
A chicarola, o folhado,  
E outras castas de hortaliça;  
Mas, se hoje, fraco do peito,  
O meu dente à carga deito,  
Em vez da viçosa rama  
Da celga, do grelo, ou nabo,  
Só acho dura courama  
Que fede mais que o diabo!"  
Prestando às queixas do burro  
A Sorte alguma atenção,  
Lhe deu por novo patrão  
Um carvoeiro casmurro.  
Entrou em nova aflição  
O desgostoso jumento.  
Vendo faltar-lhe o sustento,  
E em negro pó de carvão  
Andando sempre afogado,  
Tornou a carpir seu fado.  
"Que tal! — diz a Sorte em fúria,  
Este maldito sendeiro,  
Com sua eterna lamúria,  
Mais me cansa, mais me aflige  
Que um avaro aventureiro,  
Quando fortunas me exige!  
Pensa acaso este imprudente  
Que só ele é desgraçado?  
Por esse mundo espalhado  
Não vê tanto descontente?  
Já me cansa este marmanjo!  
Quer que eu me ocupe somente  
Em cuidar no seu arranjo?"  
Foi justo da Sorte o enfado,  
Que é propensão do vivente  
Lamentar-se do presente,  
E chorar pelo passado:

Que ninguém vive contente,  
Seja qual for seu estado.



## **O cão que pela sombra larga a presa**

*Como Guerreiro (Trad.)*

Um cão passando ia um rio a nado,  
E levava de carne um bom bocado;  
Via n'água a sua sombra, e, presumindo  
Que era outro cão, que dele ia fugindo,  
E que presa maior inda levava,  
Com fim de lhe tirar se arreganhava.  
Naquele abrir de boca lhe caía  
A carne, e nem mais sombras dela via.



## O carreteiro atolado

*Curvo Semedo (Trad.)*

Por caminho apaulado,  
Mui barrento e mal gradado,  
O seu carro conduzia,  
    Que trazia  
De erva e feno carregado,  
Inesperto carreteiro:  
Por incúria o desgraçado  
Num grandíssimo atoleiro  
Enterrar deixou seu gado:  
Era longe o povoado,  
E não vinha caminheiro  
Qu'o ajudasse e lhe acudisse:  
De aflição desesperado,  
    Se maldisse!  
E exclamou todo inflamado:  
"Vem, ó Hércules sagrado,  
Acudir-me pressuroso;  
Pois que já sobre o costado  
Sustentaste o céu formoso,  
O teu braço vigoroso  
    Se me acode,  
Este carro tirar pode  
    Do atoleiro".

Deste modo se carpia  
O carreiro,  
Quando ouviu uma voz forte,  
Que não longe lhe dizia  
Desta sorte:  
"Se quiseres que te valha,  
Mandrião, lida, trabalha,  
Examina de onde vem  
Esse estorvo que te encalha,  
Ou detém:  
Salta cima desse carro,  
E, tirando-lhe um fueiro,  
De redor lhe arreda o barro;  
Bota pedras no atoleiro,  
Calça as rodas, e depois  
Põe-te à frente, e pica os bois".

Tudo fez o carreteiro  
Que lhe tinham ensinado;  
E ficou muito pasmado,  
Quando viu surdir avante  
O seu carro do lameiro:  
"É milagre, exclamou logo,  
Ouviu Hércules prestante  
O meu rogo,  
E evitou-me o precipício!"  
Acabando  
De falar apenas ia,  
Outra voz, em tom mais brando,  
Lhe dizia:  
"Confiar na Providência  
Para obter o que intentamos,  
Sem que os meios lhe ponhamos,  
É demência.  
Nada obtém quem não procura;  
Que foi sempre a diligência  
Mãe da sólida ventura".



## A viuvinha

*Jaime de Séguier (Trad.)*

Não é sem soluçar que se perde um marido:  
Mas tudo tem um fim, mesmo um grande alarido,  
E a que mais chorincou e mostrou mais pesar  
Acaba por calar-se e por se consolar.  
Apaga o tempo a dor e reaviva a alegria,  
Que querem? Não fui eu que fiz o bicho humano.  
    Entre a viúva de um só ano,  
        E a viúva de um só dia,  
    A diferença é tal, que se diria  
Não ser decerto a mesma e haver por força engano.  
Enquanto uma sorri e nos encanta e atrai,  
A outra, derramando um pranto amargo em chuva,  
Solta, de quando em quando, a mesma nota: um ai!

O que faz exclamar a quem passando vai:

    "Eis uma inconsolável viúva!"

Sim? Pois não fosse! Ora escutai:

Para o negro país donde ninguém voltou,  
De uma esposa gentil o esposo ia partir.  
Clamava ao lado a esposa: "Espere! Eu também vou!  
Ó! leva-me contigo: eu quero-te seguir!"  
O marido partiu, mas sozinho. Pudera!  
Seguiu-se a usada dor sincera ou não sincera.  
A bela tinha um pai, homem fino e prudente,  
Que foi deixando escoar toda aquela torrente,

E que um dia observou: " Ó menina, eu suponho  
Que isto afinal é já choro demasiado.

O pranto estraga a pele e fica-se medonho:

    Eu sempre te pergunto,

    De que serve ao finado

    Essa dor excessiva?



Inda por cá no mundo há muita gente viva,  
Deixemos em sossego o pobre do defunto.  
Eu não pretendo já que troques os teus goivos  
Pelas galas joviais e floridas dos noivos.  
Mas enfim se eu vier, dum certo prazo ao fim,  
Propor-te, minha cara, em guisa de conforto,  
Que aceites como esposo e concedas o *sim*  
A um gentil rapaz, apessoado, enfim  
Muito melhor que o morto...

— Não quero, atalhou ela, alívio ao meu tormento!

Só por esposo aceito o claustro de um convento!"

Que havia a responder? Nada. Foi o que fez

O nosso velho astuto.

Assim se foi passando um mês. No outro mês,

Já se pensou um pouco em guarnecer o luto.

Cada dia se nota uma nova mudança

Na forma do vestido ou na do penteado.

Já se ri, já se brinca e se joga e se dança.

Deitou-se para trás das costas o passado.

O pai, já não receando o tal que se finou,

Não pensa mais no resto ou se faz esquecido,

Quando a filha lhe diz: "O papá: e o marido?"

— Hein! Qual marido? — O tal, em que o papá falou?



## Advertência

**E**is uma segunda coleção de fábulas que apresento ao público. Julguei acertado dar à maioria delas aparência e forma um pouco diferentes das que compõem a primeira, seja por causa da diversidade dos temas, seja para emprestar maior variedade à minha obra. Os traços comuns, que se-meei com maior ou menor abundância nas duas primeiras partes, convi-nham melhor às invenções de Esopo do que a estas últimas, onde os utili-zo mais moderadamente, a fim de não cair em repetições; pois o número desses traços não é infinito. Indispensável se tornou, pois, que eu procu-rasse outras maneiras de enriquecer as narrativas, ampliando-lhes os por-menores como, aliás, pareciam reclamar. Por menos atento que o leitor seja não deixará de percebê-lo: assim sendo, não considero necessário expor aqui as razões do meu proceder, nem mesmo dizer onde fui buscar estes últimos temas. Apenas confessarei, por gratidão, que devo a maior parte deles a Pilpay, sábio hindu. Seu livro foi traduzido para todas as línguas. Os naturais do país julgam-no muito antigo, e original relativamente a Esopo, se não é o próprio Esopo sob o nome do sábio Locman. Outros, ainda, forneceram-me temas bastante felizes. Enfim, procurei conferir às últimas partes a variedade de que me senti capaz.

## LIVRO VII



### Os animais enfermos da peste

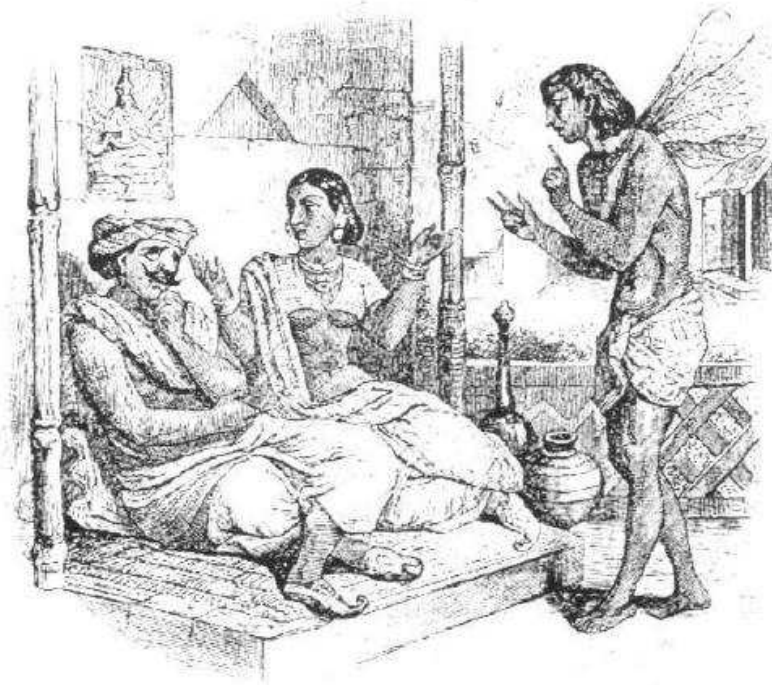
*Machado de Assis (Trad.)*

Mal que espalha o terror, e que a ira celeste  
    Inventou para castigar  
Os pecados do mundo; a peste, em suma, a peste;  
Capaz de abastecer o Aqueronte num dia,  
    Veio entre os animais lavar;  
    E se nem tudo sucumbia,  
    Certo é que tudo adoecia.  
Já nenhum, por dar vida ao moribundo alento,  
    Catava mais nenhum sustento.  
Não havia manjar que o apetite abrisse,  
    Raposa ou lobo que saísse  
    Contra a presa inocente e mansa,  
    Rola que à rola não fugisse,

E onde amor falta, adeus, folgança.  
O leão convocou uma assembléia e disse:  
"Sócios meus, certamente este infortúnio veio  
A castigar-nos de pecados.  
Que o mais culpado entre os culpados  
Morra, por aplacar a cólera divina,  
Para a comum saúde esse é, talvez, o meio.  
Em casos tais é de uso haver sacrificados,  
Assim a história no-lo ensina.  
Sem nenhuma ilusão, sem nenhuma indulgência,  
Pesquisemos a consciência.  
Devorei muita carneirada.  
Em que é que me ofendera? Em nada.  
E tive mesmo ocasião  
De comer igualmente o guarda da manada.  
Portanto, se é mister sacrificar-me, pronto.  
Mas assim como me acusei,  
Bom é que cada qual se acuse; de tal sorte  
Que (devemos querê-lo, e é de todo ponto  
Justo) caiba ao maior dos culpados a morte.  
— Meu senhor, acudiu a raposa, é ser rei  
Bom demais; é provar melindre exagerado.  
Pois então devorar carneiros.  
Raça lorpa e vilã, pode lá ser pecado?  
Não. Vós fizestes-lhes, senhor,  
Em os comer muito favor.  
E no que toca aos pegureiros,  
Toda a calamidade era bem merecida;  
Pois são daquelas gentes tais  
Que imaginaram ter posição mais subida  
Que a de nós outros animais".  
Disse a raposa; e a corte aplaudiu-lhe o discurso.  
Ninguém do tigre nem do urso,  
Ninguém de outras iguais senhorias do mato,  
Inda entre os atos mais daninhos,  
Ousava esmerilhar um ato;  
E até os últimos rafeiros,  
Todos os bichos rezingueiros

Não eram, no entender geral, mais que santinhos.  
Eis chega o burro: — "Tenho idéia que no prado  
De um convento, indo eu a passar, e picado  
Da ocasião, da fome e do capim viçoso,  
E pode ser que do tihoso,  
Um bocadinho lambisquei  
Da plantação. Foi um abuso, isso é verdade".  
Mal o ouviu, a assembléia exclama: aqui del-rei!  
Um lobo, algo letrado, arenga e persuade  
Que era bom imolar esse bicho nefando,  
Empestiado autor de tal calamidade.  
E o peccadilho foi julgado  
Um atentado.  
Pois comer erva alheia! O crime abominando!  
Era visto que só a morte  
Poderia purgar um peccado tão duro.  
E o burro foi ao reino escuro.

Segundo sejas tu miserável ou forte,  
Áulicos te farão detestável ou puro.



# Os desejos

*José Inácio de Araújo (Trad.)*

Há no Mogol uns duendes  
Serviçais — uns criadinhos,  
Leitor, se não compreendes,  
Passe na fé dos padrinhos.  
Para limpar a casa erguem-se cedo,  
E fazem muito mais;  
Mas no que arranjam não toqueis com um dedo.  
Porque tudo estragais.  
Um destes, perto ao Ganges alojado,  
Tratava dum jardim  
E era pelo patrão muito estimado.  
(Devia ser assim).

Porém outros duendes (dos mais reles,  
Segundo o que se conta)  
Tomaram-no de ponta  
E forjaram intrigas. O rei deles,  
Por ordem que assinou com a régia mão,  
Manda-o dali sair;  
E ele, antes de partir,  
Saudoso se despede do patrão:  
— "Posso cumprir, no momento,  
Três desejos que tu tenhas;  
Dize no que mais te empenhas,  
Que ao teu serviço me vês."  
— "Dá-me riqueza abundante  
Que todo o mundo cobice."  
O duende, se bem o disse,  
Ainda melhor o fez.

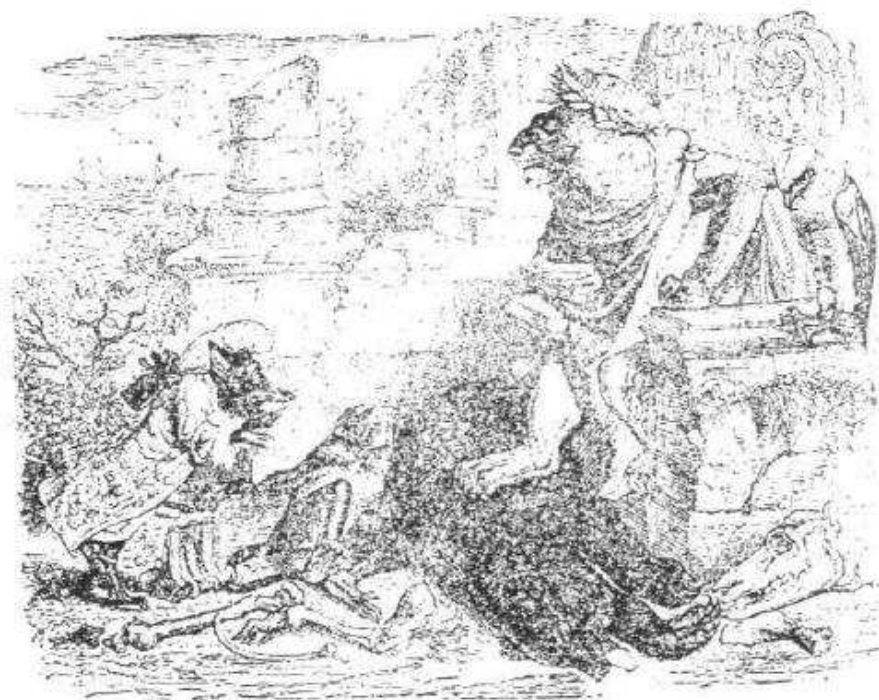
Ei-lo cheio de riquezas,  
Que lhe engrossam a vaidade;  
Já não sabe onde arrecade



Os seus imensos milhões:  
Já o carregam tributos,  
Já lhe pedem por abono;  
E por vezes perde o sono  
Com receio dos ladrões.

"Vem, ó mediana!" — Ela ao pedido  
Acode; é festejada,  
E bem agasalhada...  
E só falta um desejo a ver cumprido.  
Riu-se o duende ao ver que em coisas fúteis  
As horas se consomem,  
Que bem se empregariam nas mais úteis;  
E então o nosso homem

Pediu a sapiência, bem sem par,  
O mais útil e fácil de guardar.



## A corte do leão

*José Inácio de Araújo (Trad.)*

Um dia, a leonina majestade,  
Forte no dente e unha,  
Quis saber com verdade  
De que povos seu reino se compunha;  
E convocou por circular firmada  
Com o selo real  
A vária bicharada.  
Dizia o papelucho, por sinal,  
Que o rei daria audiência,  
E que esta, por maior magnificência,  
Seria aberta ao grito  
Do macaco em caretas mais perito.  
O monarca entendeu,  
Para ostentar grandeza entre os vassalos,  
Ao seu real palácio convidá-los...  
Mas que palácio o seu!...  
Depósito de restos da matança,  
De exalações ingratas  
Que obrigam o urso, mal na entrada avança,  
A tapar os narizes com as patas.

O rei, vendo isto, pula  
E da vida e do enjôo lhe dá cabo. —  
A sacudir o rabo,  
O mono aplaude a ação, e em prosa chula

Tece grande louvor  
À cólera de um rei tão justiceiro,  
E diz que não há flor,  
Que vença do antro o delicado cheiro.

Sua lisonja tola  
Teve por prêmio a morte.  
Este senhor, a quem não lhe *ia à bola*.

Não sabia ensinar por outra sorte.  
Estava a raposa perto,  
E o leão lhe pergunta em sério tom:  
"Com franqueza, este cheiro é mau ou bom?"  
Responde o bicho esperto:  
"Pronta o vosso desejo aqui cumprira,  
Se um defluxo, que tenho, o consentira".

Os contos são úteis, de ensino são ricos:  
Se acaso na corte puderes entrar,  
Faz sempre o teu jogo com pau de dois bicos,  
Terás a certeza de ali agradar.

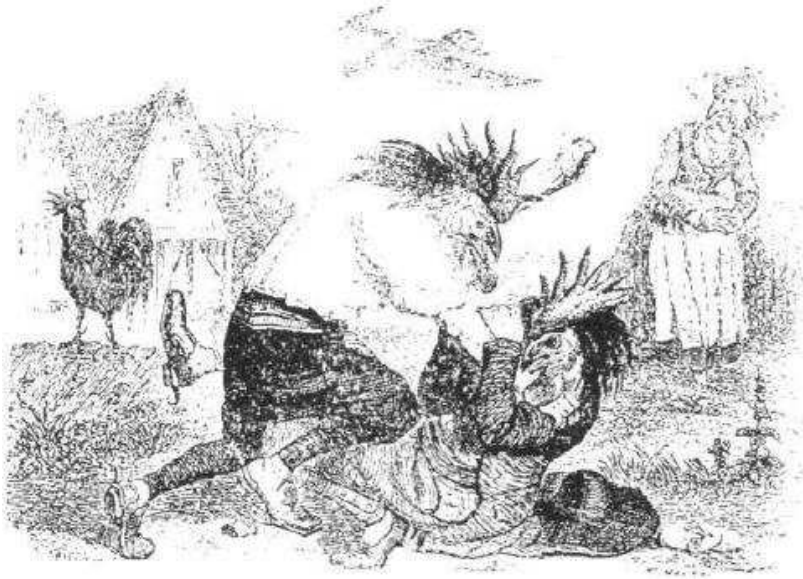
## **O carrão e a mosca**

*Conde de Azevedo e Silva (Trad.)*

Trepando a custo em íngreme ladeira  
Inundada de sol e de poeira,  
Por um carrão bojudo,  
Seis valentes cavalos, vão puxando.  
Mulheres, frades, velhos, desceu tudo.  
Sopram, suam as bestas, e a miúdo  
    Pegam-se, exaustas: quando  
    Surde uma mosca em roda  
    E chega-se aos cavalos;  
Pretende com o zumbido estimulá-los  
E mover a caranguejola toda  
Um e outro aguilhoando, ora sentada  
Na lança, ora nas ventas do cocheiro.  
Mas em vendo o carrão pela calçada  
    De novo andar ligeiro.  
Em si própria resume toda a glória.  
Corre de um lado e doutro num tormento,  
    Qual ativo sargento  
Na pugna contribui para a vitória!



Depois entra a clamar  
Que não tem quem lhe acuda;  
Como há de o carro andar,  
Se ninguém mais a ajuda?  
Rezava o frade o ofício;  
O ensejo era propício!  
Cantando ia uma dama: "Ora, cantigas!  
A mosca lhe zunia, em boa hora!"  
Louca andava! Depois de mil fadigas,  
Chega ao alto o carrão: "Descanso, agora!  
Descanso! A mosca diz, —  
Afinal tanto fiz  
Que em cima os pus! Cavalos, meus senhores,  
Façam favor, paguem-me os meus labores!"  
Assim também há gente entremetida  
Que se finge expedita e diligente,  
E é somente atrevida.  
Fora com eles, fora, que é má gente!



## Os dois galos

*Couro Guerreiro (Trad.)*

Dois galos se meteram em peleja  
A fim de saber qual deles seja  
O capataz de um bando de galinhas:  
Unhadas e bicadas tão daninhas  
Levou um, que se deu por convencido,  
E andava envergonhado e escondido.

O vencedor se encheu de tanta glória,  
Que para fazer pública a vitória,  
Pôs-se de alto, voou sobre umas casas;  
Ali cantava, ali batia as asas.

Andando nestas danças e cantares,  
Veio uma águia, levou-o pelos ares;  
E saindo o que estava envergonhado,  
Gozou do seu ofício descansado.

Quem contemplasse bem quão pouco dura  
Neste mundo qualquer prosperidade,  
Livre estava de inchar por vaidade  
Com um leve sucesso de ventura.

O que tem a alegria por segura  
E doente, e o seu mal fatuidade;  
Que ela passa com muita brevidade,  
E vem logo a tristeza, e muito atura.

De mudanças o mundo está tão cheio,  
Que hoje rio, amanhã estou sentindo  
Uma grande desgraça que me veio:  
Delira quem dos tristes anda rindo;  
Que é absurdo gostar do mal alheio,  
Quando o próprio a instantes está vindo.



## L I V R O V I I I



### **A morte e o moribundo**

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Nunca é da morte surpreendido o sábio.  
Pronto sempre a partir, sabe o momento,  
Em que lhe cumpre da jornada extrema  
Os aprestos dispor. Ah! Que esse instante  
Todos os tempos no seu grêmio abrange.  
Fazei-lhe embora a divisão por dias,  
Por horas, por minutos, por segundos,  
Não há porção, ou átomo integrante  
Da longa duração, que não se inclua  
No tributo fatal; todos e tudo  
São do domínio seu; nada lhe escapa.  
Às vezes, no momento em que no mundo  
Abrem olhos à luz dos reis os filhos,  
A fria mão da Morte inexorável  
Por todo sempre as pálpebras lhes fecha.  
Da grandeza fazer escudo e amparo,  
Mocidade alegai, virtude e graças;

Tudo vos rouba sem pudor a Morte.  
Um dia inda virá que o mundo inteiro  
Há de aumentar-lhe a colossal riqueza.  
Nada mais certo do que a morte existe;  
Nada nos acha menos preparados.

Moribundo que mais de cem anos  
De vida contava,  
Porque a morte queria levá-lo  
De chofre — a acusava.

Constrangê-lo a partir sem que o deixe  
Fazer testamento!  
Nem sequer preveni-lo que havia  
Chegado o momento!

"Pois é justo (dizia) que eu morra  
Assim de repente?  
Minha esposa que eu parta sem ela  
Não quer, não consente.

Esperai, pois a um neto-sobrinho  
Me resta empregar;  
Dai-me tempo a que eu possa na casa  
Um lanço puxar

Oh! Não sejas cruel Divindade,  
Tão sôfrega assim!"  
"Surpreender-te (responde-lhe a Morte),  
Meu velho, não vim.

Sem razão de insofrida me acusas.  
Cem anos não contas?  
Quanta gente que tenha essa idade  
No mundo me apontas?

Quando muito, haverá dez macróbios  
Em todo o país;



Muito esperto serás, descobrindo  
Uns dois em Paris.

Acabaras a casa, se em tempo  
Te houvesse avisado!  
Testamento tiveras escrito  
E o neto arrumado!

Mas não foi um aviso o sentires  
Os membros tolhidos,  
Fraco o espírito e sem energia  
Engenho e sentidos?

Para ti nada agora se veste  
De gala, ou magia;  
Para ti toma inúteis desvelos  
O astro do dia.

Tu lastimas uns bens que não podes  
Gozar neste mundo;  
Teus amigos mostrei-te ou já mortos,  
Ou já moribundos.

Não foi isto avisar-te? — E já tempo;  
Partamos depressa;  
À república o teu testamento  
Em nada interessa".

Disse bem. Eu quisera esta vida  
Deixar prazenteiro,  
Qual se deixa um festim, dando graças  
Ao bom hospedeiro.

Eu terei minha mala provida  
E pronta a bagagem;  
Pois quem pode prever os transtornos  
Da longa viagem?

Murmuras, velho! Contempla  
Essa valente coorte  
De jovens, que marcham, correm  
A nobre, mas certa morte!

Que vai clamar? De indiscreto  
— Meu zelo na pecha incorre;  
Quem mais se assemelha a um morto.  
Mais contra vontade morre.

## **O financeiro e o remendão**

*Joaquim Serra (Trad.)*

Um remendão cantava noite e dia,  
Era um gosto escutá-lo!  
Ditoso na pobreza, parecia  
Um nababo nadando na opulência.  
Seu vizinho não tinha igual regalo,  
Nem tranqüilo repouso.  
Apesar da riqueza, a consciência  
Trazia-o cuidadoso.  
Um financeiro era o tal vizinho;  
E vivia acusando a Providência  
De não ter feito o sono e a alegria  
Uma mercadoria.  
Que se comprasse como o pão e o vinho.  
Se às vezes dormitava,  
Do remendão o canto o acordava!  
Fê-lo ir à sua casa o financeiro  
E perguntou-lhe: — "Ó mestre, a quanto monta  
O que podes ganhar num ano inteiro?  
— Não posso calcular tamanha conta...  
Tantos santos há hoje na folhinha



Causando feriados,  
Que não ousou dizer, por vida minha,  
Quanto um ano me rende... Alguns cruzados,  
Pra não morrer de fome, chega apenas  
O que faço por dia,  
Miserando salário,  
Após muito trabalho, rudes penas!...

— Pois toma esta quantia,  
Retruca o milionário;  
Quero dar-te a fartura.  
Não mais trabalharás em tua vida!"  
E entregou-lhe uma bolsa bem sortida.

Foi às nuvens o pobre sapateiro!  
Julgou-se logo o dono

De todo o ouro da terra!  
Apressado correu ao seu telheiro,  
Aonde esconde e enterra  
Não só o ouro... a alegria e o sono!...

Adeus, ledas cantigas!  
Qualquer ruído o põe em sobressalto;  
Se dorme, escuta vozes inimigas,  
E treme até do leve andar do gato!  
O mísero maldiz do seu contrato,  
E prestes o desfaz;  
Vai ter com o financeiro  
Que tranqüilo dormia,  
E diz-lhe: "Tome lá o seu dinheiro,  
Guarda-o, eu guardarei a cantaria  
E o meu dormir em paz!"

## **As mulheres e o segredo**

*José Inácio de Araújo (Trad.)*

Não é lá no pensar muito atilado  
Quem a mulher confia o seu segredo...  
Mas neste ponto também tenho medo  
Muitas vezes do sexo que é barbado.

Para experimentar sua mulher,  
Estando certa noite ao lado dela,  
Um marido exclamou: — Ai, Micaela,  
Que dores tão cruéis! Que atroz sofrer!

Não sei triste de mim, como me agüente!  
Mas que é isto, mulher? Ó caso novo!...  
Mesmo agora acabei de pôr um ovo!  
"Um ovo!? — Aqui o tens; inda está quente!"



Não contes este caso; tem cuidado, —  
Quando não de galinha põem-me a alcunha."  
A mulher, que o engano não supunha,  
Jurou fechar a boca a cadeado.

Mas apenas se ergueu de manhãzinha  
Esta pouco assisada Micaela,  
Desejosa de dar à taramela,  
Foi o caso contar a uma vizinha.

"Sabe, comadre, o que hoje sucedeu?...  
— Então que foi? Que foi? — O meu Torquato  
Pôs um ovo que enchia bem um prato!...  
Mas não conte a ninguém, ouviu? — Quem? Eu!"

Do peso do segredo aliviada,  
A mulher do do ovo entrou em casa;  
Mas a vizinha já se vê em brasa  
Por dar esta notícia desusada.

Deixa o almoço ao lume, sai mui pronta  
E a outra conta a história de bom gosto;  
Mas ao ovo que o homem tinha posto  
Acrescenta mais um por sua conta.

O caso vão contando estes e aqueles,  
E cada qual seu ovo acrescentava;  
De sorte que à noitinha se afirmava  
Que o homem tinha posto um cabaz deles.



## **O cão que leva o jantar ao dono**

*José Inácio de Araújo (Trad.)*

Marchando com grande entono  
Um cão esperto e sagaz,  
Levava o jantar ao dono  
Em um pequeno cabaz.

Passa outro cão atrevido,  
Entra a rosnar, a rosnar,  
E mostra-se decidido  
Em lhe tirar o jantar.

Mas o que pensa não faz,  
Que o primeiro cão, valente,  
Da boca larga o cabaz  
E ao ladrão refila o dente.

Um bando de cães acode;  
Vê-se o jantar em perigo;  
E o fiel cão, que não pode  
Combater tanto inimigo,

Diz aos irmãos com bom modo:  
"A questão é de barriga;  
Reparta-se isto por todos  
E não pensemos na briga".

Este atira-se a um bocado,  
Aquele a um outro cobiça;  
Cada um puxa para seu lado...  
Foi fogo viste, lingüiça!

É parecido este cão  
Ao empregado zeloso  
Que arrecada, escrupuloso,  
Os dinheiros da nação;

Mas não podendo estorvar  
Que os outros comam do bolo.  
Não quer que lhe chamem tolo  
E é o primeiro a roubar

## **O urso e o amador de jardins**

*José Inácio de Araújo (Trad.)*

Em um bosque solitário  
De funda mudez sombria,



Por lei do destino vário  
Oculto um urso vivia.

Podia perder, coitado,  
O juízo; — vem dele a míngua  
Ao que se vê isolado  
Sem ter com que dar a língua.

É muito bom o falar,  
O calar-se inda é melhor.  
Dos sistemas no abusar  
É que se encontra o pior.



Como no bosque recurso  
Pra conversar não achava,  
Aborreceu-se o nosso urso  
Da vida que ali levava.

E, enquanto em melancolias  
Ia consumindo o alento,  
Não longe passava os dias  
Um velho em igual tormento.

O velho amava os jardins,  
Que a capricho Flora esmalta.  
Belo emprego, mas dos ruins.  
Quando um bom amigo falta.

E cansado de viver  
Com *gente* que muda nasce,  
Meteu-se a caminho, a ver  
Se achava com quem falasse.

Ora, quando o velho ia  
Saindo para a jornada,  
Do bosque o urso saía  
Levando a mesma Fisgada.

Encontraram-se, era cedo,  
E o velho, como é de crer,  
Teve do urso grande medo  
Como teria qualquer.

Mas por fim, julgando-o manso,  
Com ele simpatizou:  
"Queres jantar com descanso  
No meu lar?" Ele aceitou.

Comeram; d'alma no centro  
Nenhum receou perigos;

E ficam portas a dentro  
Vivendo os dois como amigos.

O velho as flores regava,  
Com que muito se entretinha;  
O urso saía, caçava  
E abastecia a cozinha.

E tanto afeto exhibia,  
Embora em maneiras toscas,  
Que quando o velho dormia,  
Até lhe enxotava as moscas.

Mas um moscardo maldito  
Apareceu, tão ruim.  
Que o urso se viu aflito  
Pra conseguir o seu fim;

E, de raiva furioso,  
Agarra um matacão,  
E esborrachou o teimoso...  
Sobre a tola do patrão!

A mil éguas fulanejas  
Lance a Parca a dura foice:  
Querem encher-nos de beijos,  
E o que dão, por fim, é coice!



## O porco, a cabra e o carneiro

*José Inácio de Araújo (Trad.)*

Uma cabra, um carneiro e um porco gordo,  
juntos num carro, iam à feira. Creio  
Que todo o meu leitor será de acordo  
Que não davam por gosto este passeio.

O porco ia em grandíssimo berreiro  
Ensurdecendo a gente que passava;  
E tanto um como outro companheiro  
Daquela berraria se espantava.

Diz o carreiro ao porco: "Por que gritas,  
Animal inimigo da limpeza?  
Porque, trombudo bruto, não imitas  
Dos companheiros teus a sisudeza?"

— Sisudos, dizes?!... Quer-me parecer  
Que não têm a cabeça muito sã,  
Porque pensam que apenas vão perder,

A cabra o leite e o carneiro a lã.

Mas eu, que sirvo só para a lembrança,  
Envio um terno adeus ao meu chiqueiro...  
Pois cuido que à goela já me avança  
O agudo facalhão dos salsicheiros!

Pensava sabiamente este cochino,  
Mas pra que, pergunto eu? Se o mal é certo,  
É surdo às nossas queixas o destino;  
E o que menos prevê é o mais esperto.



## **As exéquias da leoa**

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Tendo estado alguns dias doente,  
Faleceu a mulher do leão;  
A seu rei, pela perda sofrida,  
Tristes pêsames dar todos vão,  
Condolências que ao pobre viúvo  
Mais agravam a imensa aflição!

Fez saber o leão a seu reino  
Que em tal dia, a tal hora e lugar,  
Se deviam com pompa solene  
As exéquias reais celebrar;  
Ao preboste cumpria o regê-las  
E aos do séquito em linha ordenar.

Tudo às ordens do chefe obedece,  
Como os nossos leitores prevêem;  
Troa aos berros da fera a caverna,  
(Que os leões outro templo não têm).  
E os da corte arremedam-lhe os brados.  
Em vasconço rugindo também.

Eu entendo por corte uma terra,  
Povoada de apática gente,  
Que de coisa nenhuma se importa,  
E pra tudo disposta se sente.  
A estudar nas feições de seu amo  
Se ela deve estar triste ou contente.

Se, baldando os esforços, não logra  
Ser aquilo que o rei quer que seja,  
Pelo menos, usando artificios,  
Por tentar parecê-lo forceja.  
Deus permita que sempre na vida  
Dessa gente afastado me veja!

\* \* \*

Povo, macaco dos amos,  
Camaleão furta-cores!  
Uma só alma creríeis  
Nesses mil adutores;  
Esses, sim, podem chamar-se  
Relógios reguladores.

Mas... para voltar ao conto...  
O veado não chorou;  
De sua rainha a morte  
Como justiça encarou;  
Pois alguns anos antes,  
Filho e esposa lhe matou.

Desse fato ao rei dos bichos  
Deu parte um vil lisonjeiro,  
E ajuntou, por conta sua,  
Que vira rir o galhofeiro,  
Mostrando, em meio do luto,  
Um semblante prazenteiro.

Diz Salomão que é terrível  
Sempre a cólera de um rei.  
Que a do rei leão sublima,  
Sem receio afirmarei.  
Se o veado, estranhos aos livros.  
Sabia disto — não sei.

Brada o leão: "Ris, ó biltre,  
Hóspede mau da espessura;  
Não imitas essas vozes,  
Ecos da interna amargura?  
Vou mandar que te castiguem  
Miserável criatura!

Não profano as sacras unhas  
Em tua carne daninha;  
Vingai, lobos, nesse infame  
A vossa augusta rainha;  
Imolai-o aos manes dela  
Aqui na presença minha!"

"Sire! O tempo dos lamentos  
(Volveu o cervo) é passado;  
O pranto agora é supérfluo;

Já demais haveis chorado;  
De vossa cara metade  
Eu vi o vulto sagrado;

Toda de flores cercada  
Há pouco me apareceu,  
E minha vista, sem custo,  
Distinta a reconheceu;  
E (disse:) — O que vou narrar-te  
Ouve atento, amigo meu.

Não quero pranto e gemidos  
Neste solene momento;  
Para Deus, para os Elísios,  
Me leva este saimento;  
Ao lado dos outros santos  
Gozo o céu a meu contento.

Deixa o rei, por algum tempo,  
Em dolorosa agonia;  
Se chora, é que tem saudades;  
Isso causa-me alegria."  
Apenas se cala o cervo,  
Rompe em grita a bicharia:

"Apoteose, milagre!"  
E o cervo, em vez de punido,  
Foi, entre palmas e bravos,  
Em triunfo conduzido,  
Sendo-lhe um rico presente  
Afinal distribuído.

\* \* \*

Com ilusões fagueiras  
Os reis lisonjeai;  
Com aprazíveis nugas  
Seu ânimo embalai.

Por mais que tenham n'alma  
A cólera a ebulir,  
Hão de afeição votar-vos  
E a pílula engolir.



## O burro e o cão

*Fernandes Costa (Trad.)*

A lei do mútuo auxílio é lei antiga e bela  
Imposta por Natura.  
O burro, com ser burro, andava ao fato dela  
E, se em funesto dia a desprezou de vez,  
Não sei como tal fez.  
Esta justiça devo à boa criatura.  
No convívio do cão, seguia de jornada,  
Com toda a pacatez e sem pensar em nada.



Tinham o mesmo dono,  
O qual, afadigado,  
Fez a vontade ao sono.  
Veio a talho de foice o caso apropriado,  
Pois isto sucedeu, mesmo a meio de um prado  
Onde a erva crescia à mão de semear.  
O burro, que não era afeito a hesitações,  
Pôs-se logo a pastar.  
De cardos viu a falta, olhando-a indiferente,  
Pois muito bem sabia  
Que era ser exigente.  
Ele, a gema, o primor dos burros mansarrões,  
Negar-se a dispensar, ao menos por um dia,  
O freqüente manjar, que ainda o fartaria  
Em mais ocasiões.  
Criado em tais doutrinas,  
Sabia as paixões más vencer de quando em quando  
E, assim, dizendo adeus às tentações mofinas,  
Continuou pastando.  
O cão, esse, coitado! À força de jejum,  
Viu-se obrigado a ter menos filosofia;  
Chegou-se francamente: "Amigo, eu tiraria  
Decerto o meu jantar  
Podendo-lhe chegar.  
Tenho deveras fome, e a fome é um tormento;  
Dá-me um minuto só, faze-me este favor.  
Abaixa-te um momento".  
O burro nem palavra. Aquilo era, talvez,  
Ataque de surdez;  
Ou estaria pensando, inconscientemente:  
Ser caridoso é bom, mas é muito melhor  
Calar e ir dando ao dente.  
Volvido largo tempo, achou-se mais disposto  
O burro a responder. Vê-se que a digestão  
Lhe despertava o gosto  
De dar à taramela. Assim falou ao cão:  
"Amigo, ouve um conselho;  
Deves saber esperar e deves ter paciência.

Lições da experiência  
Que eu sei, já por ser velho.  
Mais um momento, e breve,  
O nosso dono esperta. O seu dormir é leve,  
E tão depressa acorde, é ponto certo que há de  
Cuidar logo de ti, tratando-te de sorte,  
Que fiques como um frade".  
Nisto, um lobo feroz, renunciando morte,  
Aparece, esfaimado.  
O burro, transtornado,  
Aflito, chama o cão e pede que lhe acuda.  
Outra vez se repete a mesma cena muda,  
Até que o cão responde: "Ouve um conselho amigo:  
Deita a fugir depressa, enquanto o nosso dono  
Acaba de dormir. Ele tem leve o sono,  
E logo que acordar, acode, sem demora,  
A livrar-te do perigo.  
Quem sabe até se agora  
Já sonhará contigo?  
Bem sabes que o viver tem cenas variadas,  
No mundo anda-se exposto a muitas más venturas:  
Se o lobo te apanhar, levanta as ferraduras  
E quebra-lhe as queixadas".  
Ao burro este aranzel de pouco aproveitou,  
Pois, durante o sermão,  
O lobo o devorou,  
Sem dó nem remissão.  
*É bom, convém saber,  
Uns aos outros valer.*

## **O gato e o rato**

*Filinto Elísio (Trad.)*

Quatro animais diversos,  
O gato grama-queijo,



O mocho, ave triste-feia,  
Doninha talhi-longa  
E o rato trinca-malha,  
Freqüentavam o tronco  
Asselvajado e podre  
E velho, dum pinheiro.  
E tanto o freqüentaram  
Que um homem certa noite  
Em torno dele as redes  
Estendeu. — Sai o gato  
De madrugada à caça.  
Como as relíquias últimas  
Das sombras lhe tolhiam  
Ver a rede, cai nela;  
Ei-lo em perigo de morte!  
Grita: vem logo o rato.  
Um mui desesperado,  
O outro folgando muito  
De ver nos laços preso  
Seu mortal inimigo;  
Disse-lhe o triste gato:

"Caro amigo, os penhores  
Da tua benquerença  
Em meu pró são freqüentes,  
Vem me ajudar; que eu saia  
Da trempe, em que ignorante  
Caí. Por bom direito  
Com singular afeito  
Entre os teus todos sempre  
Te preservei! Que te amo,  
Como olhos meus. Nem disso  
Me pesa. A Deus dou graças;  
E agora ia eu rezar-lhe,  
Como insta a todo o gato  
Devoto as manhãs todas  
Fazer. Tais nós me prendem:  
Vem quebrar-me estas malhas,  
Tens na mão minha vida."

RATO

Que prêmio é o que me espera?

GATO

"Jurar-te aliança eterna;  
Dar toda a segurança;  
Dispõe das minhas unhas:  
Por ti, e contra todos  
Empenho o meu amparo.  
Comerei a doninha,  
Mais a mulher do mocho,  
Que ambas mui mal te querem."

RATO

— Como és tolo! Eu soltar-te!  
Assim seria eu asno! —  
Volve-se ao seu cubículo,

Que é ao pé da doninha;  
Trepá mais alto o rato,  
E dá co mocho. Perigos  
Em toda a parte encontra.  
O mais instante o vence,  
Ao gato o trinca-malhas  
Desce e se ajeita em modo  
Que trinca um nó, trinca outro,  
Trinca tantos, que a cabo  
Desempecilha o hipócrita.  
Nisto aparece o homem;  
Fogem os dois aliados. —  
Passam tempos. Vê o gato  
De longe o rato alerta,  
Bem que afastado; e diz-lhe:  
"Vem-me beijar; vem, mano;  
Me ofende o teu receio,  
Como inimigo olhares  
O teu aliado! Cuidas  
Que me esquece dever-te,  
De Deus abaixo, a vida?"

RATO

Cuidas, que eu do teu gênio  
Me esqueço? Há tratado,  
Que a nenhum gato obrigue  
A ser agradecido?  
Eu finco pé na aliança,  
Que armou necessidade?"



## LIVRO IX



### Os dois pombos

*José António de Freitas (Trad.)*

Amavam-se dois pombos ternamente  
Com suave meiguice e amor profundo.  
Um deles — que loucura! — de repente  
À casa toma tédio, quer ver mundo.

"Que vais fazer? diz-lhe então

Já saudoso o companheiro:  
Medita, pensa primeiro,  
Assim deixas teu irmão?

Ninguém duvida que a ausência  
É dos males o maior;  
Não para ti!... Só se for  
Que os trabalhos, a inclemência,

E dessa jornada o perigo,  
Que pretendes arrostar,  
Possam teu peito mudar  
Em peito bondoso, amigo.

Se mais perto a primavera  
Sorrisse alegre, então... vá!  
Quem te obriga a partir já?  
Espera o zéfiro, espera;

Há pouco um sincero corvo  
Crocitou, e à nossa raça  
Agorou muita desgraça  
Em tom profético e torvo.

Só nas coisas infelizes  
Doravante pensarei;  
Em redes, falcões, que sei?..  
Tiros, flechas e boizes.

Ah! — direi quando chover:  
Meu pobre irmão, coitadinho.  
Terá ceia, terá ninho,  
E tudo o que lhe é mister?"

Esta linguagem branda e cheia de bondade  
Enternece-lo faz;  
Teve, porém, mais força a indômita vontade  
Do viajante audaz.

"Não chores; três dias bastam-me —  
Já vês que é curta a demora —  
Para matar este fêrvido  
Desejo que me devora.

Quando voltar, com que júbilo  
Referirei por miúdo  
Aventuras, episódios,  
Incidentes, tudo, tudo!

Quem pouco vê, é certíssimo  
Que pouco pode contar.  
Eu te direi que, em tal época,  
Achava-me em tal lugar,

E tu, enlevado, extático,  
De me ouvir falar assim;  
Hás de julgar — asseguro-te —  
Que estavas ao pé de mim."

Assim falou, e em pranto de soluços  
Despediram-se os dois. O viajante  
A jornada começa. Não distante  
Da casa, que fugira, carregada

Ergue-se no ocidente escura nuvem,  
Que em chuva se desata, e o peregrino  
Corta os ares em louco desatino.  
Um albergue buscando, uma pousada

Negro tronco, de folhas quase nu,  
Se lhe depara então. Voa ligeiro,  
E mal pode encontrar de triste ulmeiro  
Entre a folhagem rara asilo pobre.  
Depois, quando outra vez se anila o céu,  
Frio, molhado sai do humilde abrigo,  
Enxuga as penas, parte e muito trigo



Espalhado no campo além descobre.

Outro pombo vê perto, e sem detença  
Dirige-se pra lá.

E quando cuida mais, quando mais pensa  
Gozar com igual ventura imensa.

Num laço preso está.  
Que por mão ardilosa, enganadora,  
Por debaixo do trigo armado fora.

O laço era já velho. O prisioneiro  
Esforça-se, porfia, teima, luta.  
De tal forma trabalha  
Com as asas, bico e pés, que, enfim, consegue  
Quebrá-lo, ver-se livre, muitas penas  
Deixando na batalha.

Mas a fortuna má, que o segue, e nutre  
Contra o pombo infeliz ódio entranhado,  
Já lhe mostra nos ares um abutre,  
Que voraz, esfaimado,  
Mal o avista, a vontade sente acesa  
De lhe deitar a garra e fazer presa.

E o mísero, que traz restos de guita  
A cortar-lhe inda os pés,  
Um galeote, um criminoso imita  
Fugindo das galés.

Eis que, porém, naquele mesmo instante,  
Batendo as asas longas,  
Das nuvens arremessa-se gigante  
Uma águia, e, sem delongas,  
Trava-se entre os ladrões rude peleja  
Por lograr cada qual o que deseja.

O pombo, como terceiro,  
Aproveita do combate;

Ergue o vôo e só o abate  
Quando encontra um pardieiro,

De seu bárbaro destino  
Julgando o pobre animal  
Que a peripécia final  
Era este caso mofino.

Mas um rapaz turbulento, —  
Não tem compaixão a infância! —  
Uma pedra com tal ânsia  
Lhe envia, que, sem alento,

Quase o deixa. — Maldizendo  
A sua curiosidade,  
Vai para casa gemendo.  
Meio coxo, meio morto,  
E, sem outra novidade,  
Chega do ninho ao conforto.

## **A lande e a abóbora**

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Deus bem sabe o que faz. Escusa procurar  
As provas desse acerto; a abóbora as vai dar.  
Viu este fruto um lorpa e, estando a contemplá-lo,  
E achando-o muito grande e mui delgado o talo,  
"Em que pensava (disse) o autor desta invenção,  
Que da abóbora fez tão má coleção?  
Se fosse cá por mim, não tinha mais trabalho  
Que fazê-la pender daquele alto carvalho.  
Por Deus, que isto calhava; em árvore tão grande  
Assenta fruto assim e não mesquinha lande.  
— Que pena, João, não teres figurado  
Na assembléia do Deus, do cura apregoado?



Tudo ficara então melhor distribuído:  
O fruto, que ao carvalho eu vejo suspenso,  
E ao meu dedo meiminho iguala na grossura,  
Pousara, em lugar dela, ao rente da planura:  
Deus se enganou, decerto. E quanto mais medito  
Na má colocação dos frutos, que hei descrito,  
Mais me parece nisto equívoco existir".  
Com estas reflexões, privado de dormir,  
O nosso camponês provava o dito certo:  
"Quem muito engenho tem, conserva-se desperto,  
"Porque lhe foge o sono". — Entanto, à fresca sombra  
Deita-se de um carvalho em mole e verde alfombra.

Magoa-lhe o nariz lande, que se despega:  
Desperta em confusão; com as mãos o rosto esfrega;  
Na barba o fruto achou. Com dores do nariz:  
"Oá! Pois não sangrou! Se fosse mais pesada  
A massa que tombou, que tal fora a pancada!  
Se uma abóbora fosse em vez desta frutinha.  
Ficara em fresco estado a pobre face minha!  
Tal não aprouve a Deus! Pois, sábio e onipotente.  
Para assim proceder, motivo houve excelente".  
E, graças dando ao céu por tudo quanto fez,  
A casa recolheu-se em paz o camponês!



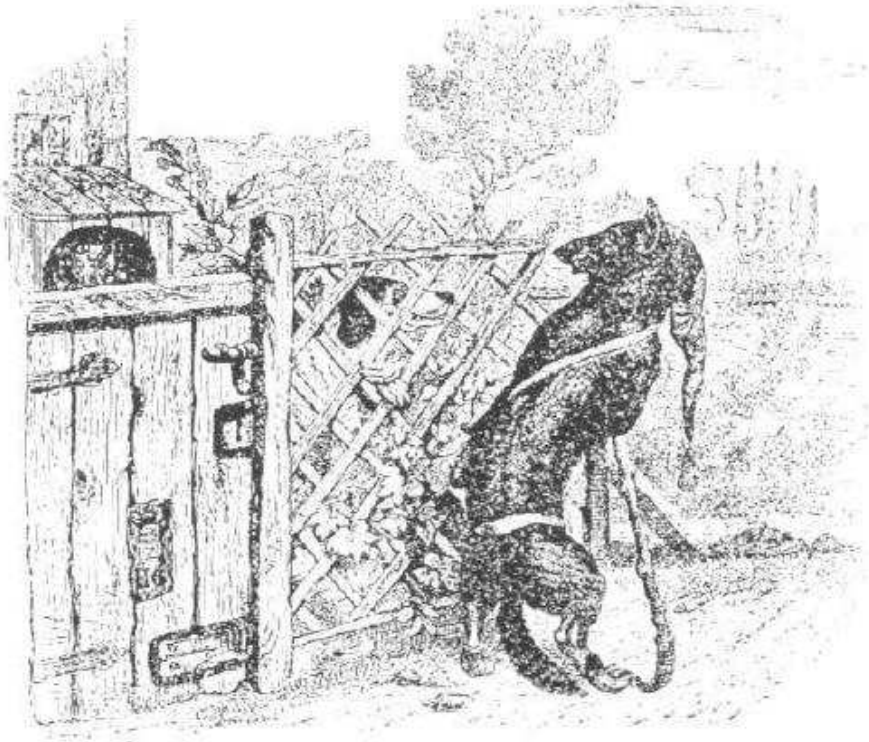
## **A ostra e os pleiteantes**

*Filinto Elísio (Trad.)*

Dois peregrinos,  
Um dia encontram

Na praia uma ostra,  
Que o mar lançara.  
Já com os olhos a sorvem, já com o dedo  
A apontam um ao outro.  
Pôr-lhe dente? — isso é ponto contestado.  
Um se debruça  
A colher preia,  
E o outro o arreda,  
E diz: "Saibamos  
A quem compete  
Ter dela o gozo.  
O que a avistou primeiro, a trinque; e o outro  
Veja-se com o olho,  
Coma-a com a testa!  
— Se o negócio, diz o outro, assim se julga,  
Tenho — graças a Deus, esperto luzio.  
— Nem os meus são ruins, disse o primeiro;  
Que antes que tu, a vi; por vida o juro.  
— Se a viste, a mim cheirou-me".  
Neste comenos,  
Chega ao pé deles  
Juiz da Casinha.  
Nele se louvam.  
Mui grave o juiz recebe a ostra e — papa-a,  
E os dois a olhar. — Refeição feita:  
"Tomai — lhes diz, em tom de presidente —  
Cada um sua casca,  
Salva de custas,  
E vão-se andando".

Contai quanto hoje custa uma demanda,  
E o que a muitas famílias depois fica;  
E vereis que o juiz vos leva o bolo,  
E vós ficais com o saco, e com os trebelhos.



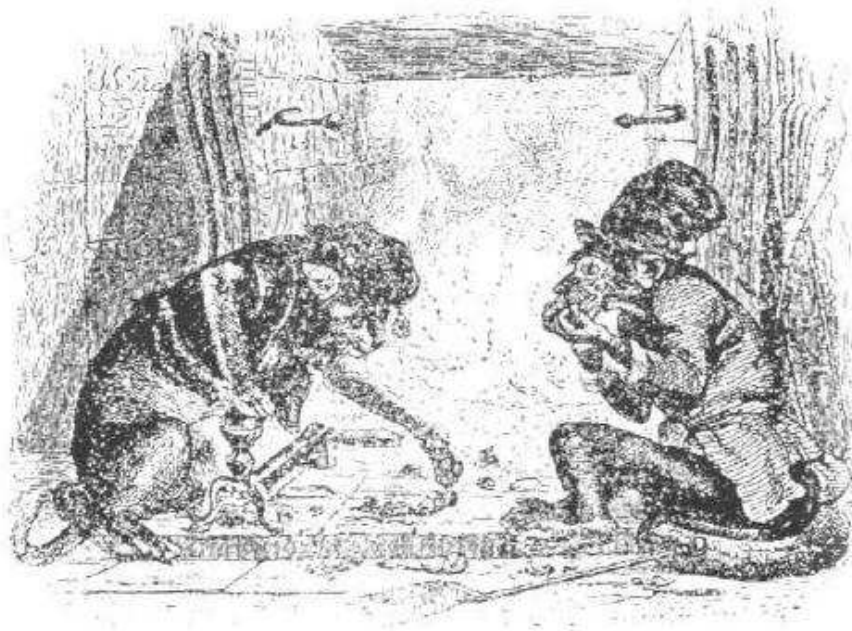
## O lobo e o cão magro

*Eduardo Garrido (Trad.)*

A pequena distância de uma aldeia,  
Um lobo encontra um gozo,  
E quer ferrar-lhe o dente.  
O cão, manhoso,  
E vendo a coisa feia, —  
Rabo entre pernas, — diz-lhe humildemente:  
"Peço perdão, — mas Vossa Senhoria,  
Ou não vê bem de perto,  
Ou vê decerto  
Em mim pobre iguaria!...  
Eu sou o que se chama — um carga d'ossos:  
Vendido em qualquer talho,  
Não valho  
Dois tremoços!...  
Quer um conselho? Espere. Muito breve,

Meu dono casar deve;  
Convidado  
Já fui para o noivado;  
Tempo de boda,  
Tempo de fartura:  
Faz-se gordura  
Esta magreza toda!  
Tal como sou, não passo de um lambisco;  
Enquanto que depois de uns dias ledos, —  
Não é por me gabar, — mas... um petisco,  
Eu devo ser  
De se lamber  
Os dedos!...  
Deixe que eu tire o ventre da miséria,  
E venha, venha então!"  
O lobo crê na léria...  
E larga o cão!  
Passam dias, — e, muito cauteloso,  
Entra o lobo na aldeia,  
A ver se acha no gozo  
Melhor preia.  
Mas, em lugar seguro, o cão, velhaco:  
"Por cá, meu caro? — diz; — prazer sem-par!...  
Dois dedos de cavaco  
Eu e o guarda-portão te vamos dar;  
Espere aí portanto,  
Tiramos o ferrolho!" —  
Era o guarda-portão  
Um canzarrão  
Capaz de estrangular um lobo, enquanto  
O demo esfrega um olho! —  
O lobo, ao vê-lo, diz — todo assustado:  
"Senhor guarda-portão, um seu criado!"  
E as pernas pôs em rápido exercício!

Ora aqui está um lobo que, a meu ver,  
Mostrava não saber  
Do seu ofício!



## O gato e o macaco

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Eram Ratão e Bertoldo;  
Aquele gato, este mono.  
Comendo à mesma cozinha,  
Sujeitos ao mesmo dono.

Que boa camaradagem  
De daninhos animais!  
De ninguém, fosse quem fosse  
Se arreceavam os tais.

De alguma coisa estragada  
Que aparecia no lar  
A gente da vizinhança  
Era escusado culpar.

Bertoldo furtava tudo;  
De seu lado dom Beltrão,



Mais ao queijo, do que aos ratos  
Prestava sua atenção.

Certo dia ao pé do fogo  
Meus larápios contemplavam  
Uma dúzia de castanhas,  
Que no braseiro estalavam.

Que pechincha se pudessem  
Surripiá-las com jeito!  
Os tratantes nessa peça  
Viam dúplice proveito.

O próprio interesse de ambos  
Era o móvel principal;  
Depois o prazer maligno  
De fazer aos outros mal.

A Ratão disse Bertoldo:  
"Irmão, que és fértil em manhas,  
Faze agora uma de mestre;  
Tira-me aquelas castanhas.

Se Deus me houvesse adaptado  
Para do fogo tirá-las,  
Que giro teriam elas!  
Estava sempre a trincá-las!"

Foi dito e feito. Ratão  
Metete a pata na lareira,  
E um pouco afastando a cinza  
Por delicada maneira.

Retira, em seguida, as unhas  
E avança-as mais de uma vez;  
Surrípia uma castanha,  
Depois duas, depois três.

Ia papando-as Bertoldo;  
Eis que surde uma criada.  
Adeus, gato! Adeus, macaco!  
Vão batendo em retirada!

Ratão, segundo me contam,  
Não se mostrou satisfeito;  
Pois achou que era de tolo  
O papel que tinha feito.

\* \* \*

Muitos príncipes conheço,  
Que nosso Ratão parecem;  
Fazem quejanda figura,  
E disso se desvanecem.

Vão escaldar-se às províncias  
Por algum rei que os instiga;  
É sempre o rei, quem, de fora,  
Colhe proveito da briga.

## **A pastora e seu rebanho**

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

"Como assim! Desta bruta matula,  
Um ou dois dias há de sempre faltar?  
Cada dia há de o lobo, a seu salvo,  
Alguns deles nas garras levar?"

Conto-os sempre. Eram mais de um milheiro  
Quando, há pouco, o portão lhes abri;  
Mas deixaram comer o mais lindo,  
O mansinho Ton-ton-Dejali".



Conhecia-me a mais de cem passos,  
Da sanfona atendia-me ao som;  
Junto a mim sempre estava balando;  
Que saudade! Ai! Meu pobre Ton-ton!"

Ao findar Berenice, a Pastora,  
Esta fúnebre e terna oração,  
Em que deu de Ton-ton à memória  
Glorioso e perpétuo brasão;

Diz (falando ao rebanho, a seus cabos,  
Ao vuigacho e ao menor dos cordeiros);  
Que, mostrando-se todos bem firmes,  
Venceriam os lobos matreiros.

Já por honra da classe protestam  
Ter firmeza de marcos de estrada;  
Querem morto o glutão odioso,  
Que matara o seu bom camarada.

Cada qual a jurada palavra  
Pela vida cumprir prometeu;  
Deu-lhes fê Berenice e, de mimos  
E louvores, contente, os encheu.

Mas apenas a noite assomara,  
Sobreveio outro novo incidente:  
Surde um lobo; eis abala em desordem  
O rebanho ovelhum, que o presente.

A fazer debandada geral,  
Nada tinha de lobo; era apenas  
Mera sombra daquele animal.

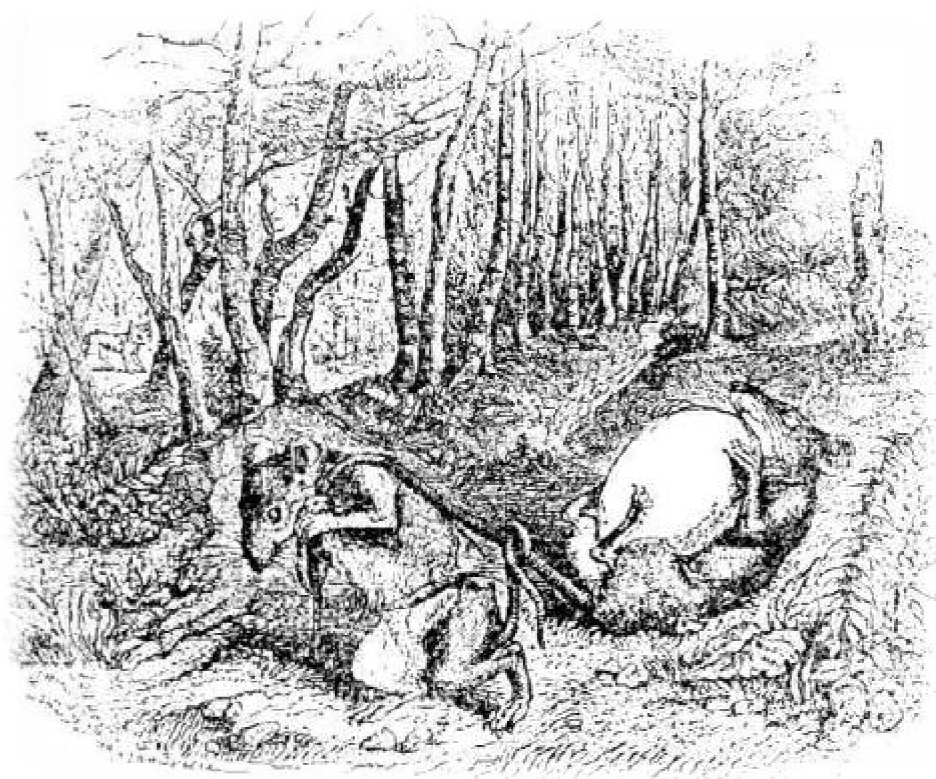
\* \* \*

Proclamai a maus soldados,  
Vê-los-eis bravateando,  
E logo ao menor perigo  
Costas ao fogo voltando.

Em vão lhes bradais: "À frente!"  
Adeus, valor e coragem!  
Não os contém vosso exemplo,  
Nem vossa heróica linguagem!



## LIVRO X



### **Os dois ratos, o raposo e o ovo**

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

DISCURSO A MADAME DE LA SABLIERE

Íris! Eu te louvara! Empresa grata!  
Nada mais fácil que te dar louvores.  
Mas, por cem vezes recusaste incenso,

Nunca imitando, neste ponto, as outras,  
Que almejam cada dia encômios novos.  
Nenhuma delas adormece, ó Íris,  
A murmúrio tão brando e lisonjeiro.  
Não as censuro; o sestro lhes tolero.  
Sestro aos numes comum, aos reis e às belas.  
Este licor que a raça dos poetas  
Exalta ao quinto céu; — suave néctar  
Que ao senhor do trovão servem no Olimpo,  
E, por nós ministrado em taças de ouro,  
Inebria da terra os deuses todos,  
É, íris, o louvor. Nunca o provaste.  
Tens, em compensação, mais almos gozos:  
— O comércio do lar, colóquio ameno,  
Em que fornece o acaso assuntos vários,  
Sem que se excluam da conversa amável.  
Áurea nugas, ligeiras bagatelas.  
Não crê o mundo, no qual ali se passa;  
Pois deixemos o mundo e as crenças dele.  
— Quimeras e ciência e ninharias,  
O nada, — o tudo é bom; digo e repito  
Que haver deve de tudo em tais palestras.  
Ê jardim, onde flora os dons expande,  
Onde descansa a abelha em várias flores,  
E de tudo, em que pouisa, o mel fabrica.  
Assentado este ponto, impetro vénia  
De às fábulas mesclar certos princípios  
De atrativa e sutil filosofia.  
Posto que audaz. De nova batizaram.  
Dela ouviste falar. Os seus adeptos  
Só vêm no irracional máquina pura,  
Em que por molas se regula tudo,  
E livre arbítrio não preside aos atos;  
— Tudo é nele matéria e plena ausência  
D'alma e de sentimento; assim se move  
A pancadas iguais, cego e sem fito,  
Do mundo o vasto espírito.  
Move a segunda; atua após terceira.

Bate a hora, afinal. Diz essa gente  
Que em tudo esse relógio é como o bruto.  
Toca-lhe em certo ponto um corpo estranho,  
Vai sem demora o ponto impressionado  
(Em nossa opinião) ao seu vizinho  
A nova transmitir e, passo a passo.  
Chega aos sentidos, que a recebem toda.  
Opera-se a impressão. Mas de que modo?  
Respondem que por ato necessário,  
Sem vontade ou paixão. Sente-se o bruto  
Agitado de certos movimentos,  
Que o vulgo chama júbilo, tristeza,  
Amor, prazer e dor e muitos outros.  
Assim não é, porém; nada de enganos.  
"O que é isso?". "Um relógio". "E quanto ao homem?"  
"— E coisa mui diversa. —" É deste modo  
Que a nova teoria expõe Descartes;  
Descartes — o mortal, que fora um nume,  
Pelos pagãos sagrados, e que hoje ocupa  
Entre espírito e homem justo meio.  
Como alguém, entre nós, burro quadrado.  
Também ocupa o meio entre ostra e homem.  
Ouve como o filósofo discorre:  
"Sobre os irracionais, filhos do Eterno,  
Pelo dom de pensar eu me avantageio;  
Eu tenho do que penso a consciência".  
Tu sabes, íris, de ciência certa,  
Que, quando mesmo os animais pensassem,  
Não poderiam refletir no objeto,  
Nem tão pouco no próprio pensamento.  
Descartes vai mais longe e diz bem claro:  
— "Não pensa o bruto". — Não te custa, ó Íris,  
O crer nesta asserção, que eu mesmo adoto.  
Quando entretanto em meio da floresta  
Das trompas o clangor, a grita infrene.  
Não deixam tréguas à fugitiva caça;  
Quando a preia há baldado esforço e traças  
Em fazer que os mastins seus rastos percam;

O veado senil de dez chavelhos  
Põe na frente um mais moço e aos cães o força,  
Como negaça nova, a apresentar-se.  
Uma série não vê de raciocínios  
Que, a fim de se salvar, formula o cervo?  
O recuar na senda, ardis, malícias,  
A troca feita, os mil estratagemas,  
Que aos mais ilustres cabos honrariam,  
Eram credores de melhor destino.  
Cortá-lo em postas, ao cair sem vida.  
Eis as supremas honras que lhe sagram.

Se a perdiz sente os filhos em perigo  
(Pois mal vestidos das recentes plumas  
Vê que podem as asas iludi-los,  
Quando ousarem voar, fugindo à morte),  
Finge-se de ferida, arrasta uma asa  
E atraindo molossos, caçadores,  
Após ela a correr — afasta o risco;  
Do ninho, em que a deixou, salva a progênie.  
E quando o caçador a crê nos dentes  
Do perdigueiro, que lhe foi no encalço,  
Ela lhe diz adeus; o vôo erguendo,  
Bate as asas, a rir-se do sujeito  
Que, boquiaberto, em vão com a vista a segue.

Não mui longe do Norte existe um mundo.  
Onde, como é sabido, os habitantes.  
Qual sucedeu nos tempos primitivos,  
Vegetam na ignorância mais profunda.  
(Dos homens falo só). Mas, quanto aos brutos,  
Vivem a trabalhar em grandes obras  
Que põem barreira às cheias furiosas,  
Ou comunicam entre si dois rios.  
As suas construções duram, resistem  
A ação do tempo; a um leito de argamassa  
Superpõe-se outro leito de madeira.  
Cada castor por sua vez trabalha;



E comum a tarefa; o velho impele,  
Sem lhe deixar descanso, o moço à faina.  
Muito mestre ali está regendo as obras.  
Aprendizado desta raça anfibia  
De Platão a república seria.  
Sabem no inverno levantar as casas;  
Passam lagoas, fabricando pontes,  
— Produto de sua arte, obra engenhosa.  
E por mais que os estude — a nossa espécie  
O quanto pôde conseguir até agora  
Foi mar e rio atravessar a nado.  
Ninguém me obriga a crer que estes castores  
Sejam corpos de espíritos vazios.  
Muito mais ainda aponto. Atende à história  
Contada por um rei, de glória cheio.  
Fica por mim o defensor do Norte.  
Cito um príncipe, amado da Vitória;  
Só seu nome é muralha ao turco império;  
É da Polônia o rei. Um rei não mente;  
Conta que de seu reino nas fronteiras  
Guerra contínua os animais sustentam,  
E que o sangue, que o pai transmite aos filhos,  
Os belicosos germes lhes renova.  
São da raposa irmãos aqueles bichos.  
Jamais com arte igual entre os humanos,  
Nem mesmo em nosso tempo, houve outra luta.  
— Vedetas, espíões, guarda avançada,  
Emboscadas, facções, e mil inventos  
Da ciência maldita e detestável,  
— Filha do Estige e mãe de heróis ilustres —  
Lhes apura o bom senso e a experiência.  
Para cantar tais guerras — o Aqueronte  
Devia dar-nos o divino Homero.  
Se com esse poeta a nós voltasse  
De Epicuro o rival, que nos diriam,  
Sobre os exemplos, que deixei citados?  
O mesmo que eu disse: "A natureza  
Tudo neles produz por simples mola,

É neles toda física a memória;  
E, para referir-me aos meus exemplos.  
Só da memória os animais precisam.  
O objeto, ao voltar, vai-lhes no arquivo  
Procurar, descrevendo igual caminho,  
A imagem, tempos antes debuxada;  
E esta, volvendo sobre os próprios passos,  
Vem tornar-se a causal do mesmo fato,  
Sem auxílio nenhum do pensamento".  
Nós procedemos de diverso modo;  
A vontade nos rege e determina,  
E não instinto e corpo. Eu falo, eu ando,  
Sinto dentro um motor; tudo obedece  
Em mim a este princípio inteligente.  
— Dos movimentos árbitro supremo,  
Do corpo se distingue e com clareza,  
Concebe-se melhor que ao próprio corpo.  
De que modo, porém, o corpo o entende?  
Eis o ponto. Obedece um instrumento  
Dócil à mão. E a mão? Quem a dirige,  
Quem guia os céus na rápida carreira,  
Existe acaso um anjo em cada estrela?  
Dá-se a impressão. O meio? Isso e mistério  
Que saberemos só de Deus no seio.  
E, se cumpre falar verdade franca,  
Mesmo a Descartes escapou, decerto.  
Seremos — ele e nós — iguais lá em cima.  
Mas, Íris, o que eu sei é que nos brutos.  
Cujos exemplos aponte, não se revela,  
Não atua esse espírito sublime;  
O homem, ninguém mais, é templo dele.  
Num ponto, os animais a planta excedem;  
Respira, entanto, a planta. Eu vou contar-te  
Caso que gera reflexões bem graves  
Sobre os princípios da moderna escola.  
Que nega, *in totum*, raciocínio aos brutos.

Dois ratos que andam buscando sustento,

Acharam um ovo. Que belo jantar!  
Não era preciso que um boi deparassem;  
Bem pouco a tal gente costuma chegar.  
E quando contentes, com vivo apetite,  
Vai parte da presa comer cada um,  
Um *quidam* surgiu-lhes (incômodo encontro)!  
Foi mestre raposo que estava em jejum.

Que ardil usariam que ao ovo salvasse?  
Levá-lo enfardado dos dois entre os braços?  
Rolá-lo? Puxá-lo? Se fosse possível,  
Em breve ficara partido em pedaços.

Necessidade engenhosa  
Lembrou-lhes uma invenção;  
Vendo os dois que estavam perto  
Da comum habitação,  
E a meio quarto de légua  
O parasita ladrão,  
Deitou-se um deles de bruços,  
O ovo nos braços tomou;  
O outro, a trancos e barrancos,  
Pela cauda o rebocou.

Quem, depois de um fato destes,  
Alma aos brutos contestou?

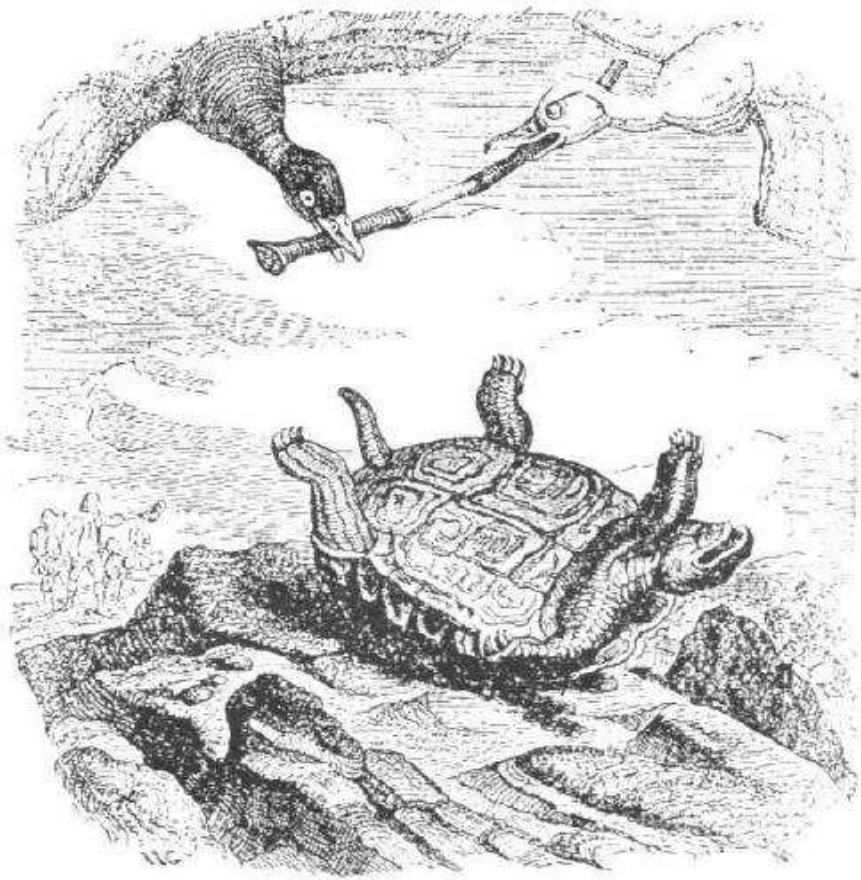
Eu, se fosse juiz, lhes dera uma alma  
Como a do infante, que não pensa logo  
Ao nascer. Cada qual, pode, portanto,  
Pensar, antes que possa conhecer-se.  
Por igual forma atribuía ao bruto  
Não decerto razão a nosso modo,  
Porém mais, muito mais que um cego impulso.  
Sutilizara um átomo corpóreo,  
Tênuê: que a mente a custo o concebera.  
— Um extrato de *luz*, um *quê* mais vivo,  
E inda mais móbil do que o próprio fogo:

Pois que, em suma, se o pau produz a flama,  
Esta, em volátil fluido apurada,  
D'alma não pode dar ligeira idéia?  
Não sai ouro das vísceras do chumbo?  
Eu tornara capaz esse artefato  
De sentir e pensar, até lhe dera  
De julgar a imperfeita faculdade,  
Sem que jamais o mínimo argumento  
Nem o macaco formular pudesse.  
Quanto ao que diz respeito à espécie humana,  
Fora o nosso quinhão mais largo e rico.  
Duplo tesouro em sorte nos tocara;  
— Um consistira n'alma, igual em todos,  
— Sábios, loucos, crianças, idiotas,  
E estes hóspedes todos do universo,  
Que sob o nome de animais o habitam. —  
— O segundo seria uma alma nova;  
Comum, em certo grau, de homem e de anjo.  
Sendo à parte criado, esse tesouro  
Seguira pelos paramos dos ares  
As cortes do céu; o rei do espaço  
A larga penetrara em ponto augusto;  
Nunca teria fim, tendo princípio.  
(Fenômenos reais, posto que estranhos!)  
Essa filha do céu, brilhara apenas  
Qual baça e fraca luz na essência humana.  
A razão, sendo assim mais forte o órgão,  
Penetraria as trevas da matéria,  
E esta sempre em seu manto envolveria  
A outra companheira, a alma imperfeita,  
— Parte grosseira do organismo nosso.

## **A tartaruga e os dois patos**

*Alfredo Alves (Trad.)*

Estava enfastiada a tartaruga



Da negra e estreita toca em que vivia;  
Por isso um belo dia,  
Apoderou-se dela  
O desejo profundo  
De abandonar a casa e correr mundo.  
A todos bem parece a terra estranha,  
E sempre foi notória a grande sanha  
Que o coxo tem à casa.  
A dois patos foi ela então dizer  
A viagem que tinha projetado.  
Solene, autorizado,  
O par lhe respondeu:  
"Tens aberto o caminho.  
E nós te levaremos  
A um sítio, que sabemos;  
Verás muito país e muitas gentes;

Repúblicas e reinos florescentes.  
Terás muito que ver  
E muito que aprender.  
Ulisses muito aproveitou com isso".  
Os dois eram espertos,  
E expeditos no ajuste do serviço.  
Que iam prestar à pobre tartaruga.  
Foram logo fazer de um pau nodoso  
Tirado de uma árvore,  
Um engenho famoso,  
A fim de transportar a viageira.  
Agarra-se cada um  
Valentemente a cada extremidade,  
E apresentando o meio à tartaruga,  
Disseram-lhe com grande autoridade:  
"Ferra aqui e não largues!"

A mísera assim fez,  
Sem de leve temer  
O que ia suceder  
E foram pelos ares...

"Milagre!" gritam todos os que vêem:  
Tartaruga voar é caso estranho.  
Decerto tem em si poder tamanho,  
Que não cabe no mundo!"

A tartaruga enfatuada e louca,  
Para responder vai abrir a boca  
Melhor fora calada,  
Pois logo num momento  
Caiu arreventada,  
Aos pés do povo atento.

Vaidade, presunção, muita palavra  
Reveladora de apoucado siso,  
Têm a mesma origem,  
Da mesma fonte brotam.



## Os peixes e o corvo marinho

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Criara um corvo marinho  
Rigorosa imposição  
A todo o tanque existente  
Junto à sua habitação;  
Viveiros, reservatórios,  
Tudo pagava pensão.

Provida e bem variada  
Tinha em geral a cozinha;  
Mas roubando-lhe a velhice  
O grande vigor que tinha,  
Foi indo a menos a pesca  
E houve, ao fim, mesa mesquinha.

Corvos marinhos costumam  
A si próprios fornecer;  
Não podendo este, por velho,  
No fundo das águas ver,  
E não tendo rede ou linha,  
Fome chegou a sofrer.

E, nesta grande abertura,  
O nosso corvo marinho  
Que fez? A necessidade,  
Que em ardis tem pergaminho,  
Sugeriu-lhe certo alvitre,  
Próprio de instinto daninho.

Vendo a certa carangueja  
Dum tanque à beira pousada,  
"Comadre, disse, vou dar-te  
Séria missão, delicada;  
Dize à gente desses tanques  
Que se ponha acautelada.

Em oito dias, sem falta,  
Ela toda morrerá;  
Na rede o dono do sítio;  
A todos vos colherá".  
Isso tudo a carangueja  
Diz aqui, diz acolá.

Ergue-se grande celeuma;  
Correm, fazem reuniões;  
Todos ao corvo marinho  
Enviam deputações:  
"Quem vos deu, senhor (perguntam)  
Tão tristes informações?

Donde veio tal notícia?  
A fé de quem no-las dais?



Tendes, acaso, certeza  
De tudo quanto afirmais?  
Que remédio havemos dar-lhe?  
O que nos aconselhais?"

#### CORVO MARINHO

"Não vos dê cuidado o meio;  
Eu do embaraço vos tiro;  
Um, pós outro, hei de levar-vos  
Ao meu seguro retiro;  
Só Deus conhece o caminho  
Do sítio a que vos transfiro.

O céu, a fim de salvar-vos,  
Essa mansão reservou;  
Foi a própria natureza,  
Que em tal viveiro escavou  
Asilo que à raça humana,  
Vil e traidora, ocultou."

Deram-lhe fé; um pós outro,  
Toda essa aquática gente,  
No bico do mestre corvo  
Foi levada em continente  
A cavada penedia,  
Que é mui raro alguém freqüente.

O corvo, apóstolo exímio,  
Colocou-a num lugar  
Transparente, raso, estreito,  
Onde a podia enxergar;  
E um, hoje, amanhã, segundo,  
Fisgava-os para o jantar.

Provou-lhes, à custa deles,  
Terem feito muito mal  
Pondo a sua confiança

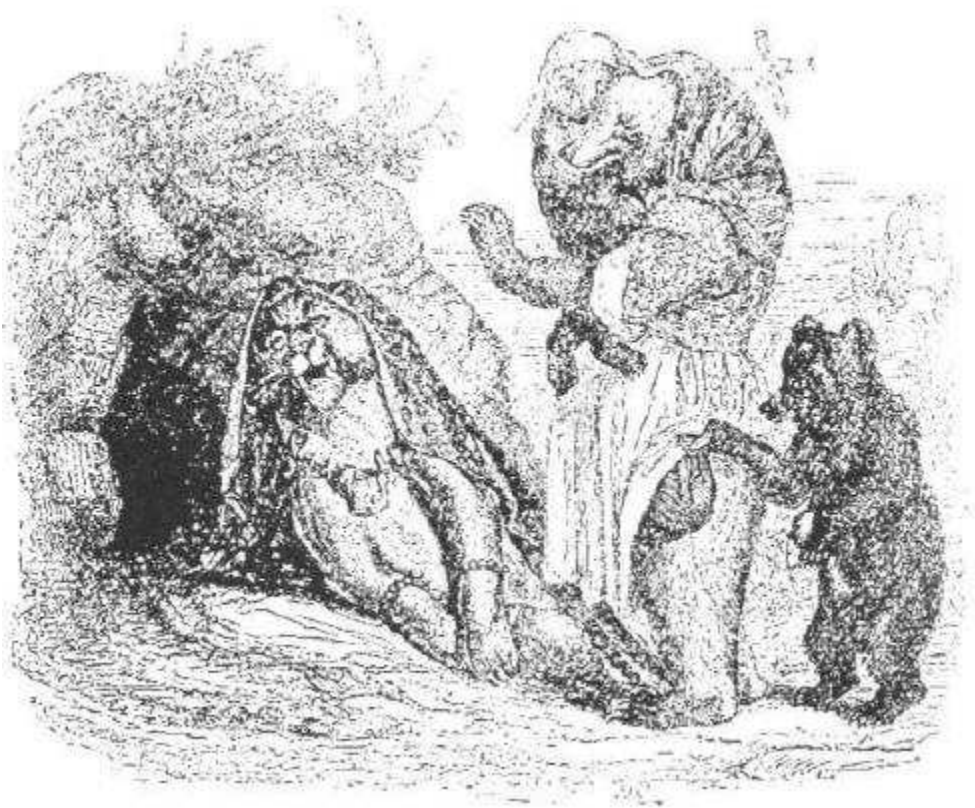
Em pássaro canibal.  
Se em mãos dos homens caíssem  
Sofriam matança igual.

Se haveis de ser devorados,  
Que importa o devorador?  
Homem, lobo, é sempre morte,  
Seja qual for o teor.  
Toda a pança a tal respeito  
Tem idêntico valor.

## **A leoa e a ursa**

*Raimundo Correia (Trad.)*

Caiu-lhe o filho na cilada,  
Que o mendaz caçador lhe veio ao bosque armar:  
E pelo bosque andava, irada,  
A mãe leoa a urrar — a urrar, a urrar, a urrar...  
E a noite toda e todo o dia  
Soltou berros cruéis, urros descomunais;  
E não só ela não dormia,  
Mas nem dormir deixava os outros animais.  
Tamanho e tal berreiro a fera  
Fazia, que fazia os bichos mais tremer;  
Até que veio a ursa (que era  
Comadre dela) em prol dos mais interceder.  
"Comadre, disse, os inocentes  
Que famulenta e crua, estrangulando vai  
A aguda serra de teus dentes.  
Não têm eles também, acaso, mãe nem pai?  
Têm. Entretanto, estes, pungidos,  
Loucos por um desastre ao teu desastre igual.  
Não vêm quebrar nossos ouvidos:  
Não nos quebres tu, pois, com algazarra tal!  
— Eu, sem meu filho! Ai! Que velhice



Sem ele arrastarei, com este fardo atroz!"  
Disse a leoa. E a ursa disse:  
"Do teu fado. porém, que culpa temos nós?!  
— É o destino que me odeia!..."  
E quem no mesmo caso o mesmo não dirá.  
Se dessa frase a boca cheia  
De todo o mundo (diz o La Fontaine) está?...

## **O mercador, o fidalgo, o pastor e o filho do rei**

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Pelas furentes vagas,  
Já quase nus — cuspidos,



Quatro pesquisadores  
De mundos não sabidos,

Um mercador, um nobre,  
Um príncipe, um zagal,  
Postos de Belizário  
Na condição fatal,

Andavam pela estrada  
Um óbolo a implorar,  
Para a miséria sua  
Um pouco aliviar.

À borda duma fonte  
Cansados se assentaram,  
E sobre o seu destino  
Conselho celebraram.

Da sorte má dos grandes  
O príncipe falou:  
Nosso pastor, no entanto.  
Prudente aconselhou

Que a idéia do passado  
Riscando cada um,  
Tratasse com desvelo  
Da provisão comum.

"Que vale a queixa? (disse)  
Não dá com que se coma;  
Trabalhe-se e teremos  
Com que chegar a Roma."

#### CRITIQUEIRO

"Pastor, que assim se exprime!"

#### AUTOR

"Donde esse espanto vem?  
Só testas coroadas  
Critério e engenho têm?"

Julgam que o céu limita  
O cérebro ao pastor,  
Equiparando nisto  
A ovelha ao guardador?"

Mal foi manifestada  
Aquela opinião,  
Teve dos companheiros  
Geral aprovação.

#### NEGOCIANTE

"Sou forte na ciência  
E prática numérica.  
A tanto por quinzena  
Darei lições na América."

— "Ensinarei política"

(O príncipe acudiu).  
— "Vou explicar heráldica"  
(O nobre concluiu).

Como se entrar pudesse  
Naquela gente inculta  
A frívola vaidade  
Dessa ciência estulta!

## O PASTOR

"— Perfeitamente, amigos!  
Falais qual o Messias;  
Mas é mister lembrar-vos  
Que o mês tem trinta dias.

É bela essa promessa,  
Que cada qual nos fez,  
Mas tão longínqua! Aturam  
Jejum durante um mês?

Quem de manhã jantarmos  
Nos dá certa esperança?  
Mesmo da ceia de hoje  
Quem é que dá fiança?

Antes do mais, tratemos  
Da essencial matéria;  
Supro-vos a ciência  
Nesta questão que é séria."

Mal disse estas palavras  
Ao bosque arremeteu;  
Cortou e vendeu lenha,  
Que algum dinheiro deu.

Nesse e nos outros dias  
Tiveram que comer;

Nenhum dos três receia  
A fome perecer.

Assim ficaram livres  
De, à mingua de sustento.  
Irem no reino escuro  
Provar o seu talento.

\* \* \*

Agora desta aventura  
Vou tirar a conseqüência;  
É que à vida nada importam  
Sobras d'arte e de ciência;

E, graças às faculdades  
Que a natureza nos dá,  
O nosso mais forte auxílio  
No braço e nas mãos está.



# LIVRO XI



## O leão

*José Inácio de Araújo (Trad.)*

Sultão Leopardo  
Foi dono de gados  
Que tinha espalhados  
Num vasto sertão;  
E em certas devesas  
Dali muito perto,



Com fama de esperto  
Nascera um leão.

Consulta o leopardo  
Raposo entendido:  
"Do bicho nascido  
Devemos temer? —  
Sossego e descanso  
Nos campos espero  
No dia em que o fero  
Papá lhe morrer".  
Responde o raposo  
Meneando a cabeça:  
"Bom é não esqueça  
Quem é tal senhor.

Pra sua amizade  
Prudente é que apele...  
Ou dar cabo dele,  
Que é isso o melhor".

O esperto raposo  
Não foi atendido,  
E o bicho, crescido,  
Mostrou a ralé.  
"E agora? — o leopardo  
Asnático exclama.  
— Chorá-lo na cama.  
Que parte quente é!"

Se o leão crescer deixas, já te digo  
Que andarás bem tomando-o por amigo.  
Inda um outro conceito aqui me ocorre:  
Quem o inimigo poupa, às mãos lhe morre.



## O leão, o macaco e os dois burros

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Desejando reger a seu povo  
Sabiamente e aprender a Moral,  
O leão chama ao paço o macaco,  
— Mestre em artes da gente animal.

Começou dom Simão deste modo:  
"Vou dizer-vos em frase concisa  
Quais os dotes que um bom soberano  
Demonstrar no governo precisa.

Anteponha o serviço do Estado,  
A um impulso fatal, que chamamos  
Amor-próprio; — ele é pai dos defeitos  
Que nos brutos, em regra, notamos.

Deste mau sentimento o triunfo  
Não é fácil num dia alcançar;  
É já muito o seu péssimo influxo  
Conseguirmos, ao fim, moderar.

Sendo assim, vossa augusta pessoa  
Viverá de baldões escoimada,  
E de injusto ridículo a pecha  
Não vos pode, meu rei, ser lançada."

"— Dai-me exemplos (acode o monarca)  
Dum e doutro defeito apontados."  
— "Sem demora (responde o macaco,  
Expressando-se em termos pausados):

Toda a espécie (e eu por mim princípio),  
Toda a classe, qualquer profissão,  
Tem-se em muito, e de néscios e ineptos  
Tacham sempre os que dela não são.

Coisas destas, iguais destemperos,  
Que não custam ceutil a ninguém.  
Vai a torto e a direito impingindo  
Em discursos que senso não têm.

Pelo avesso — o amor-próprio vos leva  
A exaltar os de ofícios iguais:  
Esse o meio seguro e mais fácil.  
Com que a própria pessoa elevais.

Argumento, portanto, e concludo  
Das verdades severas, que disse,  
Que os talentos no mundo não passam.

É sistema que muitos adotam,  
Meu senhor, de fazer-se valer,  
Mais na roda dos tabulas rasas,

Que entre a gente de tino e saber...

Não há muito que encontrei dois jumentos,  
Que o turíbulo, alternos, tomavam,  
E segundo o costume, a seu modo,  
Os louvores também alternavam.

"Não achais (diz um deles) que o homem  
— Esse nobre animal tão perfeito —  
Só de tolo e de injusto, em grau sumo,  
Entre os burros merece conceito?

Nosso nome sagrado profana;  
Pois de burro a pessoa apelida,  
Que é de ingênita esfera acanhada,  
Ou de luzes e tino despida.

Abusando de um termo, batiza  
Nosso riso e discurso de — zurros!  
São deveras gaiatos os homens  
Em quererem ser mais do que os burros!

Cumpre agora que o verbo soltemos  
E que os tais humanos oradores  
Vão metendo a viola no saco,  
Pois que são os reais zurradores.

Mas deixemos de parte essa gente:  
Vós me ouvis, eu vos ouço: é bastante:  
Ouço em êxtase o tom que transmite  
Vosso harmônico e doce descante.

De aprendiz Filomela não passa  
Junto a vós, o cantor primoroso!  
Na doçura do canto, no acorde,  
Não vos chega o tenor mais famoso."

Diz o outro: "Na vossa pessoa

Eu venero, senhor, iguais dotes."  
E vão juntos, não fartos de incensos,  
Nas cidades louvar-se os dois zotes.

Cada qual desses parvos julgava  
Que os parceiros de encômios enchendo,  
Para si colheria importância,  
Indo em crédito a classe crescendo.

Não só entre jumentos  
Vejo essa balda em moda;  
Mas, em geral, seguida,  
Por gente d'alta roda;

Podendo, tentariam  
Por vã preeminência,  
Trocar em — Majestade  
A simples Excelência.

Mas eu já sou prolixo;  
Demais talvez falei;  
A vós, senhor, submisso,  
Segredo rogarei.

Quisestes do amor próprio  
Ver a fiel pintura,  
Ridícula tornando  
A pobre criatura.

Quando houver tempo e ensejo;  
Pois desenhado o tédio  
Em vosso rosto vejo."

\* \* \*

Aqui pôs fecho o mono  
Ao engraçado conto;  
Não sei se deu exemplo

Do outro escabroso ponto.

De certo — mestre em artes,  
Fino, sutil de marca, —  
Temeu ferir melindres  
De seu feroz monarca.

## **O lobo e o raposo**

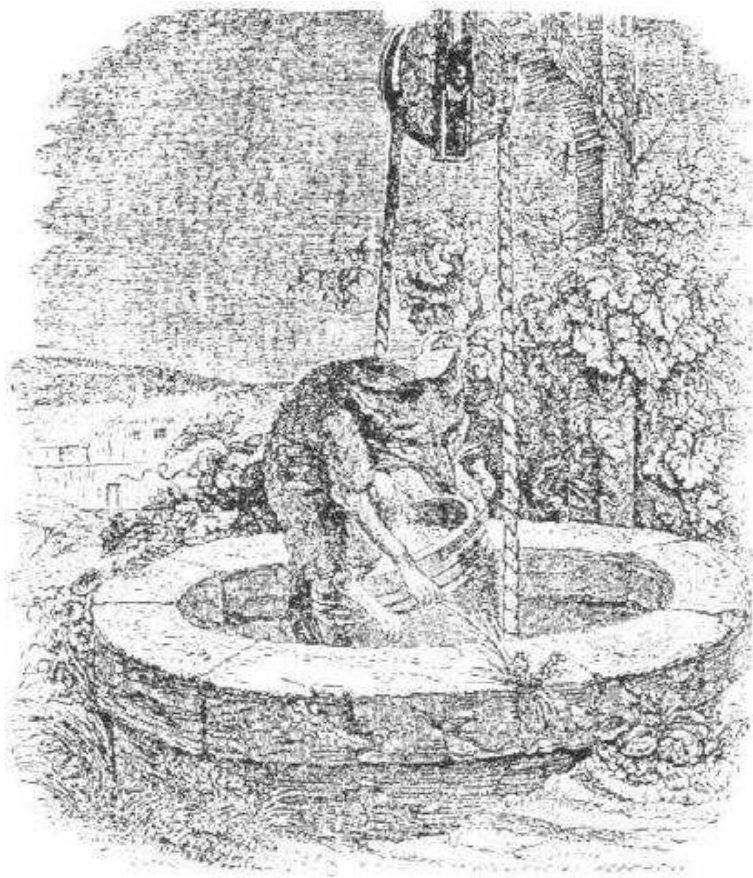
*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Por que motivo Esopo,  
Se fala do raposo,  
Sempre lhe dá patente  
De esperto e audacioso,  
E mais que os outros bichos,  
Fino, sagaz, manhoso?

O lobo se lhe cumpre  
Os dias seus salvar,  
Ou se é forçoso a vida  
Aos outros arrancar,  
Não sabe, como aquele,  
Ou mais, peças pregar?

Creio que é mais perito  
Que o bicho espertalhão;  
Mas não contesto o mestre  
Sem dar forte razão:  
Até no seguinte fato  
Lhe abono a opinião.

O morador das tocas  
Em certa noite, via  
A lua, que dum poço



Nas águas refletia;  
A orbicular imagem  
Um queijo parecia.

Dois baldes, que alternavam  
Do braço ao movimento,  
Traziam para a borda  
O líquido elemento.  
Caindo de fraqueza  
A mímica de alimento,

E por canina fome  
Nosso raposo urgido,  
Ajeita-se no balde,  
Em cima suspenso,  
Alçando o peso ao outro  
Nas águas imergido.

Embaixo vê ser falsa  
A imagem, que o iludiu.  
Lamenta, arrependido,  
O erro em que caiu,  
E já com a morte nos braços,  
Seu fim — próximo viu.

Sair dali só pode,  
Se algum outro esfaimado,  
Fitando aquela imagem,  
E dela namorado,  
Descer, içando o balde,  
Com ele mergulhado.

Do poço por dois dias  
Ninguém se avizinhará.  
Então, qual de costume,  
O tempo, que não pára,  
Do astro de argêntea face  
A esfera cerceará.

O mísero raposo  
Desesperado jaz.  
Eis o compadre lobo  
Por lá seu giro faz,  
E felizmente a goela  
Bem sequiosa traz.

Diz-lhe o sagaz raposo:  
"Bom dia, camarada;  
Vou dar-vos iguaria  
Gostosa e delicada.  
Não vedes esta roda?  
Vai ser por vós provada.

E queijo primoroso;  
Posso dizer — comi-o;



Deus Fauno o fez do leite.  
Mugido à vaca Io:  
Provando-o, Jove enfermo  
Ficara sem fastio.

Saboreei apenas  
Uma fatia; vede —  
Fica-vos muito e logo  
Podeis matar a sede.  
Descei naquele balde  
Que ali vos pus adrede".

No mal forjado embuste  
O parvo lobo creu.  
Desce; com o peso o balde  
Do fundo suspendeu,  
Trazendo acima o traste,  
Que logo às gâmbias deu.

Não nos riamos do lobo;  
Pois sucede a muita gente  
Cair, por iguais motivos,  
Em cilada equivalente.  
No que se teme ou deseja  
Se acredita facilmente.

## **O velho e os três mancebos**

*Filinto Elísio (Trad.)*

Plantava certo velho de oitenta anos.

"Plantar!" — diziam certos mancebinhos  
Vizinhos e bairristas.

"Plantar!... Edificar tinha seu passe.  
Por certo caducais. Ora, vos peço



Pelos numes do Olimpo,  
Menos que envelheçais como Matusala,  
Que vai carregar a vida  
Com o empenho de um porvir que há de escapar-vos?  
Doravante cuidai nas vossas culpas;  
Deixai esperanças longas,  
Vasto assunto, que a nós convém somente.

— Tampouco a vós: que quanto estabelecemos,  
Vem tarde, e pouco dura.  
Zomba igualmente a mão das fuscas Parcas  
Dos meus, dos vossos dias. Na certeza  
Vão iguais nossos termos.  
E qual de nós, da abóbada estelífera,  
Verá último a luz? Há aí momento,  
Que nos dê por seguro  
Um segundo de vida? Os meus bisnetos  
Dever-me-ão esta sombra. E bem? ao sábio  
Tolhereis vós desvelos,

Que aos outros dêem prazer? Fruto é, que eu logro  
Já desde hoje e amanhã, e inda outros dias

Talvez que ainda o goze,  
E que inda, sobre as vossas campas, possa  
Algumas vezes vir saudar a aurora."

Razão o velho tinha:

Que um dos três moços se afogou no porto,  
Partindo para a América; o segundo,

Armando aos grandes postos,  
Servindo o Estado, em marciais empregos,  
Golpe imprevisto lhe cortou o estame

Dos dias seus; e o último,  
Caiu do tronco, em que enxertava um garfo.  
Chorando, o velho lhes gravou nas campas  
O que eu aqui vos conto.

## O ratinho e a coruja

*Filinto Elísio (Trad.)*

Nunca digas à gente:

— *Ouvi um dito bom, gracioso ou guapo.*

Sabes tu, se os ouvintes  
Farão apreço igual, que deles fazes?

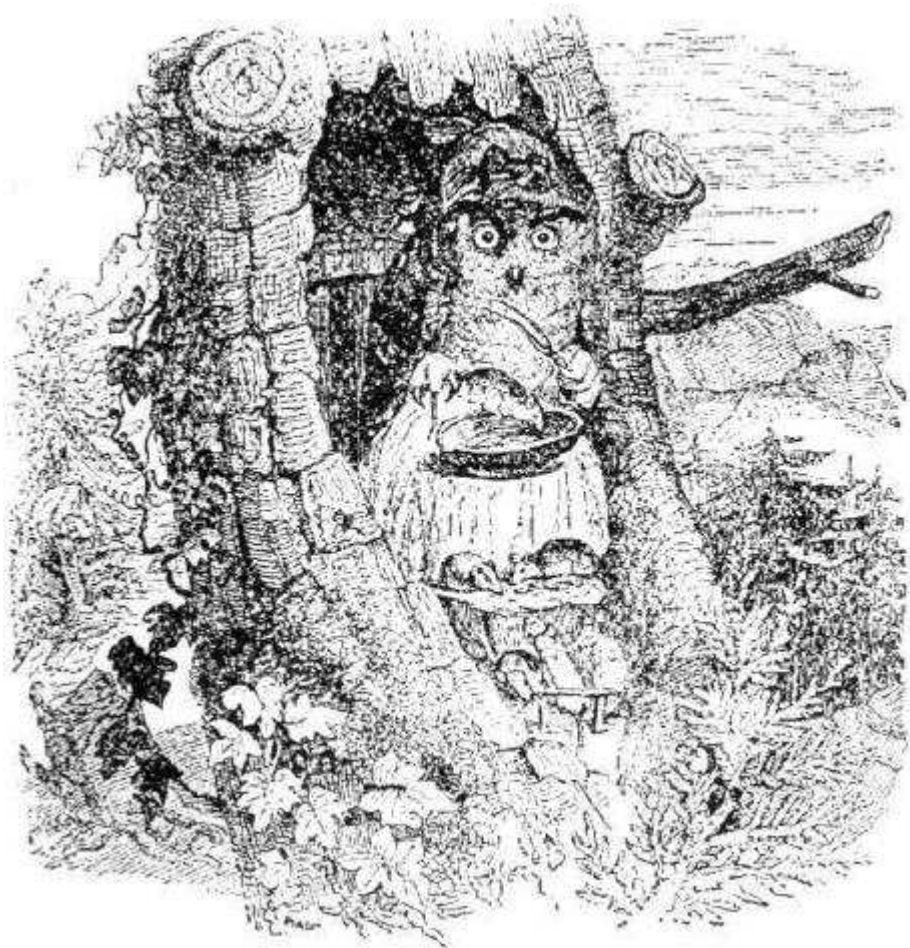
Este, que ora vos conto,  
Lá merece atenção. Dou-o por prodígio,  
E bem que verdadeiro,

Nos ares, nas feições parece fábula.

Por velho ao chão derribam  
(Que para intérprete Átropos tomara).

Em seu cavado tronco,  
Que carcomera o tempo, aposentavam-se  
(Entre outros inquilinos)

Muitos ratos sem pés, quais bolas, gordos;



Que os sustentava o pássaro  
Dentre medas de trigo. O tal rebanho  
Tinha-o ele aleijado  
Co bico: Confesso, que era bom lógico.  
Em seu tempo o tunante  
Andara à caça; e como lhe escapassem  
Os que caçou primeiro,  
Por não cair na mesma, estropiava  
Quantos depois colhia.  
Desfalcados dos pés, ia a seu cômodo,  
Hoje um, amanhã outro.  
Trincando neles; sendo-lhe impossível  
Todos tragar dum golpe.  
Juntai-lhe inda cautelas de saúde  
Iguais às que alguns temos:

Juntai, que era o bargante tão ladino.  
Que, para alimentá-los.  
Saía o corso a lhes buscar vivenda.  
Teime o cartesiano  
Em tratar como máquina, ou relógio  
O mocho; qual é a mola.  
Que a aleijar lhe ensinou o povo, que muda. —  
Ou há aqui raciocínio,  
Ou em raciocínio não me entendo. —  
Olhai, que de argumentos!  
*Fogem-me após que os colho; pois comamo-los. —*  
*— Todos?... É impossível. —*  
*— Vale mais guardá-los, para atalhar fomes —*  
*Em resguardo os tenhamos.*  
*— Como? — Corto-lhe os pés. —* Quem há que me ache  
Homem, que mais ajeito  
Um argumento enfie? Os Aristóteles,  
Bofe! E os meus sequazes  
Outra arte de pensar nos ensinaram.

## Epílogo

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Assim minha musa à beira  
De uma linfa cristalina  
Ia as falas traduzindo  
(N'alta linguagem divina)  
Dos seres que à natureza  
Pedem a voz peregrina.

Sendo intérprete espontâneo  
De tanto povo diverso,  
Fiz com que todos entrassem  
Como atores em meu verso;  
Pois tudo tem língua própria,

Tudo fala no universo.

Bem que entre si mais facundos,  
Do que aqui pintados vão,  
Se nesses versos não virem  
Uma fiel descrição,  
Se acharem que minhas obras  
Tipo e modelo não são;

Fica-me o mérito ao menos  
De ter aberto esta estrada;  
Poderão outros levá-la  
À perfeição desejada.  
Findai, diletos das Musas,  
A empresa assim começada.

Dai as lições e os exemplos  
Que eu, sem dúvida, omiti;  
Pois nos véus da alegoria  
Quase sempre os envolvi.  
Muito amanhã inda vos resta  
Nas terras, que descobri.

Durante o suave emprego  
De minha Musa inocente,  
Luís a Europa conquista,  
E sua destra potente  
Os mais excelsos projetos  
Leva a fim conveniente.

Tão altos, sublimes planos  
Nunca teve outro monarca;  
Só ele, filho das Musas,  
Com tais tentativas arca!  
— Eis assuntos vencedores  
Do Templo e da fera Parca!



## Ao senhor Duque de Borgonha

**N**ão poderia colocar as minhas fábulas sob proteção mais gloriosa do que a vossa. O gosto requintado e o sólido critério que deixais transparecer em tudo quanto fazeis, em uma idade em que os outros príncipes apenas se impressionam com as exterioridades brilhantes que os rodeiam; tudo isso, acrescido ao dever de obedecer-vos e ao desejo de agradar-vos, me obriga a apresentar-vos um trabalho cujo original constituiu motivo de admiração para todos os séculos, tanto quanto para todos os sábios. Ordenastes-me continuar, mesmo; e, se me permitirdes confessar, direi que vos devo alguns temas, nos quais semeastes belezas por todos admiradas. Não há mais necessidade de consultarmos Apolo ou as Musas, nem qualquer das divindades do Parnaso; todas elas estão presentes nos dons que a natureza vos concedeu e na faculdade de bem julgar as obras do espírito, ao qual juntais o conhecimento das regras indispensáveis. As fábulas de Esopo constituem bom material para tais dons: contêm todos os tipos de situações e de caracteres. Na verdade, essas fantasias modelam histórias que a ninguém lisonjeiam. Os temas estão longe de carecer de importância: na minha obra, os animais são os preceptores dos homens. Não me alongarei mais sobre o assunto: melhor do que eu conheceis o proveito

que dele se pode tirar. Se agora entendeis bastante de oradores e de poetas, algum dia ainda mais entenderéis de bons políticos e de generais; e tão pouco vos enganareis na escolha das pessoas como quanto ao mérito das ações. A minha idade não permitirá que eu figure como testemunha do que afirmo. Necessário é, pois, contentar-me em trabalhar sob as vossas ordens. A vontade de agradar-vos substituirá uma imaginação enfraquecida pelos anos: quando desejardes alguma fábula, será para ela que apelarei. Gostaria que no meu trabalho pudésseis encontrar louvores dignos do monarca que ora dirige os destinos de tantos povos e de tantas nações, fazendo as atenções do mundo inteiro se voltarem para as suas conquistas, para as suas vitórias e para a paz que parece aproximar-se, e cujas condições sabe impor com a moderação a que nossos inimigos podem aspirar. Imagino-o como um conquistador que deseja pôr limites à sua glória e ao seu poder, e de quem poderão dizer, com mais propriedade do que a respeito de Alexandre, que vai governar os estados do universo, obrigando os ministros de tantos soberanos a reunirem-se para pôr fim a uma guerra que só pode ser prejudicial aos seus senhores. São esses, porém, assuntos mais altos do que nossas palavras: entrego-os a penas mais hábeis do que a minha; e sou com profundo respeito.

Monsenhor, vosso muito humilde, muito obediente e fiel  
servidor,

De La Fontaine.





## LIVRO XII



### **Os companheiros de Ulisses**

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Príncipe, vós que sois dileto amor dos numes,  
Deixai que em vosso altar vos queime estes perfumes:  
Se tardios vos sagro os sons de minha Musa,

A idade e o muito afã me servirão de escusa.  
Em mim, com rapidez, o engenho já declina,  
Enquanto em vós, Senhor, se aumenta e se ilumina;  
Não anda; a correr vai; parece até que voa.  
Nas lides marciais destarte a fama soa  
Do herói que vos legou tão altos predicados.  
Por seu querer não foi que, a passos apressados,  
Curvando ao mando seu a deusa da Vitória,  
Deixou de entrar ovante o pórtico da Glória.  
Sustou-lhe o impulso um deus: — O rei conquistador,  
Que num mês se tornou do Reno o vencedor.  
Hoje talvez alguém chamasse temerária  
Velocidade tal, que então foi necessária.  
Mas... faço ponto aqui; que os Risos e os Amores  
Se desprazem de ouvir perluxos oradores;  
Pois nunca para o céu de vosso lado tornam  
Esses deuses gentis que a corte vos adornam.  
Sem que dela o Bom Senso e a Sã Razão se excluam.  
Que em tudo o que fazeis a presidir atuam.

Aos dois numes ouvi sobre um fato,  
Em que os Gregos, demais levianos,  
A prestígios cederam que em brutos  
Transformavam os entes humanos.

Os fiéis companheiros de Ulisses,  
Que há dez anos em sustos viviam,  
Ao capricho dos ventos errando,  
Sem saber que destino teriam,

Certo dia chegaram às plagas,  
Onde a filha do nume da luz,  
— Circe — então reunia na corte  
Tudo quanto fascina e seduz.

Deu-lhes Circe licor saboroso,  
Que, ao princípio, lhes tira a razão;  
Logo após, o seu corpo e semblante

De animais tomam vulto e expressão.

Ei-los — ursos, leões, elefantes;  
Uns se medem por grande craveira;  
Há meãos, há de marca pequena,  
Por exemplo: A mesquinha toupeira.

Mas o filho do grande Laertes  
Do enganoso licor suspeitou;  
E aplicando as lições da prudência.  
Desse laço traidor escapou.

Com seu garbo de herói, nobre gesto,  
Sedução da meliflua palavra,  
Infundiu na princesa um veneno.  
Mais sutil, que nas veias lhe lavra.

Uma deusa diz tudo o que sente.  
Circe presa do herói se confessa:  
E em tirar desse amor bom proveito  
O ladino do Ulisses se apressa.

Conseguiu que seus Gregos pudessem  
À roubada figura voltar;  
"Mas supondes (pergunta-lhe a deusa)  
Que hoje queiram a troca aceitar?"

Será bom perguntar a esses bichos  
Se desejam ser homens de novo".  
Vai Ulisses, sem perda de tempo,  
Arengar deste modo a seu povo:

"A taça empeçonhada  
Remédio encerra em si;  
E a vossa cura, ó sócios,  
Eu vo-la trago aqui.

Quereis, meus bons amigos,

Voltar à espécie antiga?  
Falai, e o seu desejo  
Cada um bem claro diga".

Responde o rei das selvas,  
Supondo que rugia,  
"Perder garras e jubas!  
Tão tolo eu não seria!

Posso com estas presas  
A postas reduzir  
A quantos temerários  
Me ousarem agredir.

Rei sou; — voltando a homem,  
Volto a soldado raso:  
Depois de rei, vassalo?  
Posso querê-lo acaso?"

Ulisses, surpreso, dirige-se ao urso:  
"Irmão, que mudança! Que horrível estás!  
Tens pêlos hirsutos, aspecto medonho,  
E, entanto, já foste galante rapaz!"

Resmunga-lhe o bruto: "Não vês que sou urso?!  
Eu tenho o feitio, que Deus dar-me quis.  
Que acha dos homens mais bela a figura?  
Quem é que da nossa se arvora em juiz?"

Gentil ursazita, meu novo derricho,  
Não diz que eu sou feio; prefere-me assim.  
Oh! Deixa-me; vai-te; prossegue o teu rumo,  
Se — sob esta forma — não gostas de mim.

Eu vivo contente, feliz, sossegado,  
Isento de penas, gozando de tudo;  
Por isso respondo, bem firme e bem claro  
Rejeito a proposta; de estado não mudo".

Confuso o príncipe grego,  
Vai propor ao lobo a troca,  
E os brios do antigo sócio  
Com estas frases provoca:

"Estou pasmo, ó camarada,  
Porque aos ecos pregoeiros  
Conta uma linda pastora  
Que lhe comeste os carneiros!

Quem diria! Tu, que outrora  
O rebanho lhe salvaras:  
Tu que foste exemplo e tipo  
De qualidades tão raras!

Abandona essas florestas:  
Volta aos teus; comigo vem!  
Despe essa pele hedionda;  
Volve a ser homem de bem!"

## LOBO

"Homens de bem! Onde param?  
Cá por mim nenhum conheço.  
Mas tu que de carniceiro  
Me tratas, por menosprezo,

Deixarias, no meu caso,  
De comer as ovelhinhas?  
Se eu homem fosse, as poupara,  
Menos, que as feras daninhas?

Por uma palavra, às vezes,  
Não vos matais mutuamente?  
Fazendo o papel de lobos,  
Perdendo os foros de gente?

Eu penso, por fim de contas,  
Que, perverso por perverso,  
Melhor é lobo que gente.  
Não quero estado diverso".

A igual proposta,  
Que o rei formula,  
Responde acorde  
Toda a matula.

Tornar-se em homens  
Quem diz? Não querem;  
Ser sempre feras  
Todos preferem.

Matar a fome,  
Seguir o instinto,  
Vagar das selvas  
No labirinto; —

Eis as delícias  
Da estulta grei,  
Surda a incentivos,  
Rebelde à lei.

Julgam ser livres  
Nas solidões,  
Cevando, à solta,  
Brutais paixões.

Assim pensando,  
(Miseros bichos!)  
Vivem escravos  
De seus caprichos.

Eu quisera, meu príncipe, ofertar-vos  
Interessante assunto,  
Que do agradável, aliado ao útil,

Fosse o vivo transunto.

Belíssimo projeto, se não fosse  
Difícil o escolher!  
Veio a história de Ulisses e seus sócios  
O tema oferecer.

Por esse mundo além, decerto, há gente,  
Que imite a que pintei;  
Senhor, vosso desprezo, ódio e censura  
Por pena lhe imporei.



## **O veado enfermo**

*Filinto de Almeida (Trad.)*

Em um país só dos seus, caiu doente um veado.  
*Incontinenti* acha a seu lado  
Camaradas que o vão visitar, socorrer,  
Ao menos consolar: uma corja maçante.

"Senhores, deixem-me morrer:  
Deixem que a Parca neste instante  
Me despache ao seu uso; e terminem as dores  
E o pranto."

Os seus consoladores  
Tardando esse dever cumpriram, e só quando  
Deus quis se foram retirando,  
Não sem beber um belo trago,  
Assim como quem cobra imposto de visita.  
Sofreram do veado os campos grande estrago  
E os tosou a valer a cambada maldita.

Nada a dizer o doente achou:  
De um mal num mal pior tombou,  
E foi forçado — ó dor sem nome! —  
A jejuar, morrer de fome!

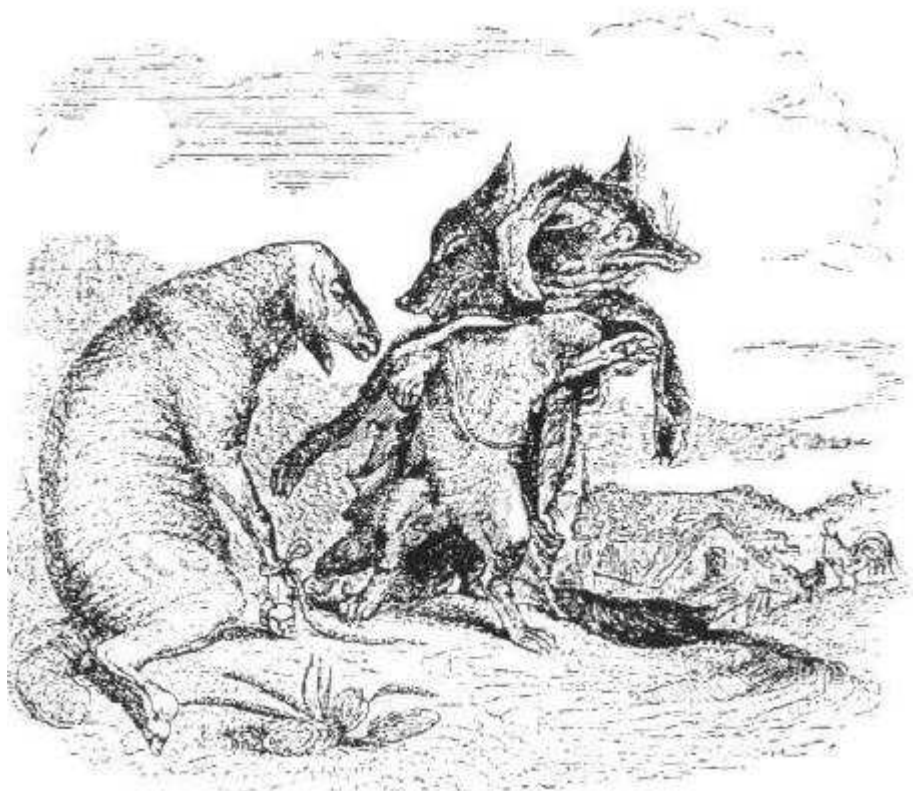
Do corpo, ó médicos, e da alma!  
Quem vos reclama perde a calma.  
Bem alto eu grito, e não me iludo:  
Interesse! És quem dá leis a tudo!

## **O lobo e o raposo**

*Barão de Paranapiacaba (Trad.)*

Donde procede que ninguém no mundo  
Contente aceite a sorte que lhe coube?  
Tem este aspiração de ser soldado;  
Mas o soldado a condição lhe inveja.  
Certo raposo quis fazer-se lobo  
(Refere a tradição). Mas quem sustenta  
Que nenhum lobo suspirado tenha  
Pelo doce mister de mansa ovelha?





Assombra-me, porém, que um tenro infante,  
Que inda vê longe à puerícia o termo,  
Tenha este assunto em fábula tecido,  
Enquanto, à força de cuidado e tempo,  
Curvando ao peso dos cabelos brancos,  
Vou fabricando, devagar meus versos,  
Menos sensatos que a fluente prosa  
Do infantil escritor. Os vários lances,  
Pelo entrecho da fábula espalhados,  
Não nos consegue repetir a Musa,  
Nem com tanta expressão, nem no conjunto.  
Isto resume seu completo encômio.  
Decantá-los na lira é meu talento.  
Mas tenho fé que em próximo futuro  
Há de o jovem herói forçar-me a destra  
Para empunhar a tuba altissonante.  
Nunca fui (creio-o bem) grande profeta;  
Leio, porém, na constelada esfera,

Que deste infante os gloriosos feitos  
Hão de, em breve, exigir muitos Homeros.  
Mas os tempos de agora os não produzem.  
A margem vou deixar tão alto arcano,  
E o lindo conto trasladar agora,  
De forma que interesse aos meus leitores.

O raposo disse ao lobo:  
"Muita vez para sustento  
Tenho um galo, velho e duro,  
Ou frango pífió e gosmento.

Ando aborrecido, enjoado  
De tão ingrato *petisco*;  
Tu tens melhor passadio  
E correndo menos risco.

Eu me aproximo das casas;  
Tu ficas de longe, a olhar;  
Por favor — ao caro amigo  
Vem teu ofício ensinar.

Quero ser, por teus conselhos,  
De minha raça o primeiro  
Que na ponta da fateixa  
Enfie um gordo carneiro.

Nunca no rol dos ingratos  
Hás de meu nome incluir".  
Responde o lobo: "Amiguinho,  
Espera; vou te servir.

Um dos meus irmãos é morto;  
Seu corpo aqui perto jaz;  
Vamos a pele tirar-lhe  
E dela te servirás."

Feita a coisa, torna o lobo:

"Vou dizer-te o modo usado  
Para teres os rafeiros  
Sempre distantes do gado".

O raposo que, mui ancho,  
Do lobo a pele vestia,  
As lições que o mestre dava,  
Ponto a ponto repetia.

A princípio o novo ofício  
Muito mal desempenhou,  
Foi melhorando mais tarde,  
E quase pronto ficou.

Apenas desemburrado,  
Contra um rebanho se atira.  
Tanto fez o novo lobo,  
Que em tomo pavor inspira.

Pátroclo, vestindo as armas  
De Aquiles conquistador,  
No povoado e no campo  
Assim espalhou terror.

E viram-se mães e noras  
E anciãos, tudo em tropel,  
Refugiar-se nos templos,  
Fugindo do herói cruel.

A numerosa manada  
Do manso povo balante  
Julgou ver cinqüenta lobos  
Naquele beligerante.

Rafeiro, pastor e gado,  
Tudo foge para a aldeia:  
Fica uma ovelha somente,  
E o ladravaz logo a preá.

Ouvindo, porém, um galo  
Cantar na granja vizinha,  
O lobo principiante  
Para o cantor se encaminha;

Deixando a talar do ofício,  
Esquece ovelhas, regente  
E lições; corre ao terreiro,  
Pressuroso e diligente.

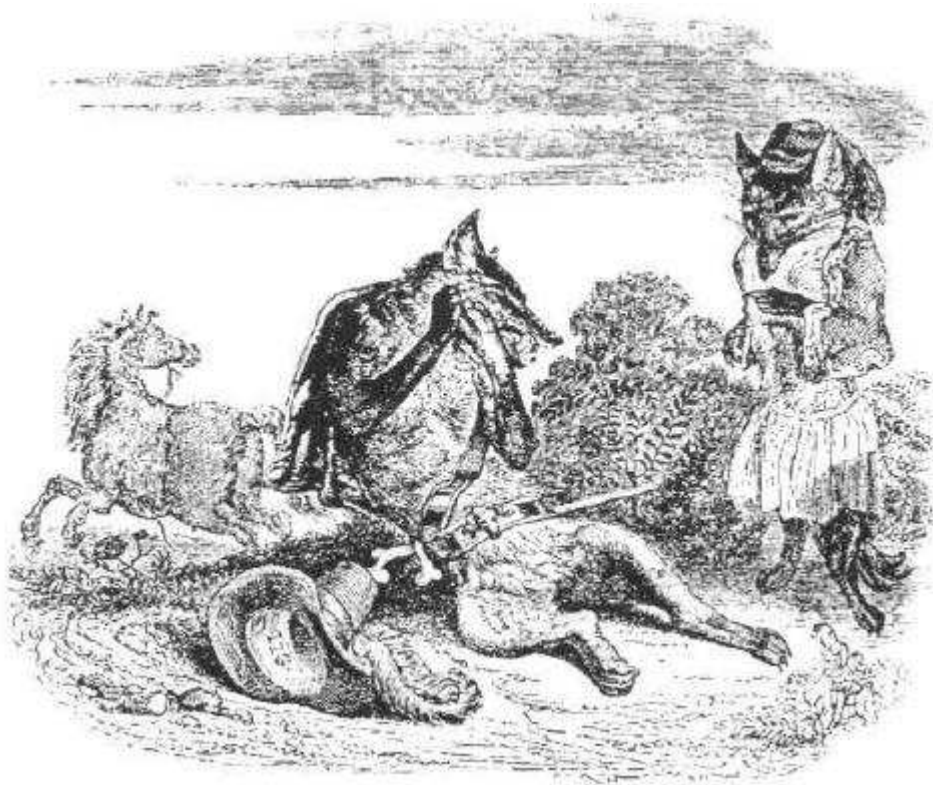
De que servem tais disfarces?  
Mudar assim é ilusão;  
Voltamos ao velho estado  
Na primeira ocasião.

Isto, ó príncipe, inspirou-me  
Vosso engenho sem igual;  
Fornecestes-me a matéria  
O diálogo, a moral.

## **A raposa, o lobo e o cavalo**

*Couto Guerreiro (Trad.)*

O lobo e a raposa se ajustaram  
Em caçarem de meias; e assentaram  
Em que haviam partir com igualdade,  
Levando cada qual sua metade;  
Indo com este intento, descobriam  
Um formoso cavalo, e pretendiam  
Acometê-lo a peito descoberto;  
Mas, indo-se chegando para perto,  
A raposa temendo algum perigo,  
Disse que era possante o inimigo;  
Assim, que lhe não dessem logo caça,



Que seria melhor vencer por traça.

Para o gênio tentar da boa presa,  
A raposa, que tem mais esperteza,  
Chegando-se com muita cortesia,  
Lhe disse: "Rogo a Vossa Senhoria  
Se digne de dizer a esta criada  
Seu nome, e se, a qual família honrada  
Produziu tão magnífica pessoa,  
Que dá grandes indícios de ser boa:  
Na postura, no modo respeitoso.  
Se conhece um sujeito generoso".

O cavalo, que tinha seu talento,  
Logo lhe cheirou mal o cumprimento,  
E cuidou na cautela, respondendo:  
"De mim mesmo me estou aborrecendo,  
Por ver em ti tal graça e tal polícia,  
E não te poder dar ampla notícia:  
Só te digo que em anos inocentes  
Perdi o pai, e a mãe, e mais parentes;

Por isso ignoro a raça de onde venho,  
E nem te sei dizer que nome tenho.  
Contudo, esse bom modo que em ti invejo  
Me obriga a saciar o leu desejo  
Do modo que é possível: Tenho escrito  
Neste pé, quanto já tivera dito  
Se o soubesse dizer: podes chegar-te  
E ler, que este é o meio de informar-te;  
Porque nesta criatura acharás juntas  
As respostas de todas as perguntas.  
— Eu, lhe disse a raposa tão manhosa,  
Em pequena fui muito preguiçosa:  
Mandou-me a mãe à mestra, e deu bom preço,  
Mas contudo nem letras já conheço:  
Assim, cá mandarei meu companheiro  
A ver se pode ler esse letreiro".

Despediu-se e contou ao lobo tudo,  
Afirmando-lhe em ar muito sisudo,  
Que lhe havia guardar fidelidade  
Em toda e em qualquer calamidade,  
E não o abandonar, inda metida  
Em risco de perder a mesma vida.

O lobo, imaginando que campava  
Por esperto, atrevido se chegava,  
E dizia em um tom muito arrogante:  
"Dize-me já quem és no mesmo instante,  
Quem foi teu pai, e mãe, e de que gente  
(Que seria gentalha!) és descendente.  
— Podes, foi a resposta do cavalo.  
Em lendo neste pé, onde essa história  
Meu pai fez escrever para memória".  
— "Vejamos!" disse o lobo, — e foi chegando.

O cavalo, que estava sempre olhando  
Quando o acharia ajeito, apenas acha,  
Dois coices à cabeça lhe despacha:  
Sem sentidos caiu logo o letrado;  
E entretanto ele pôs-se a bom recado.

Apenas a raposa o viu de largo,

Veio ao lobo, que estava inda em letargo;  
Começou a abaná-lo, e quando abria  
Já metade dos olhos, lhe dizia:

"Eis aí o proveito que tiraste  
Do muito que tens lido, e que estudaste:  
Na verdade que estou bem consolada  
De nunca me meter a ser letrada:  
É provável que tendo eu aprendido,  
O mesmo me tivera sucedido:  
E desta ocasião juro e protesto  
Que me fica este exemplo por aresto.  
Se tivera cem filhos, e tivera  
De cada qual cem netos, eu lhes dera  
De conselho, que a ler não aprendessem  
Com temor de que nisso se perdessem:  
Esta gente que é muito presunçosa  
De sábia, de discreta e estudiosa,  
Em falar lá tem seu desembaraço,  
Mas daí por diante não dá passo".

Assim falava, e vendo já mover-se  
O lobo, trabalhando por erguer-se,  
Como pôde, o ajudou a levantar-se.  
Mal podia nas pernas sustentar-se;  
E quando entrou em fala, pesaroso  
Dizia: "Infeliz sou e desditoso;  
Por sábio estive quase agonizante,  
E tu ficaste bem por ignorante".  
Daqui toma a raposa outro motivo  
De mostrar que o saber é ofensivo:  
Marcharam, ela muito satisfeita  
Por haver escapado da desfeita;  
E o lobo, inda atontado, mal podia  
Atinar com a moita, onde assistia.



## A liga dos ratos

*Abel Botelho (Trad.)*

Era uma vez  
Uma ratinha que andava  
    Com medo de um gato maltês,  
Que há tempos a espreitava.  
    Que fazer?...

Sábia e cauta, neste apuro,  
Com o vizinho foi ter,  
    Um arganaz já maduro,  
Um mestre, um fanfarrão, que tinha conseguido  
    Instalar sua ratona senhoria  
Em suculenta copa, em farta hospedaria;  
    E, presumido.  
Afirmava por bravata  
    Constantemente



Não temer gato, nem gata,  
Nem unhadura, nem arranhão, nem dente.

"Em boa fé  
Diz-lhe ele, por mais que eu faça,  
Dona rata, só, bem vê,  
Não posso ao gato dar caça.  
Se, porém,  
Os ratos da redondeza  
Nos reunirmos todos, hem!  
Oh! Então com certeza  
Ou o seu inimigo às nossas unhas morre,  
Ou prego-lhe partida assinalada."  
Fez-lhe a rata uma vénia humilde, demorada;  
E o rato corre  
Breve, rápido à despensa,  
Onde, amontoados,  
Do dono da casa e expensas,  
Muitos ratos se enchiam regalados.

O fanfarrão  
Chegou açodado, tonto,  
Esbaforido o pulmão,  
E as pulsações sem conto.

Que tens tu?  
Perguntou-lhe um rato; fala.  
E me traz aqui assim esborafado  
Urge acudir à rata; é de justiça.  
O Bicharro maltês faz medonha carniça  
Por toda a parte.

É o Belzebu dos gatos.  
Se as ratas faltam  
Virá cevar-se nos ratos.  
— É certo. Às armas! Sus! Clamam... e saltam.

Diz que correu  
De algumas ratas o pranto.

Embora! Nada empeceu  
Aquele projeto santo.  
De tropel  
Cada um logo se apresta;  
Cada um mete no farnel  
Um naco de queijo: e em festa,  
Destemido, cada um, lá marcha intemerato,  
Pronto a arriscar-se a tudo, aventureiro,  
O espírito flamante, o coração gaiteiro.

No entanto o gato,  
Mais fino do que eles todos,  
Arma a cilada.  
E, ao chegarem, pelos modos,  
Já tinha a pobre rata abocanhada.

A legião  
Vai com passo revoluto  
Dar à amiga a salvação.  
Mas o gato, que é astuto,  
Sem largar  
O que destina à barriga,  
Rosna, e marcha a defrontar  
Com a caterva inimiga.

A isto, a horda teme o fim da empresa louca.  
Safam-se com prudência e boa sorte.  
Sem levarem mais longe os projetos de morte.  
Para a sua toca.  
Debandando, cada rato  
Enfia breve:  
E cuidado com o gato!  
Se a sair, por acaso, algum se atreve.



## Jean de La Fontaine



### Cronologia

**1621** — *8 de julho* — Batismo de Jean de La Fontaine em Château-Thierry, na igreja de São Crispim-fora-de-portas (habitualmente, os batizados faziam-se, nessa época, no dia do nascimento ou no seguinte). Seu Pai, Charles, era chefe dos Serviços de Águas e Florestas e capitão-de-caçadores: havia desposado, em 1617, uma viúva de boa família "poitevina". Françoise Pidoux. Jean foi seu primeiro filho, tendo nascido Claude em 1623. — Segundo uma tradição local. La Fontaine teria feito seus primeiros estudos no colégio de Château-Thierry, então muito afamado.

**Cerca de 1633** — Crê-se que aos quatorze anos partiu para Paris, a fim de iniciar seus estudos superiores.

**1641** — La Fontaine é admitido na casa-mãe do Oratório, em Paris, onde ingressará também, mais tarde, seu irmão Claude.

**1642** — *Outubro?* — Excluído ou voluntariamente, abandona os estudos eclesiásticos, voltando a Château-Thierry, onde lê e começa a sua iniciação poética.

**Cerca de 1646** — Regressa a Paris a fim de estudar Direito, frequentando um círculo de jovens poetas palatinos.

**1647** — *10 de novembro* — Assinatura do contrato de casamento entre Jean de La Fontaine e Mane Héricart, de uma boa família, a dos La Ferté-Milon.

**1652** — La Fontaine compra um lugar nos Serviços de Águas e Florestas.

**1653** — *30 de outubro* — Batismo em Château-Thierry de Charles de La Fontaine, filho do poeta.

Crê-se que Charles foi educado por Maucroix, seu padrinho, vindo a exercer modesto lugar nas finanças, sem que seu pai se preocupasse com ele.

**1654** — *Agosto* — Primeira publicação de La Fontaine: *Eunuco*, comédia imitada de Terêncio, em cinco atos e em verso. A obra não foi assinada.

**1658** — *Março ou abril* — Morte do pai de La Fontaine, que deixou uma herança complicada. Obrigado a contrair empréstimos e, em face das dificuldades monetárias, decidiu, de comum acordo, separar-se da esposa, separação que parece ter ocorrido no princípio de 1659.

*Depois de junho* — La Fontaine oferece a Fouquet seu poema *Adonis*.

**1659** — Dedicar a Fouquet *Le Songe de Vaux*.

**1660** — Pelo Carnaval, La Fontaine faz representar em Châ-

teau-Thierry por comediantes amadores um *ballet*, *Les Rieurs du Beau Richard*.

**1661** — Durante o verão, La Fontaine e Racine (dezoito anos mais jovem) vêm-se freqüentemente, pois fazem parte de um grupo que se diverte.

*17 de agosto* — Fouquet dá em Vaux uma festa em honra do rei, à qual assiste La Fontaine. Molière apresenta, nessa ocasião, pela primeira vez, *Fâcheux*.

*5 de setembro* — Fouquet é preso em Nantes e La Fontaine perde o seu protetor.

**1662** — *Março?* — Publicação, sem autoria, da elegia *Aux Nymphes de Vaux*. Em uma *Ode ao Rei*, La Fontaine defende Fouquet.

**1663** — *23 de agosto* — Seu tio Jannart é enviado para o exílio, em Limoges, e La Fontaine, voluntariamente ou não, acompanha-o, para voltar a Paris no fim do ano.

**1664** — *Julho* — Entra como gentil-homem na casa de Marguerite de Lorraine, duquesa de Orleães, residindo no palácio do Luxemburgo.

**1665** — *Janeiro* — publica a primeira parte de *Contos e Novelas em verso* (no fim do ano anterior, dois desses contos já haviam sido publicados em edição separada); a *Segunda parte dos Contos e Novelas* aparecerá em janeiro de 1666: a "Terceira parte" em janeiro de 1671.

Redige as citações poéticas de *Cidade de Deus* de Santo Agostinho, obra editada em junho de 1665 e fevereiro de 1667.

**1668** — *Março* — Publicação das *Fábulas escolhidas em verso*, dedicadas ao Delfim (124 fábulas, em duas "partes" de três "livros" cada uma). Apresentadas ao rei, suas primeiras fábulas despertaram sucesso.

**1669** — *Janeiro* — Publicação do romance *Amores de Psyché e*

*de Cupido*; no fim do volume, pode ler-se *Adonis*, impresso pela primeira vez. Minguado o êxito das obras.

**1671** — *Janeiro* — Vende o lugar de Château-Thierry, sua principal fonte de recursos.

No princípio do ano é publicada a *Coletânea de poesias cristãs e diversas*, em três volumes, antologia de poetas franceses, editada com o patrocínio de Port-Royal. La Fontaine dedica o seu trabalho ao príncipe de Conti.

Alguns dias mais tarde, aparece a terceira parte dos *Contos*. E, em março, publicam-se *Fábulas escolhidas e outras Poesias*, volume que inclui diversas obras e oito fábulas inéditas que reaparecerão nos livros de 1678 e 1679.

**1672** — *Fevereiro* — Morre a duquesa de Orleães, perdendo La Fontaine a última fonte de suas rendas.

**1673** (?) — La Fontaine torna-se hóspede de M.<sup>me</sup> de La Sablière (Marguerite Hessein), em cuja casa teria vivido cerca de vinte anos.

Publica *Poema do cativo de São Malc*.

Morre Molière, em fevereiro, dedicando-lhe La Fontaine um epítáfio.

**1674** — Com Racine e Boileau, La Fontaine entra no grupo de poetas protegidos por M.<sup>me</sup> de Montespan e sua irmã M.<sup>me</sup> de Thiange. Escreve *Daphné* e *Florentin*.

Publica *Novos Contos*, obra que a polícia proíbe.

**1678-1679** — Publicação de cinco novos livros, dedicados a M.<sup>me</sup> de Montespan (são os livros VII e XI das edições modernas).

**1678-1680** — Celebra em versos a paz de Nimègue e a beleza da nova favorita, Mlle. de Fontange.

**1681** — *Agosto* — Publicação de uma tradução dos *Êpitres* de Sêneca a Lucílio, obra de um primo do poeta, Pierre Pintrel; La Fontaine redigiu em verso francês as citações poéticas que Sêneca escrevera em prosa.

**1682** — Em janeiro, publicação do *Poema de Quinquina*, dedicado à duquesa de Bouillon, pequeno volume seguido de dois novos contos e de dois libretos de ópera, *Galatéia*, inacabada, e *Dafné*.

**1683** — *6 de maio* — Primeira apresentação na Comédia-Française, sem nenhum sucesso, da comédia de La Fontaine, *Le Rendez-vous*, cujo texto se perdeu. Pretende-se que as cinco comédias (*Ragotin*, *Le Florentin*, *La Coupe enchantée*, *Le veau perdu*, e *Je vous prend sans vert*) atribuídas por certos editores, desde o século XVIII, a La Fontaine, seriam de Campmeslé.

*15 de novembro* — La Fontaine é eleito para a Academia Francesa, sucedendo a Colbert; mas Luís XIV, que deseja ver eleito Boileau, seu historiador, não autoriza os acadêmicos a "consumar" a eleição.

**1684** — *Abril* — Boileau é eleito e logo se efetiva também a eleição de La Fontaine. A recepção tem lugar em 2 de maio.

**1685** — Publicação das *Obras de prosa e de verso dos senhores Maucroix e de La Fontaine*, dois volumes, um dos quais do nosso poeta, incluindo diversas peças, cinco contos, poemas e onze novas fábulas que reaparecerão na edição de 1694.

**1687** — Edição reduzida de *Épitre* a Huet. Na querela entre antigos e modernos, na Academia, La Fontaine defende os primeiros, mas não ostensivamente.

**1691** — *Novembro* — Na ópera, *Astrée*, tragédia lírica de La Fontaine não irá além das seis representações.

**1693** — Adoecendo gravemente no fim do ano anterior, um sacerdote procura convertê-lo.

*12 de fevereiro* — La Fontaine lê, perante uma delegação da Academia, uma declaração renegando os *Contos* e comprometendo-se, se Deus lhe der saúde, a "passar seus dias em penitência" e a compor "obras piedosas".

*Setembro* — Já restabelecido, publica a última parte das *Fábulas*, o livro XII das edições modernas: catorze fábulas são acrescen-

tadas às já publicadas em 1685.

**1695** — *13 de abril* — Jean de La Fontaine morre, em Paris, na casa da família d'Hervart.



*Produzido em colaboração:*



*Digitalização:* **LENE / DS**

*Formatação / Revisão:* **SAYURI / TD**

**TOCA DIGITAL**